

ELDES SAULLO

A VIDA É DOCE

A história de imigrantes italianos em busca
da felicidade no Brasil do Século XX



CASA DO
ESCRITOR



ELDES SAULLO

A VIDA É DOCE

A Vida é Doce

*A História de Imigrantes Italianos em Busca
da Felicidade no Brasil do Século XX*

Eldes Saullo



Passa-Quatro-MG
2019

A Vida é Doce

*A História de Imigrantes Italianos em Busca
da Felicidade no Brasil do Século XX*
de **Eldes Saullo**

Editor

Eldes Saullo

Revisão

Triza Saullo

Apoio

Cibal

Projeto Gráfico e Editorial

Casa do Escritor

casadoescritor.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S256v Saullo, Eldes, 1969-.
A Vida é Doce - A História de Imigrantes Italianos em Busca da
Felicidade no Brasil do Século XX / Eldes Saullo. – Passa-
Quatro, MG: Casa do Escritor, 2019.
15,5 x 23 cm

ISBN 978-1079981018

1. Ficção brasileira. 2. Literatura brasileira – Romance. I. Título.

CDD B869.3

Reservados todos os direitos. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida por fotocópia, microfilme, processo fotomecânico ou eletrônico sem permissão expressa do autor.

Índice

[A “Pequena Pixous”](#)

[A Mulher Sem Peitos](#)

[A Grande Decisão](#)

[No Convés](#)

[Ilha das Flores](#)

[Juízo!](#)

[O Vendedor de Fumo](#)

[Revoluções](#)

[Negócios Arriscados](#)

[A Vida é um Baile](#)

[Pau a Pique](#)

[Alegria, Alegria](#)

[Um Cigarro, Por Favor!](#)

[O Pretendente](#)

[Minha Irmã](#)

[Namora Comigo?](#)

[Olha o Leite!](#)

[Sagrado Coração](#)

Pedra das Emas

Perto e Longe

Outra Brasileira

Nhá

A Vida é Amarga

Uma Condição

O Hábito do Brasileiro

Sposa Bagnata, Sposa Fortunata

Mãos Italianas

A Vida não é Nada

Poleiros

A Escada de Jacó

Wara'ná

Amarelos

“A Especialista”

Madrugadores

A Sociedade Guaranita

Sobre Trilhos e Filhos

Esplendor

Xícaras

No Bico

Um Natal Para Esquecer

A Vida Muda

Luzes da Cidade

Quero Ser Industrial

A Vida é um Risco

O Empréstimo

Portas e Portões

Sabor Sem Igual

Ferroadas

Gerações

A Hora Perdida

Ilusões

A Vida é Curva

Saudades

A Vida Se Repete

Santa Terezinha

Arrivederci

A Vida é Doce

Para Arcangelo Saullo

Agradecimentos

Este livro não seria possível sem a colaboração de muitas pessoas.

Quero começar com um agradecimento especial ao meu pai, Rafael Saullo, pelas dezenas de histórias contadas e pela disposição em transmiti-las com ternura. E à minha mãe, Lourdes Barbato Saullo, por confirmar ou reforçar os fatos com suas lembranças e por seu amor.

Agradeço aos meus tios, Gracia, Ninfa, Maurinho, Cesar e Elídia, por contarem partes de suas lembranças, com palavras e fotos, que ajudaram a recheiar a trama.

À Tia Tereza e Tia Edith, que narraram com detalhes e presteza acontecimentos de quase um século atrás como se tivessem ocorrido ontem. À prima Aurea Scomparim, por compartilhar um pouco da história de Tio Abílio e Tia Zilda.

Agradeço à Cibal, pelo patrocínio e pelo apoio para preservar as histórias da família e, com isso, uma parte importante da sua própria história.

Agradeço aos cartórios de Itanhandu, à Caroline Guedes, Frederico Mendonça, Zélia Monteiro, Silvana Pinto Monteiro, Ana Maria Ribeiro, Isaurita Almeida e Luis Fernando Almeida Pinto, que me ajudaram a traçar a história da Cibal, desde o princípio em 1939.

Às pessoas com quem conversei, algumas com tempo, outras no meio da rua, que me ajudaram a resgatar personagens ou a compor lembranças de uma época ou, ainda, a juntar os fios da meada, indicando o melhor caminho para encontrar as informações que procurava. Muito obrigado Gualter Negreiros de Andrade, Ana Heloísa Ribeiro, Marcos Antônio Esteves da Fonseca, Elisa de Oliveira Scarpa, Luis Orlando da Costa (Rosa Branca), Fábio Motta, Henrique Scarpa, Evaldo Marinho e Rogério Marinho.

Agradeço aos meus irmãos, Fabrício, Rafael e Patrícia.

Aos meus filhos, Argus, Athos, Triza e Enzo, amores da minha vida.

Um viva especial para Triza Saullo, que além de uma filhota adorável, é uma exímia revisora.

À Cristiane Andrade, pelo seu apoio, inspiração e doçura.

Prefácio

Meu filho, estas páginas, que narram a nossa história, me levaram a reviver meu passado, já distante. Não como um crítico, mas sim como um artista que está dentro da criação em andamento, que orienta e participa efetivamente.

Com a globalização, muitas famílias vivem hoje sem raiz no passado. Este livro veio oferecer aos nossos descendentes essa raiz, uma pesquisa do passado com a qual possam ler o presente e encontrar consigo e com seu futuro.

Toda família tem uma história, mas cada família olha a sua história com um olhar próprio, descobrindo valores e qualidades que outros não descobrem, porque não possuem o mesmo olhar.

A leitura deste livro pode ser feita tanto por aqueles que estão do lado de fora da história, como por aqueles que estão dentro. Este livro estabelece um vínculo todo especial e particular em nossa família.

Obrigado, Eldes, por ter realizado o sonho de sua avó: “Um dia poder escrever um livro contando a história de nossa família.”

Que Deus continue te abençoando com o dom da Sabedoria.

Seu pai que te ama,

Rafael Antônio Saullo

Nota do Autor

O que um bucólico vilarejo italiano tem a ver com uma adorável cidadezinha mineira em outro continente, a dez mil quilômetros de distância?

O que a dedicação tem a ver com a gratidão?

O que o sabor tem a ver com o amor?

É o que você vai descobrir nesta história que não difere muito das histórias a que está acostumado, dos contos de fadas, dos romances, pois fala de uma busca comum a todo ser humano, da procura pela felicidade.

Podemos dizer que é uma história de ficção baseada em fatos reais ou uma história real com pinceladas de ficção. Mesmo que talvez os acontecimentos não tenham se dado da maneira com que foram narrados, eles contêm sua essência.

Foi um trabalho longo de pesquisa, de procura por informações que ilustrassem, da maneira mais real possível, cada época, cada passagem. E ainda com o tempero da história de Passa-Quatro, Itanhandu, do Brasil e do Mundo. Foram muitas manhãs, tardes, noites e fins de semana, vivendo na pele dos personagens de carne e osso em seus cotidianos em um tempo em que eu nem era nascido. Também foram muitas conversas, especialmente com meu pai, ouvindo, compartilhando e validando fatos e acontecimentos.

Alguns nomes foram mudados para preservar a identidade das pessoas envolvidas. Personagens foram criados, como coadjuvantes de alguns eventos. Diálogos foram sonhados. As duas cartas foram transcritas de cartas reais. Como ouvi muitas pessoas, contradições ocorreram especialmente quanto à precisão de datas. Escolhi a versão que conduzia melhor a trama.

Tentei fugir ao máximo da narrativa biográfica sem sal e refogar tudo com o molho do romance, uma pitada de drama e um cadinho de humor. Creio que a mistura rendeu uma história familiar bem particular, mas com a universalidade das relações de todas as famílias.

Se eu consegui ou não acertar o ponto da massa, só você pode decidir.

A macarronada está servida!

Com Amor e Gratidão,

Eldes Saullo

“O valor das coisas não está no tempo que elas duram, mas na intensidade com que elas acontecem. Por isso existem momentos inesquecíveis, coisas inexplicáveis e pessoas incomparáveis.”

Autor Desconhecido

A “Pequena Pixous”

Pisciotta, maio de 1915

— É mais um *bambino*!

Raffaele tomou o bebê das mãos da cunhada logo depois dela cortar o cordão umbilical e sorriu para Grazia. O choro do recém-nascido, um canto aliviado de quem emerge sem fôlego de um mergulho profundo, tomou o casebre, inundado pela luz débil e adocicada do Mediterrâneo esparramada através da janela. Grazia vagarosamente substituiu a expressão de dor em seus olhos e retribuiu o sorriso, apreciando o marido, que praticamente esfregava seu farto bigode no rosto ensanguentado do filho. A cunhada, então, enrolou-o em um pano com todo cuidado e o colocou com jeito no colo da mãe, que agora soluçava de alegria.

— Como quer chamá-lo? — murmurou Grazia, ainda ofegante na enorme cama de ferro que praticamente tomava todo o cômodo.

— Mauro Giuseppe Francesco Saullo! — exclamou o pai, sem hesitar, enquanto observava a esposa levar o bebê ao peito.

A mãe deslizou os dedos levemente sobre as bochechas rosadas do garoto, que sorvia o néctar materno com urgência, e concordou com um largo sorriso:

— *Ciao*, Mauro!

Era o segundo filho de Raffaele e Grazia, “*terrone*s” que viviam em Pisciotta, um vilarejo esquecido pela elite europeia na Província de Salerno, região da Campânia, no então Reino da Itália. Encravada em uma colina baixa e íngreme com vista para o Mar Tirreno, a comuna em cujos flancos fluíam as torrentes do Fiori e do San Macario tinha, em 1915, pouco mais de 3.500 habitantes, em sua maioria agricultores que ganhavam a vida com uvas, azeitonas e trigo. Raffaele trabalhava como lenhador. A casa onde moravam ficava em Caprioli, vilarejo pertencente à comuna.

Pisciotta vem do grego *Pixous*, cuja tradução, curiosamente, é “bebida”. A pequena aldeia se tornou *Pixoctum*, após os Romanos a tomarem dos sarracenos e, ao longo dos anos, se transformou em *Pissocta*, depois *Pichotta*, até finalmente se tornar Pisciotta. A raiz da palavra dá nome a um arbusto, o buxo, símbolo de determinação e trabalho. O destino de Mauro Saullo estava selado desde a sua origem.

Do outro lado do Atlântico, em um povoado chamado Cristina, no sul de Minas Gerais, mais precisamente em uma fazenda nas terras do Alferes Olímpio Noronha, uma menina também recebia um prenúncio de sua sorte.

A Mulher Sem Peitos

Cristina, 1918

Dulce e Dedé ficaram escondidas atrás do sofá, esperando que o pai abrisse a porta. Zé correu para dentro, com medo. A noite de inverno começava mais cedo e eles nunca haviam visto alguém chegar àquela hora, ainda mais naquela escuridão. Antônio, o pai das meninas, destrancou a porta e eles puderam ver a silhueta de uma mulher negra, de cabelos grisalhos escorridos pelo tempo e pelo vento, vestida em trapos humilhantes. Ouviram, sem entender, a breve conversa que o pai teve com ela e arregalaram os olhos quando a mulher entrou. Áurea, a mãe, a recebeu com um sorriso e a conduziu para um dos quartos da casa da fazenda. Dulce era uma menina agitada. Crescia entre cabritos, galinhas e bezerros, e desenvolveu uma perspicácia inigualável para seus seis anos. A segunda filha dos Noronha Pereira, dois anos mais nova que Dedé e dois anos mais velha do que Zé, era elétrica. Casados há pouco mais de nove anos, Antônio e Áurea também tinham os gêmeos Geraldo e Sebastião e esperavam o sexto filho.

Mais tarde, sentados à mesa do jantar, as crianças aguardavam ansiosas a inesperada visita noturna. A mulher apareceu na porta da sala de jantar transformada, vestia uma roupa doada pela mãe e era outra pessoa de banho tomado. Em uma das pontas da mesa, Antônio bebericava um conhaque, impassível. Alisou o ralo bigode que cultivava desde o casamento. Áurea retirou a panela de sopa do fogão e convidou a misteriosa mulher para se sentar com a família, no que foi prontamente atendida. O jantar começou em silêncio até que Dulce não se conteve de curiosidade:

— Qual é o seu nome?

Antônio e Áurea se entreolharam, mas não a repreenderam. A mulher terminou de engolir uma colherada bem servida do caldo feito de couve e fubá e sorriu para ela.

— Maria...

Dulce olhou para a irmã, que também se chamava Maria.

— O mesmo nome da Dedé! — E apontou para a irmã mais velha com um largo sorriso.

— Dulcinha, termine sua sopa. — interveio a mãe sem perder a ternura.

— Menina esperta! — exclamou a visitante.

Seus olhos tinham um brilho azul e a boca corada sobre a pele muito branca lhe davam uma aparência angelical, muito diferente da maltrapilha que batera à porta há pouco. Ela comeu mais um pouco e depois perguntou o nome de cada uma das crianças. Áurea as apresentou uma a uma. A mulher olhou para Dulce com um sorriso satisfeito.

— Para você dou o Sol!

A voz suave tomou conta da mesa, como se entoasse um poema antigo e conhecido. E virando-se para Dedé, emendou:

— E para você, dou a Lua!

No dia seguinte, Dulce pulou cedo da cama e correu descalça e de pijamas pelo enorme corredor de tábua corrida, que fazia a ligação entre os quartos. Parou diante da porta entreaberta de onde a andarilha passara a noite. A luz da manhã inundava as janelas com seus raios amarelos e ela percebeu a cama desarrumada, mas nenhum sinal de Maria. Com um dedinho, empurrou de leve a porta e viu que ela estava diante da penteadeira, sem a roupa que Áurea lhe dera na noite anterior, pronta para vestir os mesmos trapos com que chegara. Mas a visão a deixou intrigada. Antes que ela percebesse sua presença, Dulce deu passos para trás, pé ante pé, e voltou em disparada para seu quarto. A mulher não tinha peitos.

Dulce ficou sabendo que a visitante tinha ido embora sem se despedir de seus pais. A família se apertou no carro até o arraial de Cristina para tentar encontrá-la. Mesmo com uma descrição precisa de suas feições e do que vestia, ninguém tinha ouvido falar ou visto uma andarilha por aquelas bandas naqueles dias.

A Primeira Grande Guerra deixava marcas profundas na Europa e obrigava alguns italianos a tomarem drásticas decisões.

A Grande Decisão

Pisciotta, 1924

O Reino da Itália havia sido deixado de fora dos tratados pós-guerra e a crise ganhou proporções insustentáveis. Enquanto a parte mais desenvolvida sofria com greves gerais, o Sul explodia em conflitos pela reforma agrária. A ameaça da revolução, que fez ascender os partidos comunista e socialista, foi interrompida pelos conservadores e pelo surgimento do *Partito Nazionale Fascista*. Em 1922, Benito Mussolini assumiu o cargo de primeiro-ministro e as promessas de requisição e redistribuição de terras não cultivadas foram frustradas.

Raffaele percebeu que seria impossível manter-se, mesmo como lenhador, e sustentar sua família, que além do primogênito Ângelo e de Mauro, agora também contava com Pedro e com a caçula Gaetana. Na cozinha, onde uma lamparina sobre o fogão a lenha bruxuleava e mal distinguia as silhuetas, ele contou sobre a decisão que havia tomado:

— *Nova York?* — indagou Grazia, incrédula.

— Em uma mina de carvão na região. Nossos filhos estão crescendo e não vejo futuro para eles aqui. Lá tem trabalho. Vou à frente e depois de me estabelecer, vocês vão.

— Por que não o *Brasile*, como seus irmãos?

— A America é mais promissora...

— Mas Raffaele, ouvi histórias horríveis sobre a viagem. Minha prima perdeu dois filhos antes mesmo de desembarcar. Um de sarampo e o outro de cólera. Sem contar o que falam sobre os piolhos...

— Nós não temos outra opção, mulher. A Itália acabou. Se ficarmos aqui vamos todos morrer de fome. Ângelo já é um homem. Pode te ajudar

com as crianças quando você for. E Mauro, Pedro e *la picolla* Gaetana são fortes.

—E quando você pretende ir? — indagou Grazia, sem esconder o medo que tomava conta de seu rosto desde que aquela conversa começara.

— Em breve. Já estou com os passaportes. Eis o seu e o de Ângelo — disse, apertando os documentos nas mãos dela — As crianças não precisam, estão indicadas aqui, no seu. Tão logo chegue lá e as coisas engrenem, te escrevo e você parte com eles. — respondeu o marido, enquanto sorvia o último gole da caneca de *grappa*.

— Deus nos ajude!

— Não se preocupe. Nada vai nos separar. — Ele completou.

Três meses depois, Grazia recebia uma carta de Raffaele com notícias de que estava deixando os Estados Unidos rumo ao Brasil, pois extrair carvão não era nem de longe parecido com cortar lenha. Junto com a carta, as informações do destino para onde ela deveria partir com os filhos e se encontrar com ele: Passa Quatro, Minas Geraes, Brasil. Na carta de resposta, ela o informou que estava grávida novamente.

No Convés

Nápoles, 1926

Do gradil do “Giulio Cesare”, Mauro observou o porto se distanciando. No céu, já marcado pelas primeiras estrelas da noite, as chaminés desenhavam um rastro elétrico de fumaça no ar, como se demarcassem um fio etéreo que nunca o deixaria esquecer suas raízes. Alheio aos irmãos e à mãe, que conversava com um casal de Salerno, sentia a brisa melosa do Mediterrâneo, enquanto as luzes de Nápoles esvaneciam no horizonte. Um filme com as lembranças dos parques onze anos em Pisciotta passeavam em sua cabeça como as gaivotas, que insistiam em rodear a embarcação em seus primeiros movimentos pelas águas do Tirreno.

— Mauro, do que a gente vai brincar quando chegar no Brasil? — perguntou a irmã, puxando a barra de sua calça e o tirando do transe.

— Não sei, Tanina. Quando a gente chegar lá a gente vê. — O menino respondeu sem tirar os olhos do horizonte.

— Brasileiros não brincam! — provocou Pedro, que ouvia a conversa, aproximando-se do gradil e colocando as mãos sobre os ombros da caçula dos Saullos.

— Não enche, Pedro! — exclamou Mauro, olhando para a reação da pequena Gaetana, que não deu muita importância para o comentário e respondeu com veemência:

— Brincam sim! Eles são alegres! O papai disse na carta!

Mauro e Pedro riram e passaram a mão na cabeça da irmã.

— Crianças, vamos entrar! Hora de dormir! — A voz de Grazia soou em suas costas.

Mauro virou-se e admirou o olhar terno da mãe, as mãos em torno da barriga de seis meses. A família em breve ganharia mais um integrante. Eles ainda não sabiam se seria mais um irmão ou mais uma irmã. O fato é que Ninfa já se movimentava para chegar ao mundo. E nasceria *brasiliana*.

Os próximos trinta dias de suas vidas seriam sobre um amontoado de ferro e madeira deslizando com vagar sobre a imensidão do Atlântico. E eles ainda não faziam ideia do que os esperava no desembarque no Rio de Janeiro.

Ilha das Flores

Rio de Janeiro, 9 de fevereiro de 1926

— Mauro, corra aqui! Estamos chegando! — berrou Tanina com a alegria estampada nos gestos.

Os primeiros raios da manhã inundavam o azul da Baía de Guanabara, contrastando com a silhueta ainda adormecida do Pão de Açúcar. O “Giulio Cesare” seguia impávido, rasgando as águas do Atlântico no mesmo ritmo de sempre. O cheiro suave da maresia tomava conta do convés e a visão da Cidade Maravilhosa reavivou os corações daqueles que, por trinta longos dias, só viram água e céu por todos os lados. Uma lufada de alívio na dor por aqueles que não aguentaram a viagem e agora jaziam nas profundezas do mar.

Felizmente para Grazia, seus cinco filhos passaram incólumes ao sarampo e aos piolhos. A exceção foi o trabalho que Ninfa dera na barriga, um enjoio atrás do outro. No começo da viagem, ela mal distinguia se era por conta da gravidez ou do balanço das ondas. Nos dias em que as crises se agravavam e ela não conseguia comer, o que salvava era o pão que Mauro trazia da padaria do navio. Ele fez amizade com os padeiros da embarcação e, para passar o tempo, ajudava a preparar as massas em troca de poder levar alguns pães para os seus no fim do dia.

— Atenção, passageiros! — A voz metálica do imediato ecoou pelos autofalantes espalhados pelo convés, interrompendo o transe de quem se depara pela primeira vez com tal paisagem. — Desembarcaremos em trinta minutos no porto do Rio de Janeiro. Vocês serão levados para a Ilha das Flores, onde ficarão em quarentena até que as autoridades os liberem para seus destinos.

— “Quarentena”? — exclamou Pedro com uma enorme interrogação nos olhos.

— *Si, mio figlio*, quarentena foi o que ele disse. — suspirou Grazia.

Ângelo e Mauro trocaram olhares de desânimo, sem se descuidarem de Tanina, pendurada no gradil e ainda maravilhada com a entrada triunfal do navio na baía.

— O que é uma quarentena, *mamma*? — questionou Pedro.

Antes que Grazia pudesse responder, Ângelo se adiantou com mau humor:

— Vamos ficar quarenta dias presos!

— Ângelo! — gritou Grazia, estupefata com a insensibilidade do filho mais velho. Depois se virou para Pedro e, repousando uma das mãos em seu ombro, disse com cuidado — *Figlio*, o governo brasileiro precisa observar todos os passageiros para saber se todos estão bem, saudáveis e que não há doenças que podem se espalhar por aí. Por isso, vamos para um lugar onde ficaremos quarenta dias em observação. Mas não é uma prisão. Seu pai disse que é um alojamento e que é muito divertido!

— *Merda!* — exclamou Mauro.

— Mauro! Não fala palavrão! — retalhou Tanina com a autoridade de uma menina de quatro anos.

Ele voltou-se emburrado para a paisagem, não sem antes perceber também o olhar de reprovação da mãe. A visão do teleférico deslizando entre o Morro da Urca e o Pão de Açúcar o fez esquecer por um instante que ainda teria que esperar mais de um mês para rever seu pai.

O navio atracou na Base Naval da Ilha das Flores e os Saullos foram conduzidos ao alojamento. A hospedaria recebia os imigrantes de baixa renda que chegavam no Brasil. Todos os passageiros de terceira classe eram obrigatoriamente conduzidos para lá, onde recebiam tratamento médico e orientações em relação a seus destinos. A quarentena fazia parte das medidas que o governo brasileiro adotara para promover a imigração. O que também incluía assegurar ao imigrante hospedagem e transporte gratuito até o lugar que preferisse, dando-lhe plena e completa liberdade de se estabelecer na cidade que escolhesse para sua residência, bem como a garantia de acesso a terra, sementes e instrumentos de trabalho. O que Grazia não sabia era que o sistema também funcionava para a proteção

deles, pois o Rio de Janeiro era um lugar infestado de doenças. Mas Passa Quatro ficava logo ali.

Juízo!

Passa Quatro, 1928

Logo que chegou ao Brasil, depois da malfadada experiência nas minas de carvão na América do Norte, Raffaele conseguiu trabalho em uma empresa de pesca. Ele pegava a carga de peixes no Rio e levava para o interior, especialmente para o Sul de Minas. E se estabeleceu em Passa Quatro, onde seus irmãos Francesco e Pietro já moravam há três anos.

A cidade tinha um quê de paraíso. Encravada bem no meio de um vale, logo após cruzar a Garganta do Embaú na Serra da Mantiqueira, transpirava ar puro e progresso, que tomava conta de suas ruas e vielas, do comércio e das indústrias, que floresciam como os ipês de setembro. Distribuídas ao longo da linha férrea e de um rio cristalino, as casas reluziam protegidas pelo verde imponente das montanhas. Quem descia a serra, vindo do Vale do Paraíba, se deparava com uma profusão de telhados vermelhos faiscando sob o sol e tinha certeza de que estava em um lugar mais perto do céu. As ruas fervilhavam com homens de chapéu em ternos bem cortados e mulheres de sombrinha em vestidos vistosos, que trocavam bons dias e sorrisos cordiais em um balé cotidiano.

Antes dos italianos, Passa Quatro era um povoado habitado por lavradores e descendentes de fidalgos portugueses, os Ribeiro Pereira, os Motta Paes, os Guedes e os Lamin. Outras famílias também se juntaram ali, motivadas pelo clima e pela proximidade com a capital e com São Paulo. Siqueiras, Almeidas, Campos e Vieiras, entre outros, formavam as principais famílias da Vila de Passa Quatro. O nome vinha do fato de se ter que cruzar o rio quatro vezes, antes de chegar ao fim do vale.

A família Saullo se reuniu novamente dois anos após a Vila de Passa Quatro ser elevada à categoria de cidade. Ninfá nasceu cheia de problemas respiratórios, talvez pela ansiedade de Grazia antes da viagem e também por conta do esforço que fez nos quase três meses que levou de Pisciotta a

Passa Quatro. Morreu pouco depois de completar dois anos. Quando a menina se foi, ela já estava grávida novamente. E Chico se tornou o primeiro Saullo concebido e nascido no Brasil. O problema é que, na chegada ao país, Raffaele teve o sobrenome trocado pelo escrevente na expedição do documento do imigrante. Em vez de Saullo, o italiano foi registrado no país como Raffaele Saulle. E Chico foi o único integrante da *famiglia* a receber o sobrenome adaptado.

Naquele ano, outro imigrante italiano, Giuseppe Pistone, assassinou sua esposa, Maria Fea, antes de desembarcar no Porto de Santos. Escondeu seu corpo em uma mala. O “crime da mala”, como foi chamado pela imprensa, ganhou ampla cobertura na época, gerando comoção popular.

— O que você está lendo, *mamma*? — Tanina perguntou, sentando-se ao lado de Grazia no sofá da sala.

— Uma revista, filha. Chama-se O Cruzeiro.

— A senhora já está entendendo bem o português?

— *Più o meno*, Tanina. Mas ler essas coisas ajuda a gente a aprender mais palavras.

A casa já exibia uma nova mobília, já que todos os móveis anteriores foram vendidos na Itália para arrecadar fundos para a viagem. Eles trouxeram apenas algumas roupas e objetos pessoais. Os móveis, apesar de novos para eles, eram usados, já que o que Raffaele ganhava vendendo peixe não era lá grandes coisas. O sofá era simples, mas confortável, e exibia um verde musgo entrecortado por quadriculados mais escuros. Em uma das paredes, uma cômoda estreita com meia dúzia de gavetas fazia a função de aparador e exibia alguns dos poucos objetos que haviam cruzado o Atlântico — um candelabro de prata com bocais para três velas, um vaso que Grazia ganhara de presente de sua mãe, Antonia, enfeitado com uma Amarílis branca, e uma caixa de música em madeira com detalhes em ferro que, quando aberta, exibia a ilustração de cavalos em um pasto e vibrava, com palidez, as primeiras notas de *Fur Elise*.

Ângelo, o primogênito, saiu arrumado do quarto e cruzou a sala, parando diante do espelho que ficava quase ao lado da porta. O perfume cítrico que exalava o precedeu.

— Aonde você vai, filho? — perguntou Grazia, ainda imersa nas imagens da revista.

— Vou me encontrar com uma moça, *mamma*. — balbuciou, alisando o belo bigode diante do reflexo de alguém que já se achava um homem.

Grazia levantou os olhos e, antes que pudesse dizer alguma coisa para o filho, foi ultrapassada pela curiosidade da caçula:

— Quem é ela, Ângelo? — exclamou Tanina se ajoelhando no sofá e colocando as mãos sobre os joelhos.

— Ela é *brasiliana*? — inquiriu Grazia, quase ao mesmo tempo.

O filho mais velho alcançou rapidamente a fechadura da porta principal, acenou com a palma de uma das mãos e saiu sem responder às perguntas da mãe e da irmã, mas ainda a tempo de ouvir um “Tenha juízo!”.

Tanina riu e voltou-se para a revista nas mãos da mãe, que agora tinha os olhos absortos no nada.

— Soube que Ângelo está saindo com a sobrinha do vice-prefeito, *mamma*...

O Vendedor de Fumo

Passa Quatro, 1929

A produção e a comercialização de tabaco eram apenas uma parte das diversas atividades agropecuárias desenvolvidas no Sul de Minas, desde a primeira metade do século XIX. Junto com o milho, o café, o açúcar — o que também incluía a aguardente de cana — e muitos produtos de origem animal, como o toucinho e a carne seca, moviam a economia dos habitantes da região. Os caminhos mercantis do fumo eram extensos. A maior parte da produção era absorvida pela capital do país, o Rio de Janeiro, escoada através de trens e caminhões. De lá, o fumo era distribuído para outras praças brasileiras e até exportado para o Uruguai e Argentina. E Passa Quatro se tornou um ponto primordial nesta rota, já que era uma das passagens menos íngremes para se chegar ao outro lado da Mantiqueira, na divisa com Rio e São Paulo. Algumas famílias tradicionais passaquatrenses, como os Guedes e os Almeidas, cultivavam e produziam o fumo.

O tabaco é uma planta típica do inverno, não resiste ao calor. Era plantada entre fevereiro e março, usando mudas das safras anteriores, geralmente após o cultivo do milho, mais resistente às altas temperaturas. O plantio tinha que ser no começo ou no final do dia, já que o sol do meio-dia impedia que as mudas se desenvolvessem. Elas cresciam em até três meses e eram colhidas entre maio e setembro. Após a colheita, só restavam os troncos, que eram então removidos para dar lugar a uma nova safra de milho.

Raffaele, atento à oportunidade e já cansado das idas e vindas semanais à capital para trazer peixes, juntou suas economias e também abriu um armazém para produzir fumo em um imóvel na Rua Ângelo D'Alessandro. O empreendimento foi batizado de “Fumo Mediterrâneo”. As folhas de tabaco, compradas em Itajubá, Cristina e Baependi, eram penduradas para murchar nos fundos da propriedade. Depois de secas, as

nervuras centrais eram retiradas, uma parte do processo de produção chamada “destala”. Com um pincel, untavam-se as folhas com uma seiva extraída do próprio tabaco e as enrolavam até formar uma corda. Para isso, utilizava-se um sarrilho, ferramenta cilíndrica de madeira acionada por uma manivela, que alguns chamavam de cambito, outros de cambota. A grossura do fumo era determinada pelo número de folhas na corda. Em seguida, o rolo de fumo era exposto ao sol, para a cura. Por dois ou três meses, a corda era torcida diversas vezes, passando de um sarrilho para outro.

Francesco, o irmão de Raffaele, que havia se metido a construir casas, também havia montado um armazém ali perto. Sua casa era praticamente do lado, em frente ao Hotel Gonçalves. Ele e o irmão conseguiram se dedicar à produção, chegando a produzir mais de meia tonelada de fumo em um ano. O maior problema deles era a comercialização, já que o trabalho exigia muitas viagens.

— Eu não quero ir pra escola, *papà*! — exclamou Mauro, ameaçando se levantar da mesa.

— Senta aí e não eleva o tom de voz comigo! — berrou Raffaele, que, empunhando um garfo e uma faca, deu um soco que estremeceu todos os talheres. — Ou você vai para a escola ou vai trabalhar! — completou, agradecendo a sorte da comida ainda não estar servida.

— Prefiro trabalhar! — optou Mauro, ainda com rispidez.

— Pois é o que fará! Amanhã mesmo, você começa a vender fumo para mim e para seu tio!

— Mas, Raffaele, ele precisa estudar — retrucou Grazia, de pé, com as mãos sobre o espaldar de uma das cadeiras. — Ele mal sabe ler e escrever em italiano. Precisa aprender o português.

— Se não quer estudar, vai trabalhar! Não quero nenhum vagabundo nesta casa.

No dia seguinte e ainda sem completar quinze anos, Mauro não retornou à escola. Com uma pasta contendo um caderno de anotações e um lápis, partiu de trem para vender suas primeiras remessas de fumo em Cruzeiro. Mas um vento de guerra soprava sorrateiro sobre as curvas da serra.

Revoluções

Passa Quatro, 1930

A tarde já desmaiava quando estampidos ecoaram pela Rua Tenente Viotti, a principal via pública de Passa Quatro. Tiros raivosos riscaram o até então pacífico entardecer no centro da cidade, ameaçando o pequeno pelotão que se escondera na esquina do Armazém do Floriano Cancelli e quem mais estivesse nas redondezas. Não fazia três meses que o Papa Pio XII havia proclamado Nossa Senhora da Conceição Aparecida como Rainha do Brasil e sua padroeira oficial.

Mauro, que brincava e observava o movimento dos soldados com alguns amigos no Jardim Julio Regnier, deu um pulo e se escondeu atrás do coreto. Precisava chegar em casa, antes que a coisa ficasse feia e sua mãe, preocupada. Com largos saltos, ascendeu pelas escadas atrás do coreto e em poucos segundos estava na rua da igreja. Antes de se dar conta, já contornava a esquina do Hotel Gonçalves com o armazém de fumo do tio, um trajeto em que não desviou os olhos de seu objetivo um único instante. As pessoas fugiam como formigas após um pisão no formigueiro, cada uma tentando sair da linha de fogo à sua maneira. Balas revoavam em todas as direções. Mais alguns passos apressados e o adolescente italiano alcançou o portão de casa.

— Entra logo, Mauro! — gritou Grazia da janela.

Ele não pensou duas vezes. Abriu o portão, subiu correndo os lances de escada, cruzou a varanda e em poucos segundos estava na sala. Ainda esbaforido, ajudou o pai e Ângelo a arrastarem o sofá e bloquear a porta, como se isso fosse barreira suficiente contra soldados armados.

Desde que a política do café com leite havia sido dissolvida pelos paulistas e Julio Prestes fora eleito, em vez de Getúlio Vargas, as coisas estavam complicadas na fronteira entre Minas e São Paulo. Ameaças, ataques e agora, dez dias depois de Prestes ser deposto, os espíritos estavam

ainda mais tensos na região, fronteira de três estados que mandavam e desmandavam na política brasileira.

— Me parece que os dezesseis soldados do Cabo Deodato não foram suficientes para segurar os Legalistas... — exclamou Raffaele, completando a barricada com uma cômoda.

— *Papà*, eles estão descendo a rua! — sussurrou Pedro, observando por uma fresta na janela.

— Sai da janela, Pedro! Vamos todos para os fundos! — gritou Grazia.

A noite foi bastante tensa na casa dos Saullos. E nas casas de todos os passaquatrenses. Tiros foram ouvidos durante toda a madrugada, bem como gritos. E vinham de todos os lados. Dos mineiros assustados e dos legalistas que bramiam ordens para que os cidadãos se retirassem.

Os ânimos só esfriaram mesmo no início de novembro, com a chegada da notícia de que a Junta Militar havia transmitido o poder a Getúlio Vargas, após a deposição de Washington Luís, o que impediu a posse de Prestes. Vargas estava no Rio, a capital do país, desde o fim de outubro. Apoiado por gaúchos e mineiros, tinha acabado de tomar também o Palácio dos Campos Elíseos, derrubando o governo paulista.

Dois anos e meio depois, a tensão voltou com a Revolução Constitucionalista. Os paulistas, insatisfeitos com o novo governo de Vargas, organizaram um movimento malsucedido para depô-lo. Novamente, o Túnel da Mantiqueira e a Garganta do Embaú, considerados pontos militares estratégicos na divisa dos estados de Minas, Rio e São Paulo, tornaram-se palco de batalhas sangrentas. Os conflitos na região culminaram com a invasão da cidade por tropas constitucionalistas que explodiram a ponte ferroviária da Rua Tenente Viotti no dia 14 de julho de 1932. Dois dias depois, o então médico-capitão e chefe do Serviço de Urologia do Hospital da Polícia Militar, Juscelino Kubitschek de Oliveira, era convocado para servir no município.

A sombra da guerra, que havia levado Raffaele e sua família a deixarem a Itália, agora voltava a ameaçá-los no Brasil. Mas, ainda assim, as notícias daqui eram preferíveis às que chegavam da Itália e da Europa,

onde uma intolerância ainda mais radical começava a tomar conta dos espíritos de alemães e italianos.

Em Cristina, outra família também se preparava para enfrentar uma tormenta.

Negócios Arriscados

Cristina, 1933

A família de Antônio Pereira e Áurea Noronha dobrou de tamanho em pouco tempo. Os seis filhos logo viraram uma dúzia. E com isso, as dificuldades também se multiplicaram. Eles moravam a algumas léguas do povoado em torno da Estação Santa Catarina, que fazia a ligação entre Soledade e Itajubá na Estrada de Ferro Sul Mineira. O casal lutava para manter a herança do pai de Antônio, Alfredo Alves Pereira, a quem todos chamavam de “paiotro”. Ele deu uma fazenda para cada filho. Antes da crise, a Fazenda da Mata, ou “Fazendinha”, como era conhecida a propriedade, tinha telefone, um luxo para a época, e as mesas eram fartas. Áurea era filha de Olímpio Noronha, que, junto com dois irmãos, lutou na Guerra do Paraguai.

Dulce e Dedé, as filhas mais velhas, já ajudavam a cuidar dos irmãos menores. Os vinte anos em uma fazenda haviam transformado Dulcinha, como a chamavam, em uma jovem dinâmica e prestativa. Andava a cavalo, tirava leite, ajudava na preparação da manteiga, cuidava dos irmãos menores. Seus olhos brilhavam quando seu pai a convocava para auxiliar na tosa de ovelhas. Junto com alguns irmãos e primos, colocava a lã de molho, lavava, esticava e fazia novelos, que depois eram despachados para Santa Catarina, de onde voltavam como cobertores.

O despencar de folhas ocre dava os primeiros sinais de que o outono chegava. Dulce se divertia no quintal, em uma corrida para capturar uma galinha junto com seus irmãos. Observando a cena da janela da cozinha, Antônio coçou a cabeça. A expressão séria em seu rosto, mesmo diante da algazarra dos filhos, que se esvaíam em gritos e risadas, não passou despercebida por Áurea.

— O que te preocupa, Nico? — Ela perguntou, sem se descuidar da panela onde um guisado de carne, batatas e cenoura já incensava a cozinha.

A barriga proeminente já indicava que o décimo terceiro filho estava a caminho.

— A gente vai precisar vender a fazenda... — confessou Antônio. — Para pagar a garantia do negócio do primo Sebastião. Ele não conseguiu arcar com as dívidas do cafezal dele, eu gastei praticamente tudo o que tinha para bancar os nossos. E agora, com o café a esse preço, vai ficar difícil. Vamos perder tudo.

Áurea largou a colher de pau, passou a mão na testa do marido, enxugando o suor que se misturava às preocupações, e disse com firmeza:

— Nico, o Senhor é nosso pastor e nada nos faltará. Tenha fé, homem. Se tivermos que vender, que vendamos. Ainda temos as vacas e as ovelhas e podemos recomeçar, talvez em outro lugar.

— Que outro lugar, Nhá? Não há lugar melhor que aqui. Vou precisar vender as ovelhas! E o gado precisa de pastos planos. Senão a carne fica dura e ninguém compra. E todo esse café? Tanto trabalho por nada... — respondeu bem devagar, sem esconder a decepção.

— Fica tranquilo, Nico. A gente vai dar um jeito. Nossa família é grande, tem muitas bocas, mas isso também significa que nossa força é muito maior — disse retornando ao fogão. — Mas por que o irmão dele não paga a dívida?

— Aquele lá é um bandido. Ameaçou me dar um tiro se eu não pagar.

— Meu Deus do céu! — exclamou Áurea, assustada.

— Pois é! — concluiu Antônio. — Basta o calo apertar para as pessoas se mostrarem quem são.

— Tenho uma amiga que mora em Passa Quatro. — Áurea disse, tentando distrair Antônio da sinuca de bico em que havia se metido. — Ela me contou que a cidade está crescendo e tem uma boa escola onde nossos filhos podem estudar. Além disso, tem muitos armazéns e fica mais perto da capital e de São Paulo.

— Vou pensar, Nhá... Vou pensar... — murmurou Antônio, que mesmo com toda a tensão que o rondava, não conseguiu conter a risada fácil, que era de seu costume, ao ver que as crianças haviam conseguido apanhar a galinha fujona e agora faziam uma festa.

E mesmo com a sombra de tempos estranhos pairando sobre suas cabeças, eles não dispensavam um baile.

A Vida é um Baile

Cristina, 1934

— Mas por que ela tem que ir, mamãe? Na idade dela, eu não podia ir nem na quitanda sozinha! — questionou Dulce, enquanto Dedé ajustava seu vestido nas costas e Dona Áurea costurava a bainha na altura do tornozelo. — Ela só tem sete anos!

— A Terezinha não vai sossegar se eu não a levar — respondeu a mãe sem tirar os olhos da linha e da agulha. — Mas fica tranquila, pois ela vai ficar junto comigo e não vai incomodar vocês.

— Eu não vou ao baile! — exclamou Dedé, virando-se para a janela.

— Como assim? — questionou Dulce. — Você tinha combinado.

— Ah, Dulcinha, o que eu vou ficar fazendo lá? Ficar olhando para você e o Walter? Não sou igual a você que vai a baile até com caxumba! — respondeu Dedé, cutucando-a com a lembrança do dia em que e se vestiu de caipira e enrolou-se em um lenço para disfarçar o pescoço inchado para não perder um baile.

— Se você não for, nunca vai arrumar um namorado! — Dulce provocou.

— Dulcinha! — ralhou a mãe. — Respeita a sua irmã. Se ela não quer ir, deixe-a em paz.

— É verdade, mamãe. Ela fica o dia inteiro no quarto, costurando... De que adianta fazer roupa se não pode usar? — Em seguida, mudou o tom. — Mas hoje eu vou concordar com ela. Vai que arruma um pretendente agora, antes da gente se mudar!

A buzina do Ford Tudor Sedan, modelo A de 1928, fez as janelas vibrarem, interrompendo a conversa e apressando os ajustes finais no vestido. No carro, que Antônio estava prestes a vender para honrar o

compromisso com o banco, ele e os filhos José, Geraldo, , que todos chamavam de Lalau, e Sebastião aguardavam a mãe e as meninas, Dulce e Julia, já que Dedé havia desistido. Em casa ficariam Omar, Paulo e Zilda, cuidando dos menores, Rita e Célio. Mesmo sendo menor do que Zilda, Tereza havia convencido a mãe a levá-la ao baile para ver como era, para desespero dos irmãos mais velhos.

— Eu vou no colo da mamãe! — gritou Tereza, enquanto subia no carro.

— Não, Terezinha! — exclamou Antônio, já impaciente no volante. — Sua mãe não pode levar ninguém no colo com essa barriga. Você vai no colo de um de seus irmãos.

— Mas papai, vai amassar nossa calça! — resmungou Omar, que se espremia junto com os irmãos no banco traseiro.

— Parem de reclamar e vamos logo! Depois que sair desamassa! — devolveu o pai, dando partida no motor, enquanto Dulce dividia o banco da frente com a mãe e Julia se apertava com os três irmãos no banco traseiro. Tereza foi no colo de Zé, seu irmão mais velho.

— Encontrei o Jorge, aquele funcionário da fazenda do Tio Cornélio, e ele me disse uma coisa muito engraçada... — disse Dulce, olhando para o pai no volante.

— O que, filha?

— Que um dia vão pisar no rabo de um gato lá no Japão e ele vai miar aqui no Brasil!

Todos riram do disparate.

— Pai, amanhã é a final da Copa do Mundo. Itália e Tchecoslováquia! — comentou Zé, sem parecer preocupado se sua calça chegaria com vincos. — Vou torcer para a Itália, já que o Brasil não está mais no páreo.

— Eu também! — completou Dulce sem pestanejar.

— Pois eu vou torcer é para que a Tchecoslováquia ganhe! — exclamou Antônio, enquanto acelerava o fordinho, que chacoalhava com a estrada de terra, misturando poeira e fumaça.

— Viva a “chescolovaca”! — gritou Terezinha.

Uma gargalhada geral tomou conta do carro, cujos faróis rasgavam os primeiros véus da noite no trajeto que levaria metade dos Noronha Pereira da Fazendinha em Cristina ao Grande Baile Anual de Pedralva.

Dulce bem que tentou colocar um fim no namoro naquele dia, já que não queria namorar à distância. Mas Walter a convenceu a continuar, com a promessa de que a visitaria pelo menos uma vez por mês em Passa Quatro.

Pau a Pique

Passa Quatro, 1934

A casa na Rua Tenente Viotti era de dois andares e feita de pau a pique. Madeiras entrelaçadas fincadas no solo cortadas por vigas de bambu e amarradas com cipó davam a sustentação aos preenchimentos de barro, um trabalho caprichoso que nem dava a impressão de fragilidade. Quem a via antes nunca poderia imaginar no que se tornaria décadas depois. Raffaele a comprou por alguns contos de réis e a deu ao seu primogênito, logo após ele se casar com a sobrinha do vice-prefeito.

— Você não dá o mínimo valor ao que faço por você? — resmungou Ângelo, zanzando pela sala estampada pela luz fugidia das lamparinas.

— Lá vem ele... — Márcia retrucou, sem demonstrar muito interesse, esborrachada no sofá.

— Sabe, eu me sinto perdido de uns tempos para cá, nesta casa, nesta cidade, neste país. As pessoas passam por mim na rua e me perguntam “E aí, como vai, Ângelo?” e algumas vezes eu respondo, “Olá, me sinto completamente vazio hoje. E você?”.

— Você deveria arrumar alguma coisa para fazer por conta própria, em vez de ficar nas contas do seu pai. — Ela provocou.

— Alguma coisa para fazer? — questionou Ângelo, parando diante dela, sem acreditar no que acabara de ouvir.

— Sim! Algo que você possa tocar sem a sombra de ninguém. Quem sabe, com isso, as pessoas passem a pará-lo na rua e a sorrirem. E perguntarão: “Olá, Ângelo, como vão seus negócios?”.

— O que tem de errado em trabalhar com meu pai? — Ele vociferou.

— Falta de confiança, eu penso. Não sei muito bem. Você deveria fazer qualquer coisa longe, talvez vender coisas...

— Você é inacreditável! — Ângelo retrucou. Parou e ficou olhando para o quadro do Sagrado Coração de Jesus, presente de casamento do pai, por alguns instantes antes de perguntar: — O que tem para comer?

— Arroz, feijão e ovos cozidos! — Ela zuniu algum tempo depois, incrédula com a mudança repentina de assunto. — Mas eu já comi.

Ângelo endireitou a camisa para dentro da calça, apanhou o chapéu no suporte ao lado da porta e resmungou algo inaudível.

— Aonde você vai? — questionou, levantando-se do sofá com raiva.

— Não te interessa! — E saiu porta afora sem dar maiores satisfações.

Caminhando apressado pela rua central da cidade, Ângelo alcançou o portão de entrada da casa de seus pais. As poucas lâmpadas da iluminação pública somadas à noite de lua nova não permitiam que se fosse muito longe. Encontrou Raffaele, Grazia, Mauro, Pedro, Tanina e Chico na mesa e sentou-se na cadeira vaga, na ponta oposta a que seu pai estava, sem dizer uma única palavra. Raffaele continuou com os olhos firmes no minestrone, enquanto Grazia lhe deu a bênção e o convidou para comer com eles. O silêncio reinou durante todo o jantar, até que todos acabaram de comer.

— Pai, nós vamos ouvir o Programa Nacional? — perguntou Mauro, com um olhar de soslaio para o irmão, enquanto Grazia e Tanina retiravam os pratos da mesa.

— Vou dormir! O dia hoje foi muito cansativo. — Raffaele mal respondeu e desapareceu no corredor. Ninguém o alcançaria, mesmo que tentasse.

Mauro deu um suspiro e depois olhou para o irmão mais velho, que continuava cabisbaixo. Em seguida, levantou as duas sobranceiras em direção a Pedro, que também parecia estar longe. Tirou o guardanapo da gola, murmurou um palavrão pra si mesmo e dirigiu-se até o canto da sala. Girou um dos quatro botões do imponente MG Tonelli de circuito valvulado, caprichosamente construído em dois tons de madeira, e a voz metálica de Luís Jatobá tomou conta da noite:

“Boa noite! O Presidente Getúlio Vargas promulgou hoje a Lei de Segurança Nacional para coibir crimes contra a ordem pública e

social e decretou ilegal o movimento da Aliança Nacional Libertadora, liderada por Luís Carlos Prestes...”.

Alegria, Alegria

Passa Quatro, 1934

Antônio abriu a pesada porteira, que emitiu um rangido doente. Retomou seu lugar no carro e dirigiu até o descampado diante do alpendre da casa. Dulce, Dedé e Julia desceram correndo, seguidas por José, Paulo e Geraldo, e deram a volta ao redor da construção, seguindo cada grupo para um lado diferente, para observar o novo lar dos Noronha Pereira. A outra metade da família, o que incluía Áurea, grávida do décimo quarto filho, e Edith, então com um ano de vida, viria no dia seguinte, pois era impossível trazer todo mundo de uma vez. Antônio iria buscá-los, deixando a chácara e o pasto a cargo dos filhos mais velhos após o primeiro dia em Passa Quatro. Na semana seguinte viriam as vacas, em um caminhão contratado por ele para duas ou três viagens. Antes delas, o frete traria os móveis, utensílios e roupas que mantiveram após vender a Fazenda da Mata em Cristina para pagar as dívidas.

Uma das maiores forças de Antônio e Áurea era a alegria. Mesmo com uma prole tão numerosa, eles não permitiam que nenhuma amargura brotasse entre eles ou arrefecesse seus espíritos.

Dulce gostou do que viu. Mesmo não sendo do tamanho da anterior, a nova moradia era aconchegante.

— Escutem! Tem uma mina d'água ali atrás! — exclamou apontando para os fundos, com os olhos gigantes exibindo o brilho e a suavidade de seus vinte e três anos. E dirigiu-se para a beira da mina, escondida por árvores e arbustos que ela nunca tinha visto antes.

Dedé e Julia a seguiram, segurando a barra de seus vestidos. Logo em seguida, os meninos apontaram do outro lado, também curiosos com o murmurar tranquilo do fio de águas que fluía em uma paz límpida sobre uma pedra esverdeada pelo lodo. A chácara tinha poucos alqueires, mas o suficiente para ser habitada com felicidade. A estrada de terra que a ligava à

cidade era firme, mesmo nas épocas das chuvas, o que facilitava as idas e vindas ao centro. O som dos grilos juntava-se aos pios dos pássaros e ao farfalhar das árvores, promovendo uma intensa sinfonia dia e noite. Os novos habitantes do bairro de Santa Terezinha também descobriram que, aos pés de montanhas imponentes, o nascer e o pôr do sol eram um espetáculo a parte. A aurora e o crepúsculo desenhavam cores radiantes no céu.

Um mês depois, a família toda já estava instalada a oitenta quilômetros de sua origem, mais próximos da fronteira do estado. Todos colaboravam para que a casa funcionasse em harmonia. As vacas foram levadas para um lote arrendado no Retiro, próximo ao lugar que pouco mais de uma década depois viria a se tornar a Floresta Nacional de Passa Quatro. Dulce e Julia foram estudar na Escola Normal Nossa Senhora Aparecida, conduzidas pelas Irmãs da Providência. E alguns dos meninos na Escola de Agricultura e Pecuária. José, Omar e Sebastião conseguiram empregos em estabelecimentos comerciais na cidade e também passaram a contribuir para o sustento de todos.

O único problema em comparação à Cristina era a topologia íngreme do pasto para onde o gado havia sido levado, o que viria a se tornar um problema, como Antônio havia previsto. E um encontro, que mudaria seus destinos, estava prestes a acontecer.

Um Cigarro, Por Favor!

Passa Quatro, 1935

O Cine Teatro Julio Regnier acomodava quinhentas pessoas em duas longas fileiras na parte de baixo e no balcão superior. Sua nova instalação ficava bem no meio da Rua Tenente Viotti, quase em frente à escadaria da Igreja Matriz. A propriedade do Sr. Napoleão Magalhães Caminha era um dos pontos de encontro preferidos dos jovens passaquatrenses, desde que fora inaugurado no prédio da Associação Comercial, dez anos antes. Alguns saíam da missa no início da noite de sábado e iam direto para a sessão das oito. Outros preferiam as matinês do domingo. Cada lançamento era um evento social que começava já na bilheteria, se estendia pelo desfile das pessoas na sala, até se sentarem em seus lugares. E continuava depois do filme, quando as rodas se formavam ao lado de fora para comentar sobre a película da vez, ou, pior, sobre as vidas alheias.

Naquele sábado, estreava “Aconteceu Naquela Noite”. As famílias da cidade foram em peso assistir ao primeiro filme a vencer as cinco principais categorias do Oscar. Mauro, ainda diante da bilheteria, acendeu um cigarro que tinha acabado de enrolar. Ainda estava em dúvida se gastaria seu suado dinheirinho naquela bobagem. Com uma das pernas apoiadas em um poste na beira da calçada, observava as pessoas na fila para comprar o ingresso sob o bruxuleio de um lampião, apoiado no balcão que vendia guloseimas e pipoca.

— Você tem um fósforo para me ceder, amigo? — A voz surgiu do lado oposto ao que olhava e Mauro teve que se contorcer para, enfim, entender que toda aquela formalidade era para ele.

— Você quer fogo? — indagou com um sorriso debochado, observando o rapaz de terno marrom que apontava um cigarro apagado em um dos cantos da boca.

Após receber a confirmação com a cabeça, Mauro sacou uma caixa de fósforos do bolso interno do paletó, riscou um palito e acendeu o cigarro com a perícia de quem estava muito acostumado a fazer aquilo.

— Meu nome é José Noronha — exclamou o rapaz, após dar uma primeira tragada suficiente apenas para que o fogo pegasse.

— Mauro Saullo! — respondeu, voltando seus olhos para a fila que já se estendia até a esquina.

— Me mudei para cá no ano passado e... — Antes que pudesse concluir, uma moça de olhos amendoados o interrompeu, acenando com dois ingressos na mão:

— Vamos entrar logo, Zé! Desse jeito só vai sobrar assento ruim...

— Luzia, minha namorada! — Apontou José, apresentando-a a Mauro.

— *Piacere!* Mauro! — Ele a cumprimentou depois de mais uma baforada.

— Italiano?

— *Sí!*

— Você não vai assistir ao filme? — questionou José, já sendo puxado por uma das mãos da moça que insistia com um “*Vem, Zé...*”.

— Vou ficar por aqui! — Mauro respondeu sem muito ânimo.

A fila foi se extinguindo, até que o burburinho que movimentava a entrada do cinema silenciou. Mauro viu o lanterninha começar a puxar uma das cortinas que ficavam logo após a porta da sala de exibição. Apagou o cigarro no chão e correu até a bilheteria.

— Um ingresso, *per favore!*

Sentou-se na última poltrona a tempo de ver Claudette Colbert pular do iate do noivo arranjado por seu pai e cair no colo do desempregado Clark Gable. Apesar de ter gostado, foi a primeira e única vez que pisou em um cinema.

Já na praça, em uma roda formada por italianos e brasileiros, Mauro viu Dulce, irmã de José, pela primeira vez. Seus olhos se encontraram por um breve segundo, um daqueles momentos do Universo em que o tempo

congela as memórias para sempre. Porém, Dulce foi puxada por uma das irmãs e elas desapareceram na descida da Tenente Viotti, não sem antes compartilhar um segundo olhar mais rápido, mais terreno, repleto de promessas. Os sábios judeus dizem que quando duas almas parceiras se encontram, os filhos se apresentam no plano espiritual. Naqueles ínfimos segundos, Gracia, Rafael, Ninfa, Maurinho, Cesar e Elídia brincaram juntos no Céu. Mas Dulce não tinha apenas um pretendente.

O Pretendente

Passa Quatro, 1936

Walter enxugou a testa com o lenço que acabara de retirar do bolso. Os olhos fundos saltaram sobre a pele cansada da viagem de trem. A decisão já havia sido processada, mas a voz embargada mostrava que, por mais pensante que fosse o cérebro, nenhuma palavra era capaz de chegar aos pés do coração. O namoro com Dulce começara em Cristina, logo depois de Antônio começar a vender manteiga para Cornélio, seu irmão. O casal fora abençoado por Antônio e Áurea ainda no antigo lar e perduraria no novo endereço, se os enamorados assim quisessem. Mas o destino quis outro fim.

Ele chegou na manhã de uma sexta-feira e se hospedou no Hotel Gonçalves. Ao longo do dia, cumpriu sua rotina comercial, vender manteiga, soro e queijos pela cidade. Mas ele não via a hora de se encontrar com a moça que havia roubado seu coração, sem saber que o coração dela já não batia em seu peito. Sua cabeça não parava de tentar traduzir Dulce para o português. E como ela era doce! Lembrava-se de como os poucos momentos que compartilhou com ela foram únicos. Mas a realidade nem sempre tem a mesma poesia dos sonhos. Eles se sentaram em um banco de madeira na frente da chácara e trocaram amenidades, nada além das trivialidades inerentes aos reencontros.

— Eu te compreendo... — Walter balbuciou, após ouvir dela que o namoro não continuaria.

— Você vai mesmo para a Estiva? — indagou Dulce com as mãos repousadas sobre a saia.

— Sim. Eu e meu irmão estamos montando um laticínio lá. Fica mais fácil escoar a produção para São Paulo do que em Cristina. Vou abrir, inclusive, um escritório em São Paulo...

— Fico feliz por vocês — disse Dulce, complementando em seguida:
— Vou rezar por vocês.

Walter não conseguia esconder o desconforto. Ela percebeu e tentou amenizar.

— Walter, você sabe que nosso namoro não perduraria com a distância. Até poderia dar certo, mas você tem sonhos de cidade grande e eu almejo uma vida simples aqui no interior.

— E você já tem outro pretendente... — Ele alfinetou sem baixar os olhos.

— Não tenho! Você sabia da minha vontade de não continuarmos desde que parti de Cristina. — Ela rebateu sem alterar o tom de voz.

Walter se levantou e colocou o chapéu sobre a cabeça. Dulce manteve-se imóvel, observando o ex-namorado prestes a partir.

— Bom... — Ele continuou. — Vou voltar para Cristina amanhã. Depois vou pra Estiva de vez... E você não me verá mais. Entre e cuide de transmitir a notícia e minhas saudações a seus pais.

— Está bem! — Ela respondeu, sem qualquer sombra de dúvida.

— Desculpa, mas eu não sei muito bem como dizer adeus. Não consigo pensar em qualquer outra palavra para este momento.

— Não pense.

Dulce se levantou e dirigiu-se à porta da casa, sem desviar o olhar uma única vez antes de Walter desaparecer na curva além da porteira da chácara. A imagem do moço que ela vira sorrindo na praça não lhe saía da cabeça.

Minha Irmã

Passa Quatro, 1936

Dulce saiu caminhando com suas amigas da Escola Normal, onde cursava o último ano do magistério. Enquanto as amigas falavam umas com as outras, ela se imaginava em uma sala de aula, ensinando o beabá para crianças. O sonho de ser professora se avivava a cada dia. Caminhando pela beirada da linha do trem, as meninas de saias plissadas até as canelas e meias três-quartos formavam um balé descompassado ao ar livre. O sol do fim da manhã de sexta-feira cuidava para que os ipês reluzissem com mais imponência. Elas conversavam sobre a prisão de Luís Carlos Prestes e Olga Benário. Prestes fora condenado a nove anos de prisão e a mulher seria deportada para a Alemanha, onde nasceu.

— Eu acho a história deles bem romântica, apesar de triste — comentou Lúcia, a mais espevitada das amigas, sem deixar escapar um suspiro.

— Não deixa de ser. Mas tem que ter muita coragem para fazer o que fizeram. Deus tenha piedade deles! — emendou Dulce, sem desviar o olhar do destino, a estação do trem, onde elas fariam hora até que Antônio pegasse os filhos que estudavam na cidade para levá-los para a chácara.

— Piedade, Dulcinha? Eles queriam derrubar o governo e trazer o comunismo pra cá — retrucou Vitória, a amiga que adorava reclamar de tudo, ajeitando a dobra da camisa na saia.

— O máximo! — continuou Lúcia, fazendo gestos para ilustrar sua história. — Pensem bem... eles fingem que são um casal em lua-de-mel para entrar no Brasil disfarçados. Se apaixonam e se casam de verdade! Parece uma fita de cinema. Não é romântico?

— Mas agora estão presos e vão ficar separados, talvez para o resto da vida! — respondeu Vitória. — Valeu a pena?

— E ela ainda está grávida! — completou Dulce, levando as mãos aos céus.

A comarca de Passa Quatro havia acabado de ser instalada, um ano após o decreto estadual da sua criação. Na Praça Julio Regnier, Mauro e Zé fumavam com mais quatro amigos perto do caramanchão da fonte d'água. Quem via aqueles jovens de terno engomados em uma roda sob o sol do meio-dia poderia até achar que o assunto poderia ser tão sério quanto o das meninas. Mas eles falavam mesmo era de futebol, mais precisamente sobre as finais da Liga Paulista de Futebol.

— Podem chorar à vontade! — disse Mauro em tom de provocação, misturando o sotaque italiano com a puxada mineira no erre. — É o quarto título do Palestra Itália em cinco anos. Não tem pra ninguém!

— Eu ouvi o jogo! — emendou Zé. — Achei até que o Corinthians reagiria depois do gol do Filó no começo do segundo tempo...

— *Ma que* reagiria? — desafiou Mauro. — O Palestra matou o jogo no começo. E depois daquela cena que os corintianos fizeram abandonando o segundo jogo no meio, foi mais que merecido... Pouca vergonha!

Ele ainda falava agitando as mãos como um bom italiano, quando um dos amigos tocou seu ombro para interrompê-lo e apontar com os dedos. E os seis, como se suas cabeças fossem ventiladores sincronizados, viraram-se ao mesmo tempo para ver as meninas dobrando a esquina da Antônio Cardoso. Elas seguiram por baixo, rentes à mureta que servia de assento e separava a parte superior da praça da calçada, enquanto os olhares masculinos acompanharam o desfile até a escadinha que levava à fonte. Mas algo novamente aconteceu naquele breve trajeto.

Os olhos de Mauro cruzaram-se outra vez com os de Dulce. Tempo suficiente para que ele pudesse perceber um tímido sorriso. Naquele instante em que os olhares convergem para o fundo das almas e a vida recebe uma enxurrada de novas cores, ele se deu conta de que nunca mais olharia do mesmo jeito para outra mulher. Dulce sentiu o coração galopar para a boca, mas manteve os passos leves junto às amigas. A ciência explica o amor através da neuroquímica, uma descarga carregada de incertezas, desejos e fantasias. E ninguém pode dizer que não foi o que aconteceu. Desde o primeiro olhar, eles estavam conectados para sempre.

— Quem é aquela moça do meio? — perguntou Mauro, sem desviar o olhar um único segundo da cena.

— Minha irmã! — respondeu Zé secamente.

— Ela tem namorado?

— Tinha.

— Pois você vai ter que me apresentar pra ela... — balbuciou sem se importar com o tom reprovador do amigo.

— E você acha que ela vai dar trela para um pirralho italiano? Ela é três anos mais velha que você!

— O *amore* não tem idade!

Os amigos soltaram uivos com a afirmação e todos caíram na gargalhada. Daquele encontro em diante, Mauro mudou. Não se chateava mais por causa do pai tirar parte do que ganhava para pagar a faculdade do irmão Pedro, trabalhava com ainda mais afinco para vender fumo, passou a frequentar a casa de Zé muito mais vezes. E era sempre bem recebido. Volta e meia participava das rodas de violão no quintal de Antônio e Áurea. E sua paixão por Dulce foi aumentando dia após dia, mesmo que só trocassem um “oi” de vez em quando, ou um “como vai?”, quando se encontravam no centro da cidade. O amor sempre chega sem avisar. Mas depois que chega, a exigência é que ambos entreguem seus corações.

Namora Comigo?

Passa Quatro, 1937

A “Mina do Padre” foi declarada uma das nove fontes medicinais de Passa Quatro pela Escola Nacional de Química. O nome foi em homenagem ao Padre Manoel Vieira, descobridor das propriedades terapêuticas da água que jorrava em seu quintal, em uma chácara nas cercanias de onde hoje se ergue o Hotel Recanto das Hortênsias. A prefeitura então construiu uma redoma de tijolos coberta por telhas, amparada por duas colunas separando dois arcos em sua entrada, com uma pequena escada cimentada que levava até as bicas milagrosas do padre.

Diante da pequena fonte no então chamado Parque das Águas, Mauro e Dulce descobririam que além de revigorar o organismo, aquela água também era capaz de curar suas solidões e selar promessas. Mauro quebrou a timidez tão logo se sentaram em um banco de madeira diante do bambuzal, às margens do Rio Passa Quatro. Sabia que a conversa não poderia ser muito longa, já que Terezinha, a irmã caçula de Dulce, logo voltaria da rápida corrida à fonte sozinha, a pedido da irmã. Nenhuma moça de família namorava sem a supervisão de uma vela, função que sempre sobrava para uma irmã ou irmão mais novo.

— A gente tem se visto muitas vezes por aí, você sabe da consideração que tenho por seus irmãos, especialmente pelo Zé... Assim eu gostaria de te fazer um elogio.

Dulce não disfarçou o sorriso e emendou:

— Eu estava preocupada se você iria me xingar, como costuma fazer com ele e com o Omar.

— Não seja tão pessimista — retrucou Mauro, aliviado pelo bom humor instantâneo da moça. Riu com ela e continuou: — Bom... aqui vai e espero que isto não seja um erro...

— Não sei como um elogio pode ser um erro, mas sou toda ouvidos...
— Ela o interrompeu com um sorriso mineiro no rosto.

Embaraçado, Mauro retirou um cigarro do bolso da camisa, mas o devolveu ao mesmo lugar, com a consciência repentina de que não era a melhor hora para aquilo. Ajeitou o nó da gravata, apertou o chapéu sobre as coxas e olhou no fundo dos olhos dela.

— Dulce, eu vim da Itália com meus pais em busca de uma vida melhor no seu país. Desde que cheguei, estava meio perdido, viajando para todos os lados, bebendo mais aguardente do que vinho para sossegar o espírito.

Ela olhou para ele sem compreender muito onde queria chegar. E Mauro continuou:

— Desde que te vi aquele dia depois do cinema, e depois te vi na praça, e passei a frequentar sua casa e a conhecer mais você, eu parei de beber o aguardente.

O olhar de Dulce congelou a garganta de Mauro por um tempo suficiente para ser considerado constrangedor. Ela esperou que ele continuasse, mas como o silêncio perdurou mais do que imaginava, achou que precisava intervir.

— Isso é um elogio? — indagou com um meio sorriso incrédulo, tornando as coisas ainda mais difíceis para Mauro, que engoliu em seco, pigarreou e se aprumou sobre o banco.

— A verdade é que desde que te conheci, tenho vontade de ser um homem melhor.

Desta vez, a frase a atingiu como uma flecha envenenada de ternura, corando sua face com tintas rubras. Foi sua vez de dar eco ao silêncio. Seus lábios se abriram em câmera lenta, adicionando uma pitada de felicidade à incredulidade que antes reinava em sua boca. Procurou uma maneira de responder à altura. Baixou os olhos e fitou as mãos calejadas do jovem italiano, que agora apertavam ainda mais forte o chapéu sobre as pernas. Levantou-os e encontrou os de Mauro. E murmurou:

— Esse talvez seja o elogio mais bonito que alguém já me fez!

— Quer namorar comigo? — O Italiano não perdeu tempo diante da acolhida.

— Eu sou mais velha que você... — Ela respondeu.

— Você se importa com isso? — Ele insistiu.

— Não...

— Não o quê?

— Não me importo... — E Dulce abriu um sorriso que incendiou o coração de Mauro.

— Mas o vinho eu não vou parar de beber — Ele exclamou, não contendo a felicidade.

— Olha que eu posso voltar atrás...

Ambos caíram na gargalhada. Mauro pensou em segurar suas mãos, mas sabia que ela não permitiria. Naquele tempo, a moça que facilitasse era dispensada pelo próprio namorado. Houve um caso em Passa Quatro de uma moça que engravidou durante o namoro. O rapaz não quis mais saber dela e o pai, enfurecido, a enviou para um convento em Itajubá, onde ela deu à luz uma menina, que foi criada depois pela irmã. E Mauro nem queria pensar em ver Dulce vestindo um hábito. Eles trocaram olhares apaixonados por um instante, o sol e a alegria estampados no rosto. Foram interrompidos por um estridente “An-ham!” de Terezinha. E nem tudo seriam flores na vida de Dulce nos anos seguintes, muito pelo contrário.

Olha o Leite!

Passa Quatro, 1937

O Padre João Batista Apetche foi o primeiro Betharramita a pisar no Brasil. Veio a convite de Dom Sebastião, Cardeal do Rio de Janeiro. Impressionado com a obra educacional que a congregação fazia na Argentina, convidou-os a expandir o legado de São Miguel Garicoïts em sua arquidiocese. Mas ele não suportou o calor carioca e procurou um lugar mais ameno, encontrando um clima mais parecido com o europeu em Passa Quatro. Foi também seduzido pelas vistosas montanhas e pela hospitalidade mineira. E assim, no dia 27 de julho daquele ano, às margens da Estrada Velha, bem próximo ao bairro do Retiro, onde os Noronha Pereira mantinham suas vacas, foi inaugurado o Ginásio São Miguel.

Como Antônio havia previsto, o terreno acidentado e íngreme do local reduziu a produção de leite. A criação de vacas leiteiras requer um local plano e seco, o oposto do que havia nos arredores. Assim, menos de dois anos após chegarem a Passa Quatro, ele viu os negócios piorarem. A produção de manteiga diminuiu, mas ele ainda conseguia algum dinheiro vendendo o soro que sobrava do processamento do leite para criadores de porcos.

Além dos quatorze filhos, Antônio e Áurea abrigavam cinco sobrinhos, mas poderiam ir além, pois seus corações eram maiores que o mundo. A alegria era a tônica do dia a dia sofrido a que estavam acostumados, desde quando se conheceram em Cristina. Em Passa Quatro, junto da prole, dos agregados e dos amigos, não era raro todos se reunirem em torno de um violão para espantarem os males do mundo.

Paralela à política de Getúlio Vargas de combater a fome que assolava o país, a grande família cristinense novamente encontrou uma forma mais consistente de sustento. Os filhos mais velhos, que já trabalhavam, ganharam mais segurança com a instituição do salário mínimo no ano

anterior, algo que refletiria em mudanças profundas na vida do trabalhador brasileiro. O problema social e a saúde pública eram prioridades do homem que havia ocupado interinamente a presidência na primeira metade da década, servido constitucionalmente por um breve período e à força a partir daquele ano, com a instituição do Estado Novo. Pobreza extrema e serviços inadequados eram os principais pontos de combate do agora ditador, que se intitulava “Pai dos Pobres”.

— Você acredita no destino, Dulce? — questionou Dedé, com a cara enfiada em um tricô de alguns dias.

— Dedé, por que temos que falar de idiotices para nos sentirmos mal? Eu acredito em Jesus, na salvação. O destino a Deus pertence.

— Mas você não detesta isso?

— Detesto o que, minha querida irmã?

— Esse incômodo? A falta de respostas?

Dulce observou Alfredinho, o caçula dos Noronha Pereira, sorvendo o leite quente em sua mamadeira, enquanto Áurea se desdobrava no papel de mãe de quatorze. Desviando os olhos da cena, encontrou os de sua irmã mais velha ainda vidrados na interrogação. Preferiu o silêncio.

Dedé insistiu:

— O que você quer ser na vida?

— Quero ser eu mesma! — Dulce respondeu sem pestanejar.

— Meninas, seu pai precisa de ajuda com as entregas! — interrompeu Áurea, sem se descuidar dos pequenos.

— Namorando um italiano? — continuou Maria, sem esconder o sarcasmo e indiferente à ordem materna.

— Não se mete, Dedé! — respondeu Dulce sem esconder a irritação. Levantou-se com a intenção determinada de desaparecer na porta que dava para o quintal, mas o grito da mãe a demoveu imediatamente.

Áurea caiu sobre as pernas com as mãos segurando o ventre em meio a “ais” que ecoaram na sala, os olhos atravessados por uma dor desesperada.

Sagrado Coração

Passa Quatro, 1938

— Você vai me falar a verdade ou não? — indagou Ângelo em pé no meio da sala, diante da esposa sentada no sofá.

— Que verdade? — Márcia retrucou. — A minha ou a sua?

— A verdade sobre aquele sujeito com quem você estava conversando...

— Que você ouviu falar?

— Que eu vi com meus próprios olhos!

Márcia baixou os olhos e virou-se de costas. Estava cansada e irritada ao mesmo tempo, mas já havia se decidido.

— Eu quero me desquitar de você!

Ângelo sentiu o chão sumir sob seus pés. Uma nuvem negra tomou conta de seus olhos tão logo ela terminou de pronunciar a sentença. A garganta queimou as palavras antes mesmo que pudessem chegar à boca. Ziguezagueou pela sala apertando os punhos com força, como um boxeador que se prepara para subir no ringue. Apoiou as duas mãos sobre uma das cadeiras da sala de jantar e sentiu o suor riscar sua testa. Procurou o pouco de ar que seus pulmões conseguiam extrair naquele momento, abriu os olhos vermelhos de tristeza e ódio e finalmente conseguiu dizer o que queria, uma palavra por vez, cada uma carregada com seu peso, medido em raiva contida:

— Eu não entendo... Não sou um beberrão, nem um Don Juan, não maltrato você... Nunca bati em você! Aliás, há tempos eu nem mesmo toco em você, desde que você deixou bem claro o que pensava de mim. E o idiota aqui ainda aceitou que você nem sequer se esforçasse para ser uma esposa italiana digna...

— Eu sou brasileira! — Ela gritou saltando do sofá. — Não quero ser uma esposa italiana. Nunca quis. Odeio macarrão! Odeio vinho! E odeio você!

Ângelo largou as mãos do espaldar da cadeira e voltou a serrar os punhos.

— Eu devia ter escutado meu pai... — murmurou quase sem voz.

— O seu problema é que você o escuta demais! — Ela interveio ainda aos brados. — Você não consegue dar um passo se seu pai não lhe disser como!

Ângelo virou-se com raiva para ela e armou um dos punhos, prestes a socá-la.

— Vamos lá! Bata-me! — berrou ainda mais alto. — Mostre que você é homem!

Ângelo baixou as mãos e a cabeça, sentiu a eletricidade dos instintos esmigalhando seu estômago e deu de costas. Seu excesso de razão nunca daria a mínima chance para um movimento tão bestial.

— Você é um covarde! É isso que você é... — Ela continuou sem dar trégua. — E eu não quero continuar assim.

— Está certo... — Ele balbuciou trêmulo. — Você não me ama mais e se apaixonou por outro. Tem algo comigo que não vale a pena amar. Mas você me amou um dia por alguma razão, eu me lembro bem. — Virou se para ela e completou — Qual? Por qual razão? Me diga!

Ela não disse uma palavra e continuou a encará-lo, desafiando-o com suas duas chispas verdes escancaradas.

— Eu ainda te amo! — Ele sentenciou cabisbaixo.

— Ah, Ângelo, para, por favor!

— Eu sei que tenho estado cego há um bom tempo. E mudo. E também surdo. Não sei o que acontece comigo, não é fácil de explicar. Mas você não precisa me amar. Não precisa nem se importar. Apenas te peço que não insista nessa loucura de desquite.

— Não tem mais jeito...

— Mas...

— Amanhã mesmo volto a morar com meus pais. — Márcia virou-se e saiu porta afora, sem qualquer cerimônia.

Ângelo sentou-se sem forças no sofá e observou mais uma vez o Sagrado Coração de Jesus. Já havia perdido as contas do número de vezes que olhara para aquele quadro em busca de alívio nos últimos meses. A dor derreteu-se em dois jorros por seu rosto e misturou-se com uma tosse repleta de desalento.

Enquanto isso, em uma cidade bem próxima, um negócio que estaria ligado para sempre ao destino de Mauro começava a ser engendrado.

Pedra das Emas

Itanhandu, 1939

— Já deu prosseguimento? — perguntou Francisco ao escrevente, depois de entrar como um tufão na saleta de sua propriedade, largando uma penca de pastas e documentos sobre uma das mesas.

— Já!

— E com que nome?

— Destilaria Itanhandu Limitada.

— Aderbal, você sabe o que quer dizer Itanhandu?

— Não, senhor! — respondeu baixando a cabeça.

Francisco de Souza não parava. Comerciante, vivia para cima e para baixo na cidade vizinha, situada a uns quarenta minutos de Passa Quatro em direção ao Norte. Era a segunda parada da estrada de terra, conhecida como Caminho Velho, depois do Vale do Embaú. No Império, a estrada era um escoadouro do ouro e das riquezas de Minas com destino a Paraty e à Coroa Portuguesa e, mais tarde, de tropeiros e caixeiros-viajantes, personagens do rico comércio mineiro no início do século XX. O arraial, antes chamado de Barra do Rio Verde, passou a se chamar Estação de Capivari após a inauguração da linha férrea em 1884. Vinte anos depois, tornou-se Itanhandu, uma homenagem em tupi-guarani aos pássaros que viviam sobre as pedras do rio que descia do Paiolinho, cortava a cidade e se unia ao Rio Passa Quatro no fim da curta planície onde se situava. Como todo povoado mineiro, a vida circulava tranquila em torno de uma igrejinha e da estação do trem. Mas a vida de Francisco não compartilhava da mesma calma. Para complicar ainda mais sua tumultuada agenda, resolveu montar uma destilaria com dois sócios, atento ao crescente mercado de aguardentes e outras bebidas na região.

— E então, Seu Francisco, qual é o problema? — continuou o escrevente, ainda sem saber o que colocar no papel.

Francisco prendeu a respiração, algo que fazia constantemente quando não queria parecer afobado. Não deu a menor bola para a manchete de um jornal largado sobre a mesa, que dizia “*Reino Unido e França declaram guerra a Hitler*”. O terno bem cortado dava-lhe uma aparência mais jovial, mesmo com alguns cabelos brancos já à vista. O escrevente continuou olhando para ele sem muito interesse, o cigarro paralisado no canto da boca e as mãos empedradas sobre o teclado da máquina de escrever.

— Não quero o nome da cidade no nome da companhia, Aderbal! — ralhou. — Vai me dar problema com a marca depois. Nome de cidade vira nome de tudo, açougue, bar, hotel...

— Ainda consigo alterar... — zumbiu o escrevente, que continuou impassível diante da explicação e do chefe que se mexia de um lado para o outro.

— Coloca só Ita! — exclamou Francisco, sem olhar para ele.

— Só Ita? — Aderbal tentou confirmar, mas só recebeu um aceno ríspido com o dedo indicador, enquanto a outra mão puxava um envelope da pilha que acabara de largar sobre a mesa.

Com a habilidade de quem estava bastante acostumado com a datilografia e com as ordens, Aderbal escreveu “Destilaria Ita Ltda.” no pedido de registro e depois anotou em um caderno preto aberto ao lado da máquina. Quando levantou a cabeça, já estava novamente sozinho no escritório.

Francisco acabara de se tornar sócio de Antônio Esteves da Fonseca, um sujeito franzino, filho de um marceneiro português, que havia se formado em Química em Belo Horizonte, e João de Oliveira e Silva, filho de um coronel, que tinha muita habilidade com números. A Destilaria Ita iniciou suas atividades fabricando xarope de groselha, aguardente e conhaque de alcatrão. Mas ninguém ainda tinha noção de onde aquele fio de negócio desembocaria.

Perto e Longe

Passa Quatro, 1938

— Televisão? — questionou Antônio, erguendo as sobrancelhas. — Que nome!

— Isso, papai, uma espécie de rádio com imagens — exclamou Lalau, servindo-se de um pedaço de leitoa à mesa. — O presidente participou de uma exibição na semana passada lá na capital. Ficou impressionado.

— Quer dizer que logo, em vez de ouvir, eu também vou poder ver o Francisco Alves? — perguntou Julia, logo recebendo um cutucão de Osvaldo, seu namorado.

A mesa estava cheia naquele domingo. Antônio, Áurea, os quatorze filhos, primos, namorados e namoradas de alguns deles tomavam conta de todos os espaços na sala de jantar. Era tanta gente que muitos comiam nos sofás e cadeiras espalhadas pelos cantos. Outros seguravam seus pratos em pé, equilibrando sobre uma das mãos, enquanto empunhavam o garfo e destrinchavam a carne com destreza com a outra. As crianças comiam em uma mesa na cozinha, mas à vista de todos, já que a porta que ligava os ambientes era ampla. Na mesa da sala, travessas com arroz, feijão gordo, batatas cozidas, farofa de farinha de milho e uma enorme salada de alface e tomates reluzentes adornavam o prato principal. E quando esse prato era uma leitoa, o motivo era especial.

— Um brinde ao Mauro e à Dulcinha! — bradou Zé, erguendo uma taça de vinho tinto comprado para a ceia de Natal, mas aberto antes por um motivo muito especial.

Os gritos e batidas de garfos e facas nas taças ecoaram pela sala. Mauro e Dulce sorriram e agradeceram com um aceno com a cabeça, as mãos sobrepostas ao lado dos pratos e talheres, aos olhos de todos. Ela

estava radiante em um vestido azul com mangas franzidas e golas retas, comprado para a ocasião na loja do Seu Chichilo, de onde pendia um colar que terminava em um crucifixo de prata no centro do peito. Não era comum, já que devido aos apertos que passavam, cada filho tinha uma roupa para a semana e outra para ocasiões especiais. Como o vestido de festas já estava bem gasto, ela conseguiu comprar um novo com suas economias. E Dedé, com suas habilidades com agulhas e linhas, a ajudou a deixá-lo ainda mais adequado ao seus contornos. Mauro vestia o tradicional terno cinza, com uma gravata preta com listras esverdeadas, que acabava combinando com a lente funda dos óculos para miopia. O bigode estava devidamente aparado e o cabelo engomado.

— Quero ver Dulcinha mulher de italiano! — brincou Julia ao lado do namorado Osvaldo.

Dulce a fuzilou com os olhos, mas acabou sorrindo, diante da indiferença de Mauro com a provocação. Ele já estava com a cabeça nas palavras que queria dizer:

— Seu Nico, quero agradecer por este almoço e também pela bênção do senhor e da Dona Áurea para o nosso namoro.

— Você é um bom moço, Mauro — respondeu o sogro depois de passar o guardanapo na boca. E continuou: — Trabalhador dedicado... Sei que minha filha estará em boas mãos.

— E quando será o casório? — perguntou Zilda sem pestanejar, ganhando o incentivo da turma toda com gritos e urros alegres, o que fez Mauro e Dulce corarem.

— Ainda não estamos pensando nisso! — berrou Dulce, afirmação que recebeu um aceno de aprovação de Mauro.

O almoço seguiu tarde adentro, em uma algazarra que só uma mistura mineira e italiana poderia proporcionar.

— Pra onde você vai amanhã? — Dulce questionou aos sussurros diante do burburinho que ainda tomava conta da mesa e dos arredores.

— Avaré! — Ele respondeu. — Fica depois de São Paulo.

— E eu posso te ver antes de partir?

— O trem sai às dez horas. Antes disso, sou todo seu.

— E depois?

— Vou continuar sendo!

Outra Brasileira

Passa Quatro, 1938

Uma das saudades mais devastadoras é a da terra natal. Longe do berço, os italianos tentavam reconstruir as condutas e valores de seus conterrâneos na família. Assim como a comida baseada em arroz e feijão, alguns costumes brasileiros eram estranhos para eles. E quando casavam seus filhos com os de outros imigrantes, tinham a certeza de que uma pequena Itália se construiria na família que se iniciava. Não que italianos só pudessem se casar com italianos, mas o risco de uma decepção era menor.

— Uma *brasiliana*, Mauro? Já não basta o que se passou com seu irmão? — questionou Grazia diante do filho que a desafiava com o olhar.

— Dulce não é doente da cabeça!

Raffaele, que também ouvira o pedido de Mauro, colocou as mãos na cintura e, com um giro de pés, dirigiu-se ao sofá, onde deixou o corpo cair com uma expressão incrédula no rosto, enquanto a mulher continuava a argumentar.

— E que família é essa? A gente nem conhece!

— São de Cristina, *mamma*. Eles se mudaram para cá há um tempo. É irmã do Zé Noronha, aquele amigo meu que trabalha no Banco Hipotecário. Os pais dela já nos deram a bênção!

— Deus nos ajude! — exclamou Grazia. — Então já estão namorando!

Raffaele pigarreou e olhou desapontado para o filho. Endireitou-se no sofá e disse, sem esconder a irritação:

— Eu me casei com 29 anos, Mauro! Sua mãe tinha 25! Não sei que água os brasileiros bebem que mal saem do couro e já querem juntar os trapos!

— E quem falou em casamento, *papà*? Estou pedindo autorização para namorar. Casamento é outra história — rebateu Mauro com veemência.

— A gente namora com quem vai se casar! — interferiu a mãe.

— Mauro, você já viu como seu irmão está desgostoso da vida. Sua mãe e eu choramos todos os dias por vê-lo daquele jeito. Nada que a gente fale dá jeito. E eu não quero que uma vergonha dessas se repita com um filho meu!

— Eu garanto para vocês que não! — Mauro foi convicto.

— Deus te ouça! Além do mais, você já a está namorando. Não sei por que vem nos pedir autorização... — resmungou Raffaele.

— É o que os filhos fazem, não?

— Só te peço uma coisa: tenha o juízo que seu irmão não teve!

Aquela conversa se repetiu algumas vezes nos meses seguintes. Ora entre os três, ora sozinho com um ou com outro e também na mesa, diante dos outros irmãos. Nenhum argumento foi capaz de fazer com que Mauro esquecesse Dulce. Volta e meia, encontrava a mãe chorando pelos cantos da casa. Como não gostava que as pessoas escondessem seus sentimentos, Mauro a interpelava. Mas ela garantia que não era por causa de Ângelo e nem por causa dele. Às vezes, respondia que era por causa de Ninfa, a filha perdida. Mas a maioria das vezes em que era pega com lágrimas no rosto, apenas murmurava:

— “Saudades da Itália!”.

Nhá

Passa Quatro, 1939

Depois do nascimento de Alfredo, as dores no abdômen de Áurea tornaram-se mais frequentes. Suas trompas urravam em abraços contorcidos, uma físgada para cada filho que trouxera ao mundo. Uma dor que se acentuava ainda mais com a distância que agora percebia em Antônio. Ele parecia já não se importar mais. Alguns dias da semana, saía para a cidade e só retornava tarde da noite. Ela fingia estar dormindo quando ele entrava em casa sem hora no relógio. Mas Nhá, como era carinhosamente chamada desde criança, não se permitia uma única lágrima. “Ele precisa desse espaço”, pensou mais uma vez antes de dormir.

Quando se casou com ele, cinco anos mais velho, tinha apenas 16 anos. A primeira filha, Maria, nasceu no ano seguinte, e ela se tornou mãe quando ainda se sentia filha. Com apenas 18 anos, deu à luz Dulce. Depois, a uma média de um filho a cada dois anos, talvez um pouco mais devido ao nascimento dos gêmeos Geraldo e Sebastião, ela colocou alguém no mundo. Zé Noronha foi o terceiro, mal havia entrado nos vinte anos. Depois vieram os gêmeos, logo seguidos por Omar, Júlia, Paulo, Zilda, Tereza, Rita, Célio, Edith e, finalmente, Alfredo. Agora, aos 44 anos, já não se lembrava mais de como era a vida sem uma barriga ou sem uma criança pendurada em seu pescoço.

O que era motivo de alegria era também sinônimo de dificuldades financeiras. Mas ela não se arrependia. Se pudesse voltar no tempo, faria tudo de novo, pois nada lhe dava mais prazer do que a casa sempre cheia. E quando a concórdia reina entre os filhos, a bênção divina pode ser sentida em toda a sua plenitude. Graças ao bom Deus, seus filhos eram unidos e amorosos. Uma discussãozinha aqui, uma briguinha ali, mas nada que pudesse ser considerado mais grave. Eles se ajudavam nos estudos e na diversão. Quando nascia um novo rebento, os outros se movimentavam para

ajudar no que fosse preciso. Até Edith, que mal completara seis anos, já ajudava a tomar conta de Alfredinho.

Mesmo tendo chegado tarde na noite anterior, Antônio levantou-se cedo, ordenhou duas vacas e depois se prontificou a acompanhá-la na consulta médica que estava marcada há uma semana. Chegaram à Santa Casa no início da manhã e aguardaram pacientemente serem chamados pelo Doutor Castro.

— Pois bem, Dona Áurea — começou o médico, sem tirar os olhos de um papel agarrado com firmeza pelas duas mãos, os óculos escorregando pelo nariz. — Os exames dão indícios que a senhora possui um câncer no colo do útero...

— Câncer? — balbuciou Antônio, apertando a mão da esposa com ansiedade.

— Não é tão grave quanto um câncer no pâncreas, Seu Antônio, mas o tratamento vai depender se o tumor é maligno ou benigno. Vou mandar os exames para um médico amigo meu em São Paulo e vamos aguardar sua avaliação.

Os meses seguintes decorreram com relativa tranquilidade. Apesar das dores, suportadas com o uso de analgésicos, Áurea manteve-se firme. O fato é que Antônio teria que tomar muito cuidado para que ela não engravidasse novamente, se é que isso fosse possível. Porém, desde o recebimento da notícia, ele voltara a ser novamente o que era, um homem carinhoso e cuidadoso com os seus. Ela seguiu determinada em seus afazeres, sem se lamentar uma única vez, cuidando com presteza dos filhos e da vida doméstica. Para a felicidade de todos, os exames indicaram que o tumor não era maligno, mas ela precisaria ser submetida a uma cirurgia em São Paulo para extraí-lo.

Os alquimistas dizem que o caminho do homem é deixar de ser pedra e se transformar em ouro, uma metáfora para manter o espírito acima das agruras do corpo. Desde que nascera, Nhá sempre foi Áurea. Mas nenhum ouro dura para sempre e a vida nem sempre é doce.

A Vida é Amarga

São Paulo, 1939

As mãos já não sabiam se iam ou voltavam. A dor carcomia o que ela não conseguia distinguir entre o útero e o intestino. São Paulo era uma cidade diferente, alguns milhares de vezes maiores do que a terra a que estava acostumada. Construções mais verticais e uma profusão de lâmpadas elétricas dominavam o cenário, um futurismo muito distante da vida bucólica na pequena Passa Quatro.

As letras saíam trêmulas, mas ainda traziam a energia que a conduziram até aquele momento. Quatorze filhos, uma vida inteira em apenas 45 anos a debilitaram profundamente. Áurea pensava em Nico, nos filhos, especialmente nos caçulas. O quarto do hospital não era tão frio, mas sua alma estava gélida, tocando o infinito. E Dedé, a filha mais velha, foi a destinatária.

“Maria,

Deus abençoe todos os filhos, é o que desejo de todo coração. Estou escrevendo na cama do hospital, cheguei há pouco, creio que amanhã vou ser operada, mas estou muito animada. O médico disse que é uma operação muito simples e que é o único meio de eu sarar. Depois da operação, o Nico escreve dizendo quando devemos ir, não precisam ficar tristes, que tudo passa num instante, se Deus quiser. Eu vou ser operada pelo Professor Edmundo Vasconcellos. O Didi disse que ele faz operação num instante.

Vou contar um pouco da viagem. Chegamos aqui às dez horas, não senti cansaço nenhuma. De Cruzeiro, o Omar mandou o Lalau avisar o Cornélio no telefone para esperar na estação. Foi a nossa salvação, pois o Didi não estava lá na hora do trem e a Estação de São Miguel é da distância daí a São Lourenço. Das cinco horas de tarde em diante não tem condução para cá. Chegamos na estação,

o Walter estava nos esperando. Fomos para o hotel, deixamos as coisas no quarto e fomos conhecer alguns pedaços da cidade no automóvel do Walter. Deus nos dá umas horas de sofrimento e outras de alegria. Enquanto estava passeando, esqueci tudo o que estava passando. Só depois que aí chegar é que posso contar tudo. Só não posso deixar de dizer que o Walter é um anjo de bondade. Tem feito por nós mais do que um filho. Ontem fomos a São Miguel. Estivemos lá o dia todo, porque o médico só atende das quatro horas em diante. Já dei bastantes notícias agora. Quero notícias daí. Esta carta logo vai no envelope.

Como vai o Alfredinho? Não posso pensar nele. Abraço bem apertado no Alfredinho, na Edith, na Ritinha e em todos em geral. Como vai a Comadre e o Compadre? Chegaram bem? Dê muitas lembranças a eles. Diga ao Paulo e ao Celinho que tenham muito juízo. Vou estar sossegada, porque sei que todos são muito ajuizados. A Luzia já foi operada? Diga ao Alfredinho que a mamãe, por esses seis dias mais ou menos, estará aí, se Deus quiser. O Luizinho está aqui. Ele me disse que vai domingo. Você mande alguém na estação que ele leva notícias. Sem mais, um abraço em cada um e uma bênção em cada um. Uma bênção de tua mãe e de teu pai e até breve, se Deus quiser.

Nhá”

É muito comum a gente escutar sobre alergia a alimentos, medicamentos ou até mesmo a coisas, como a grama ou a cobertores. Ao identificar qualquer substância diferente das quais estamos acostumados, nosso organismo retorna com uma resposta imunológica, combatendo o agente estranho de forma agressiva, o que dá origem ao que conhecemos como alergia. Na mesa de operação para extrair o tumor no útero, a alma frágil de Áurea sentiu a inundação da anestesia tomar conta das poucas forças que lhe restavam. E o choque anafilático paralisou a vida em seu corpo dois dias após escrever a carta. O caixão com seu corpo chegou de trem em Passa Quatro, junto com o envelope.

Uma Condição

Passa Quatro, 1940

Dizem que é necessário um ano de luto para superar as desgraças da vida. Que só passando por cada dia, por cada data marcante, por cada estação sem a presença do ente querido, ajudamos o tempo a cicatrizar as feridas da ausência. A morte de Áurea mudou completamente a vida dos Noronha Pereira. Antônio perdeu o chão e não era difícil vê-lo sentado na varanda da chácara com os olhos marejados perdidos nas montanhas. Ele nunca mais se casou, apesar de um caso discreto aqui e outro acolá. As dificuldades financeiras aumentaram e ele teve que vender o gado para pagar as contas que se multiplicavam. Para reduzir os custos que a chácara demandava, mudou-se com a família para uma casa em uma das esquinas da Avenida Coronel Ribeiro Pereira. Conseguiu um emprego na prefeitura, graças à amizade que fizera com o prefeito Arthur Tibúrcio. As filhas mais velhas assumiram o papel da mãe. Dedé, Dulce, Julia e Zilda se desdobravam ainda mais para cuidar dos pequenos e da casa. Ao longo daquele ano, os filhos choraram juntos. Algumas vezes, com um violão ao centro, cantaram a tristeza juntos. E cada um também chorou sozinho em um cantinho da casa ou no travesseiro.

Em um dia ensolarado de novembro, Dulce pulou da cama e se arrumou com a agilidade de quem se acostumara a correr para cumprir os afazeres do dia. Apanhou a pequena bolsa de mão e saiu de casa sem o desjejum. Às quinze para as sete, estava no hall da estação ferroviária, os olhos no imponente relógio preto que ficava sobre a cabine onde eram vendidos os bilhetes de viagem. De um lado, via a rua e a fachada do Hotel de Lourdes. Do outro, o burburinho de pessoas transitando pela plataforma com carrinhos e malas e um vagão já repleto de passageiros. Ouvia apenas o chiado insistente da locomotiva, parada mais adiante, queimando a lenha na caldeira e derramando uma fumaça impaciente que dissolvia o verde das montanhas ao fundo.

Passava os olhos por uma crônica de Helena Carneiro no jornal “A Comarca”, que encontrou abandonado sobre um banco, quando Mauro surgiu esbaforido diante da entrada ao lado da calçada. Carregava apenas uma valise de couro e ela o viu apagando o cigarro no chão, antes que ele notasse sua presença. Quando se levantou, abriu um largo sorriso, imediatamente retribuído por ela. Os dois se abraçaram sem dizer nada por um tempo.

— Quase perde o trem! — Dulce murmurou ainda em seus braços.

— Já estou com o bilhete!

— Você volta antes do Natal?

— Certamente! Bem antes! Lá pelo meio de dezembro.

— Eu queria te pedir uma coisa antes de você partir. — Dulce disse, olhando fundo em seus olhos.

Mauro sorriu e, segurando firme em suas mãos, sussurrou um “diga”.

— Você já demonstrou sua intenção em se casar comigo. Você já tem meu sim, o sim do papai e dos meus irmãos. Sei que seus pais ainda têm certas reservas, que preferiam que você se casasse com uma italiana, mas, mesmo que eles aprovem, eu tenho uma condição...

Mauro levantou as sobrancelhas assustado, mas acenou com a cabeça, disposto a concordar com qualquer coisa antes mesmo de saber do que se tratava. E ela continuou:

— Você sabe que depois que a mamãe morreu, as coisas lá em casa ficaram complicadas. — E engoliu em seco antes de seguir. — A casa para onde a gente se mudou agora está bastante apertada. A Dedé está pensando em alugar uma casa para conseguir entregar as encomendas de roupas e costuras, já que lá é impossível... O papai está perdidinho e, por mais que todos ajudem, sou eu quem organizo as coisas com os menores...

— Sei sim, Dulce! Mas que condição é essa? Estou ficando nervoso...

Ela baixou os olhos, preocupada com a tensão repentina que havia causado, e disse de uma vez:

— Eu caso com você, mas quero levar a Terezinha, a Edith e o Alfredinho para morar com a gente. — E voltou a encará-lo.

Mauro continuou olhando sério para ela por um tempo, o que aumentou sua ansiedade.

— Três? — Ele perguntou esboçando um sorriso, que ela não soube precisar se era de aceitação ou incredulidade.

— Os três...

Ele a abraçou com ternura e disse em seu ouvido:

— Dulce, casando comigo, você pode levar o mundo para morar com a gente. — E o sorriso ficou ainda mais largo.

Ela o apertou com força, o coração tocando o dele no mesmo ritmo. Eles ainda estavam perdidos no abraço quando o apito do trem ribombou pelo hall com a urgência de quatro mil cavalos.

— Eu preciso correr! — Ele exclamou, soltando-a e apanhando a valise que havia deixado aos seus pés.

— Vai, vai... — Dulce o empurrou carinhosamente em direção ao vagão de passageiros, logo após espanar e ajeitar a gola do seu paletó.

O trem partiu às sete em ponto. A Maria Fumaça à frente, três vagões de passageiros, dos quais dois lotados, e mais três vagões de carga, dois fechados e um aberto, carregando algum tipo de minério. Dulce ficou na plataforma até o comboio desaparecer além do pontilhão, sentindo a partida, mas com um sorriso de quem sabia que havia feito a escolha certa. No entanto, uma dúvida furtiva inquietou-lhe a alma: “*O que os pais dele vão achar disso?*”.

O Hábito do Brasileiro

Passa Quatro, 18 de fevereiro de 1941

O tempo e seus fios continuavam a tecer os dias sem remorsos. A cidade começou 1941 consternada com a morte do Padre João Batista Apetche, apenas quatro anos depois dele fundar o Ginásio São Miguel. O namoro com Dulce seguia firme, apesar da relutância de Raffaele e Grazia em aceitar. O desgosto deles com o casamento fracassado de Ângelo era um peso que Mauro teria que enfrentar. Ele tentava de todas as maneiras provar que com ele seria diferente. Na véspera do carnaval, recebeu a carta que tanto ansiava, resposta para um bilhete enviado a seu pai, em viagem de negócios pelo interior de São Paulo.

Sentado à mesa de jantar, observou o envelope amarelado pela luz do lampião. Para ele, qualquer que fosse a resposta, sua decisão já estava tomada. Na outra ponta da mesa, Ângelo lia qualquer coisa diante de uma taça de vinho pela metade e um cigarro no cinzeiro. Eles estavam a sós na sala.

— Por que não abre isso logo e acaba com essa angústia?

— Por que você não continua aí com sua leitura e não me deixa em paz?

Ângelo baixou os olhos e decidiu não insistir. Mauro tomou o abridor de cartas, com o cabo confeccionado em prata e pequenos entalhes em seu contorno, e o enfiou na borda do envelope, rasgando-o de uma só vez. Retirou o papel dobrado de dentro, abriu a carta e a colocou sobre a mesa para lê-la com mais firmeza. Apoiou os cotovelos no tampo e observou os detalhes. Raffaele usara um papel timbrado da Casa Saulle. No topo, o nome Raphael Saulle dominava em letras desenhadas sobre uma hachura

contendo a imagem de um homem segurando uma vaca, uma mulher com um ramo de flores nas mãos e um anjo apontando para o céu. Ele não compreendia bem as referências usadas pelo pai e nem fazia questão de entender. “Coisas do *papà*”, pensou. Leu cada um dos timbres mentalmente. “*Fundada em 1928, Fumo em Corda em Grande Escala, Caixa Postal 9, Passa Quatro, Rede Sul Mineira*” e, logo abaixo do sobrenome, “*Proprietário das Marcas Registradas Valentão, Chic, Mediterrâneo, Oceano, Avas e Atlântico*”. No tracejado destinado à data, leu “*18 de febraio de 1940*”. Na linha do destinatário, que vinha logo após “*Illmo. Srs.*” serifado, não havia seu nome, mas a saudação “*Caríssimo Figlio*”, seguida do local, “*P. Prudente*”. A carta estava toda datilografada em italiano:

“Respondo à sua carta do dia 11 corrente. Gostamos muito de saber que você está bem, o mesmo posso dizer sobre nós. Não te respondi na outra carta, porque estava muito ocupado com o carregamento de fumo daquele senhor de Botucatu e hoje estou desocupado. Lembro quando me disse na sua carta que seu matrimônio é um direito seu e que ninguém vai te tirar. Eu também sou casado a meu gosto e todo mundo tem o mesmo direito. Restam apenas as condições. O casamento é uma coisa sagrada que você precisa pensar bem, porque depois de feito, como se costuma dizer, não tem mais arranjo. Abra bem os olhos e não caia na mesma desgraça que aconteceu com seu irmão. Você terá que levar a vida adiante, suportar todos os sacrifícios e aguentar para não deixar os passaquatrenses rirem novamente, assim como seu irmão teve que passar devido à doença de sua esposa. Você já sabe disso e não há nada que eu diga a você que possa mudar isso. Eu já não choro mais, deixe-o saber disso, mas antes de se decidir, peça para ele te explicar melhor e, se perguntar, eu não disse nada. Você me diz que ela é uma boa moça e não duvido. Mas saiba que o ambiente é um só e a minha opinião é a mesma. Portanto, é ruim quando fazemos um mau negócio, mas a dor é pior quando você faz um mau casamento. E nenhum pai quer o mal de seus filhos. Não há nada melhor do que a harmonia em uma família. Seu irmão, antes de casar, era um tipo alegre e agora está sempre nervoso e aborrecido. Reconheceu o erro, mas agora é tarde. Então pense antes para depois não se arrepender. Eu espero que você

compreenda o que quero dizer. Ainda não era hora dele se casar, mas vocês fazem as coisas sem o consentimento dos pais, parece que pegaram o hábito dos brasileiros. Quando eles têm quinze anos se casam sem pedir a opinião de seus pais. Não tendo mais nada a dizer, te saúdo e a todos vocês em casa. Eu e a sua mãe lhe damos a nossa bênção”.

O texto terminava com “*Il tuo papa*”, também datilografado, seguido da assinatura, um “Raffaele” sobreposto a um “S” que mais parecia um “L”, escrito à mão em tinta preta.

Mauro sorriu para si mesmo e o coração voltou ao peito. Olhou para frente e viu que Ângelo o encarava, também com um sorriso, que ele não conseguiu discernir se era de satisfação ou cinismo. Levantou-se em silêncio, pegou a carta e a colocou na outra ponta da mesa, bem diante do irmão. Esperou impávido que ele a lesse, observando seu sorriso se transformar em alguma tristeza. Ângelo olhou para cima e os dois se encararam por um instante.

— Não vou te contar nada que você já não saiba. Não há doença alguma. Ela me traiu. — disse rispidamente com seriedade. Mas, em seguida, retomou o sorriso e completou, decidido: — Você também tem a minha bênção!

O sentimento de desconfiança de Raffaele e Grazia amenizou quando conheceram Dulce. Ao contrário da ex-mulher de Ângelo, eles simpatizaram com a moça de cara. Por mais difícil que seja quebrar uma objeção, nenhuma antipatia resiste à alegria.

Na semana seguinte, em uma Praça Onze destruída para a construção de uma avenida que receberia o nome do presidente, a Portela se sagrava campeã do carnaval carioca. Era o primeiro de uma série consecutiva de sete títulos, algo que nenhuma escola de samba jamais repetiu até hoje. Os “Anos Portelenses” estavam inaugurados. O carnaval de Mauro e Dulce também foi mais doce e o casamento já podia ser marcado.

Sposa Bagnata, Sposa Fortunata

Passa Quatro, 26 de Junho de 1941

A primeira semana do inverno de 1941 foi mais quente que o de costume. Era uma quinta-feira, pois um italiano nunca se casaria em uma terça ou em uma sexta. O pôr do sol derramava seus últimos raios sobre os vitrais da Igreja Matriz de São Sebastião. A quarta capela a ser construída na cidade, 75 anos antes, pairava majestosa sobre as cabeças e casas passaquatrenses. O que antes era apenas uma construção de pau a pique ganhou imponência com as reformas que sofreu ao longo dos anos. A antiga casa caiada tinha sido substituída por uma nova construção de tijolos no final do século XIX. Em 1904, ganhou uma escada calçada em frente, para facilitar a subida dos pedestres para as missas. Passou por uma nova reforma em 1924, sob o comando do Cônego Hilário Monte Raso. O desenho frontal da primeira capela foi mantido, mas foi adicionada uma torre central com um lauto portal, um vitral que imitava o santíssimo acima e, no topo, um relógio, que passou a ditar o ritmo dos dias e noites da cidade. A nave era longa, dividida em três partes amparadas por colunas vigorosas. Já sob a batuta do Cônego Olavo Caminha, tomou a forma que perdura até hoje. De um lado do altar, a imagem do padroeiro, trazida de Portugal pelos fundadores do vilarejo, Anna Mota Paes e José Ribeiro Pereira, lembrava a todos sobre a necessidade de reforçar o coração cristão diante das torturas do mundo. Do outro, uma réplica da imagem de Nossa Senhora Aparecida reforçava que a vida é um eterno milagre. Desde que escapara de levar uma bala durante a Revolução, Mauro se tornara devoto da padroeira dos brasileiros.

Ele estava plantado há quase meia hora no altar, quando viu Dulce surgir de braços dados com o pai na porta do lado oposto. Todos os bancos estavam tomados. Margaridas enfeitavam as laterais de cada fileira onde

familiares disputavam espaço com outros convidados. E eles se levantaram em sincronia, tão logo os primeiros acordes da ópera “Lohengrin” de Wagner ecoaram pela nave da igreja. Dulce estava deslumbrante em um vestido tão branco quanto seu sorriso, que reluzia além do tule do véu que cobria seu rosto. Em um dos braços, uma pulseira de pérolas comprada por Julia no dia anterior representava a nova vida que a irmã teria pela frente. No outro, uma pulseira herdada da mãe, para que ela não se esquecesse do passado e do que jamais poderia ser esquecido. A corrente no pescoço, emprestada por uma amiga, simbolizava o afeto das pessoas queridas na passagem da vida de solteira para a de casada. As mãos seguravam com firmeza nervosa um viçoso arranjo de flores azuis, do mesmo tipo que enfeitava a grinalda. Era um símbolo de pureza, entregue a ela pela sogra como último presente do noivo antes de virar esposo. No fundo, de acordo com o costume italiano, era o gesto final de aprovação da *mamma*.

O Cônego Olavo, impávido em sua batina atrás do altar, aguardou o cortejo dos padrinhos e da noiva, até que ela trocasse os braços de Antônio pelos de Mauro. O burburinho silenciou. O pároco invocou a Santíssima Trindade, saudou os pais, os noivos e todos os presentes. E demonstrou sua alegria em celebrar a união de Noronhas, Pereiras, Tancredis e Saullos, de casas brasileiras com italianas. Mauro e Dulce, então, juraram amor eterno. E uma chuva de arroz voou sobre eles ao deixarem a igreja, afinal, como diz o ditado, “*Esposa banhada, esposa afortunada*”.

A festa no salão nobre do Hotel de Lourdes foi inesquecível. Mauro bancou tudo, já que o sogro não tinha condições de arcar com os custos de um evento daqueles. Um casal de amigos do Paraná, para quem vendia fumo, trouxe flores que tornaram o ambiente ainda mais agradável. As irmãs de Dulce ajudaram na organização e decoração. Os irmãos acomodaram as bebidas. As mesas estavam cuidadosamente bem dispostas nos cantos, deixando um corredor central para que as pessoas transitassem e pudessem dançar. E todos dançaram no ritmo de músicas italianas e brasileiras, de “*Amapola*” a “*Tu, Solamente Tu*”, de “*Se Acaso Você Chegasse*” a “*Teus Olhos*”. Como todo evento italiano que se preze, a festa começou e terminou em comida. E com o buquê voando em direção às solteiras, avidamente agarrado por Julia.

— Já viu que vai ser o próximo, Osvaldo! — brincou Mauro, colocando a mão sobre um dos ombros do namorado da cunhada, no

momento em que todos os olhares do salão apontavam para ele.

— Se os alemães nos deixarem em paz e se Deus assim quiser! — respondeu o pracinha com as bochechas visivelmente coradas.

Mãos Italianas

Passa Quatro, 1942

Alfredinho saiu da banheira animado. Os banhos aos sábados eram um evento à parte. Por ordem de idade, cada um seguia o ritual de se despir, entrar em uma bacia e se lavar, o que culminava com uma boa escovada nas costas que Dulce fazia questão de dar em cada um deles. Mauro, encostado na porta do banheiro, um cigarro na boca, observava o carinho com que a mulher cuidava de seus irmãos menores, mesmo grávida.

— Dulcinha, você enxuga as minhas costas? — perguntou Alfredinho, enrolado na toalha, o cabelo escorrendo água por todos os lados, enquanto a irmã, que agora era mãe, cuidava de Edith.

— Venha cá que eu vou te ensinar uma coisa! — exclamou Mauro, sem tirar o cigarro da boca.

Alfredinho correu em sua direção, pulando e espirrando água para todo o lado.

— Primeiro, coloca a toalha nas costas e segura uma ponta com uma mão e a outra com a outra mão.

O moleque obedeceu, curioso com a orientação do homem que agora fazia as vezes de pai.

— Agora você puxa de um lado para o outro até que tudo esteja bem seco.

Ele seguiu a explicação e logo abriu um sorriso radiante, pois sabia que, daquele momento em diante, ele mesmo poderia enxugar suas costas. Dulce ficou satisfeita com o cuidado do marido com seu irmão, especialmente porque agora teria uma tarefa a menos nos banhos. Sorriu para ele.

O Brasil tinha acabado de romper relações diplomáticas com Alemanha e Itália. O ano seria muito difícil, culminando com a declaração de guerra brasileira em agosto, após submarinos alemães afundarem três navios brasileiros perto de Trinidad e Tobago e no litoral baiano. A Grande Guerra, que se alastrava pelo mundo e agora ameaçava os brasileiros, não fazia sombra à guerra cotidiana pela sobrevivência que os imigrantes enfrentavam em Passa Quatro.

Depois do casamento, Mauro e Dulce se instalaram em uma casa simples na Avenida Coronel Ribeiro Pereira. Ele continuava viajando para vender fumo e trazer coisas para vender na cidade. E não perdia uma única oportunidade de levantar um dinheiro extra. Trazia bebidas, utensílios e o que mais coubesse na mala ou nas mãos, o que incluía alguns frangos. Ficava às vezes um mês fora, sem que Dulce reclamasse das demandas da casa, dos irmãos e da primeira filha. Gracia Áurea, que herdara os nomes das avós, agora era o centro das atenções de ambos e o xodó dos irmãos, dos tios e dos avós. O outro orgulho era Pedro, que acabara de se formar em medicina no Rio de Janeiro, graças também ao suor de Mauro.

Nos poucos dias em que ficava em Passa Quatro, Mauro se desdobrava para vender os produtos que trazia, mesmo que muitos fossem encomendas de parentes e amigos, mas não deixava de dar a devida atenção à esposa, aos irmãos dela e à filha. Ele não permitiu que Dulce exercesse o magistério, desejo dela antes do casamento. Talvez por ciúmes, talvez por um certo orgulho masculino de se obrigar a dar conta do provimento do lar, muito também pelo número de tarefas que a jovem mineira assumira com os afazeres domésticos e com o cuidado de seis crianças. E ela já não sonhava mais com o beabá. Ensinaria os filhos, quando fosse a hora. No entanto, a próxima meta de Dulce era aprender a fazer um legítimo macarrão italiano, mesmo não correndo o sangue de uma *nonna* em suas veias. Mas ela contou com o sogro para instruí-la.

— A farinha daqui não é igual à italiana — começou Raffaele com paciência. — Mas é possível fazer uma massa parecida usando semolina. E você só precisa disso: semolina e ovos.

— E como é que eu calculo o quanto de massa tenho que fazer? — questionou Dulce, observando o sogro derramar a farinha de sêmola em uma bacia de latão, estrategicamente posicionada sobre a mesa da cozinha.

— É simples: para cada pessoa, um ovo e uma xícara de farinha.

Dulce prestava atenção em cada detalhe. Viu Raffaele quebrar os ovos em uma tigela à parte, recebendo a explicação de que não perderia a farinha caso algum ovo estivesse choco. Ficou mais curiosa quando ele abriu um buraco no meio da massa e derramou os ovos bem no centro da bacia, como se fosse um vulcão prestes a expelir claras e gemas. Logo em seguida, viu o sogro começar a bater os ovos com um garfo, como se fosse preparar uma omelete.

— Não é melhor bater os ovos antes e jogar? — indagou.

Raffaele respondeu com um decidido “*non*” e continuou a batê-los suavemente, incorporando a farinha aos ovos. À medida que a massa ia ganhando consistência, o manuseio do garfo exigia mais força. Até que ele o deixou de lado e, com as mãos, concluiu a mistura e começou a sovar com destreza.

— Nunca se esqueça disso, Dulce. A sova é o mais importante. Você segura esta ponta da massa com uma das mãos. Fecha a outra mão e com o punho cerrado vai empurrando a outra ponta da massa para frente. Depois, você dobra a massa ao meio e repete. E Raffaele repetiu o mesmo movimento uma dezena de vezes, o que fez com que Dulce se distraísse, lembrando que Mauro viajaria novamente na manhã seguinte. O transe foi quebrado quando o sogro exclamou com seu forte sotaque italiano:

— Presta atenção, Dulce. Tem que sovar uns vinte minutos. Esse é o segredo! Agora vamos deixar a massa descansar um pouco...

Ele colocou um pano úmido sobre a bacia e a colocou sobre a enorme pia de mármore nos fundos da cozinha. Uma janela estreita e a porta entreaberta enquadravam o profundo quintal que se findava à beira do Rio Passa Quatro. E os olhos de Dulce foram novamente para longe, pensando nas mãos que esfregam, que enxugam, que sovam. Sentiu tristeza ao lembrar que Mauro viajaria novamente. E também pelo cunhado, cada vez mais amargurado com o mundo depois do casamento fracassado.

A Vida não é Nada

Passa Quatro, 1943

Desde a separação, Ângelo tornara-se arredio e recluso. As vezes em que saía de casa eram ou muito cedo, quando pouca gente podia ser encontrada na rua, ou muito tarde, para comprar bebidas e cigarros em algum bar. Não ficava nem jogava como outros boêmios costumavam fazer. Colocava as coisas em uma sacola e voltava para casa, onde muitas vezes virava a noite lendo os livros que lhe caíam às mãos na companhia do álcool e do tabaco. Ao longo do dia, enfurnava-se no armazém de fumo do pai, onde fazia serviços burocráticos e lançamentos no livro-caixa. Pouco falava e atinha-se à trivialidade das conversas, exceto com Mauro, com quem se abria mais, vez ou outra.

Àquela altura da vida, tinha lido de tudo, inclusive alguns clássicos em português. Dom Casmurro era seu favorito. Quando podia, recitava suas passagens prediletas, como “Eis aqui um que não fará grande carreira no mundo. As emoções me dominam...”, e:

— O ser humano gosta de complicar as coisas. É só uma brisa. Quem sabe ela bagunce teu cabelo, quem sabe te acaricie o rosto, quem sabe, quem sabe... — declamou, com a voz rouca.

— Você lê demais, Ângelo. Deveria viver mais! — disse Mauro diante do irmão, os copos de cerveja transbordando sobre a mesa fuleira do Bar do Ditinho.

— Você deveria ler Bernanos, meu caro irmão. Faria-te bem! — Tragando profundamente o cigarro de palha. Tossiu duas vezes, com uma das mãos tapando a boca.

— Só leio jornal e, mesmo assim, muito *male*. Não quero saber dessas baboseiras. Livros, cinema. Tudo perda de tempo.

— Você é um idiota, Mauro!

— Pensa em uma coisa... — Mauro retrucou sem dar muita bola para a agressão. — A gente veio ao mundo para trabalhar... Está escrito na Bíblia, não? Com o suor do teu rosto, comerás o teu pão, até que tornes à terra... Somos poeira, meu querido irmão! Poeira... Assim, o que nos resta é o trabalho!

— Você mal vai à igreja e fica recitando a Bíblia. E parece até que falamos da mesma coisa em línguas diferentes.

— O que tem?

— Poeira. Brisa. A gente não é nada.

— Então vamos trabalhar!

— Para quê? Para acumular coisas que não levaremos no caixão?

— Ângelo, por mais que tudo o que façamos aqui de nada valha, a gente precisa fazer o que precisa ser feito. O que te estraga é essa mania de grandeza.

— Não tenho mania de grandeza alguma! Quero ficar em paz com meus livros — rebateu com mais uma tosse carregada, que quase o impediu de terminar a frase.

— Querer saber de tudo é mania de grandeza. Olha para esse cavalo que não está nem aí para a merda esparramada ao seu redor...

— O que tem?

— Ele não foge da vida — exclamou e, logo em seguida, virou o resto de cerveja que tinha no copo. Pegou o maço de cigarros e a caixa de fósforos que estavam sobre a mesa e levantou-se.

— Aonde você vai?

— Preciso ir! Agora sou um pai de família...

— Você sempre foge quando a conversa começa a esquentar... Minhas saudações à Dona Dulce!

Ângelo viu o irmão virar a esquina e desaparecer. Resignou-se. Já tinha desistido de argumentar com as pessoas. Por mais intimidade que pudesse ter com Mauro, era uma cabeça muito diferente da dele. Os cinco anos a menos de idade talvez explicassem. A verdade é que ele também havia desistido de encontrar explicações. Na medida do possível, estava

feliz sozinho, recuperado das chacotas e dos olhares tortos e disposto a tocar o barco sem remorsos. Por mais que as pessoas pudessem ver nele um desgostoso com a vida e com o amor, não dava mais importância. O que lhe tirava do sério era a tosse, que se tornara mais frequente nas últimas semanas. E o cansaço? Tinha dias em que preferia morrer a sair da cama. Ao levantar-se, uma nova crise tomou conta do seu corpo. Tossiu como um velho moribundo. Sentiu o ar e os pés lhe faltarem. Tombou sobre a mesa, derrubando copos, garrafas, cinzeiro.

Quando abriu os olhos novamente, estava em um quarto da Santa Casa, Dona Grazia segurando-lhe uma das mãos. Olhou para ela com ternura, como se tivesse acabado de nascer novamente. Ela sorriu sem muita convicção. Os exames mostraram que ele estava com tuberculose.

Daquele dia em diante, as coisas pioraram muito para Ângelo. Alternou retornos ao hospital durante as crises mais profundas, com momentos de mais tranquilidade em sua própria cama. Não foram poucas as vezes em que pediu à mãe que chamasse o padre para lhe dar a extrema unção. Mas acabava recuperando-se e voltava ao armazém do pai e aos livros, quando se sentia melhor. Por mais que Deus tivesse se tornado uma obsessão, que o levava a fazer discursos inflamados sobre a fé quando podia, mantinha a doçura mundana que lhe era característica. E ela incluía vinhos, cervejas e cigarros. Quando se sentia mais forte, discutia com Mauro sobre todos os assuntos, da política ao futebol, dos relacionamentos à religião. Tiveram um embate épico no dia em que soube que a primeira igreja da Assembleia de Deus havia sido inaugurada em Passa Quatro. Mas sua defesa apaixonada do catolicismo apostólico romano não foi páreo para a tolerância pregada pelo irmão. E Mauro preferia cuidar das galinhas a debater religião.

Poleiros

Passa Quatro, 1944

A nova *famiglia brasiliana* havia acabado de se mudar para uma casa na Rua Dona Luíza, na esquina com o subidão da Romeu Espanha, alugada do Seu Ernane Rocha. Onde quer que morassem, Mauro fazia questão de manter um galinheiro. Construía um cercado de madeira aramado e o dividia em um espaço coberto, uma pequena estrutura de madeira com telhas, e outro aberto, onde montava uma portinhola com ripas, arames, duas dobradiças e um trinco. Na área telhada, fixava um ou dois poleiros com varas presas nas paredes e dispunha, nos cantos, cestos cheios de palha ou serragem para a choca. Se o quintal tinha muros, como o da nova casa, quando dava, deixava o galinheiro aberto. Como o pai, Gracia Áurea também adorava as galinhas. E com menos de três anos, já corria atrás delas no quintal. Ajudava a mãe a tocá-las de volta no cair da tarde. Em dezembro, quando Mauro retornava da última viagem do ano, trazia um Peru, que soltava junto aos frangos, para ser engordado e abatido na véspera de Natal.

Mauro viajava despreocupado, pois sabia que a esposa estava protegida pelos irmãos e tinha a companhia das irmãs. Naquele ano, estava fora desde o fim de outubro, e as notícias que chegavam da Europa lançavam nuvens aflitivas no ar. A Força Expedicionária Brasileira tinha acabado de ser constituída para lutar ao lado dos Aliados contra os países do Eixo, na guerra que devastava o Velho Continente há três anos.

— Como é que é, Julia? — Dulce olhou para a irmã, plantada em estado de choque no sofá da pequena sala da casa nova.

— Vou precisar adiar meu casamento! Se é que vai haver um... — Ela respondeu com um soluço.

— Mas por quê? Como assim?

— Osvaldo deve ser convocado para ir lutar na Itália... — E Julia desatou a chorar nos ombros da irmã.

Mesmo com a barriga de nove meses prestes a explodir, Dulce a acolheu em seu colo e tentou consolá-la.

— Mas já está certo?

— Praticamente... — E chorou ainda mais alto.

Bem longe dali, mais precisamente em um restaurante no centro de Botucatu, Mauro acabava de acertar mais um carregamento de fumo com Giovanni Esposito, um cliente de longa data. A noite já estava na sua terceira ou quarta hora e estavam praticamente sozinhos. Além deles, só o dono do estabelecimento, perdido em contas atrás de um balcão. Eles mal perceberam quando um homem franzino e carrancudo entrou por uma das portas laterais. Por isso embaraçaram-se, quando ele arrastou uma das cadeiras e sentou-se ao lado deles de supetão.

— Italianos?

Os dois olharam para ele sem entender muito bem, visivelmente desconcertados pela audácia. E ficaram ainda mais assustados quando o sujeito abriu o guarda-pó surrado na altura da barriga, sacou um trinta e oito e o repousou sobre a mesa. Manteve um dos dedos no gatilho e o cabo empunhado, o cano apontando para Mauro.

— Somos brasileiros! — respondeu Giovanni, com os olhos quase saltando das órbitas.

— Com esse sotaque? — indagou o sujeito, o cinismo estampado nos dentes amarelados.

— O que você quer? — Mauro perguntou, sem tirar os olhos do revólver.

— Quero dar cabo de todos os seguidores de Mussolini!

Mauro e Giovanni se entreolharam, certamente concordando em silêncio que estavam diante de algum lunático, o que tornava a coisa mais preocupante do que um ladrão.

— Estou brincando! — emendou o homem, dando uma gargalhada, acompanhada por um riso frouxo de Giovanni.

Mauro continuou sério. E o sujeito continuou:

— Na verdade, quero que vocês me passem todo dinheiro que têm. Isto é um assalto!

Mal pronunciou a ordem e um estampido seco ecoou pelo restaurante. A aura de deboche em seu rosto mudou repentinamente para uma expressão de assombro. E ele desabou sobre a mesa inerte, um fio vermelho escorrendo por um dos cantos da boca. Os dois italianos levantaram-se de um salto, sem conseguirem precisar de onde viera o tiro, ainda mais amedrontados do que no momento da abordagem.

— Vá para casa, Seu Giovanni! E leve seu amigo! — A voz do dono do restaurante quebrou o ar riscado de chumbo e pólvora queimada. Eles se viraram, a tempo de vê-lo em pé atrás do balcão, empunhando um revólver do qual desprendia uma fumaça opaca. E completou:

— Pode deixar que eu cuido do frango!

A Escada de Jacó

Campos do Jordão, 26 de janeiro de 1945.

As células do corpo humano necessitam de oxigênio para sobreviver. E o oitavo elemento da tabela periódica é processado primeiramente através da respiração. Respiramos o ar, que entra pelas narinas e vai até o pulmão, onde os alvéolos extraem o gás da vida. Da água ao monóxido de carbono, das proteínas aos carboidratos, tudo contém oxigênio. Mas há um preço. A morte das células se dá através da oxidação natural, ou seja, nossos átomos vão perdendo elétrons ao longo da vida por causa do oxigênio. E alguns organismos se aproveitam dele e podem acelerar esse processo. É o caso do Bacilo de Koch, a bactéria causadora da tuberculose, que necessita de oxigênio para crescer. Uma vez instalada nos pulmões, ela consome o que seria destinado a manter a vida. As faltas de ar de Ângelo se acirraram de tal maneira que ele foi internado em uma clínica em Campos do Jordão, uma tentativa de curar o corpo em um lugar com ar mais puro, se é que isso fosse possível.

— Seu irmão teve um menino... Vai se chamar Rafael Antônio... — disse Grazia, enxugando o rosto do filho, que suava frio na cama de ferro com lençóis azuis especialmente preparada para recebê-lo.

— Fico feliz por ele, *mamma*... — Ângelo sussurrou, imerso em lembranças que não conseguia distinguir se eram reais ou fantasmagóricas, a voz quase inaudível. — É bom *auguri* quando os filhos herdam os nomes dos avôs...

Grazia estava ao seu lado há uma semana na cidade serrana, famosa pelos dias iluminados e por curar muitas pessoas que sofriam do mesmo mal. Pouco aproveitara o nascimento do primeiro neto, que chegou ao mundo bem na véspera do ano novo, e logo teve que acompanhar o filho mais velho, em uma busca desenfreada para salvar sua vida. Uma tentativa desesperada e de poucas esperanças, ante ao quadro que se agravava nos

últimos meses. Ajudou a nora com o parto, em um dos quartos da casa alugada do Seu Ernane Rocha, e trocou as primeiras fraldas de Rafael. Mas sua cabeça não permitia que um neto substituísse um filho. Não conseguiu, nem por um instante, deixar de se lembrar de Ninfa, a filha morta, companheira de viagem de navio que não resistiu aos ares *brasilianos*. Ficava imaginando se ela não estaria viva se todos continuassem na Itália, na terra em que Deus destinou a eles. Raffaele havia lhe prometido que nada os separaria. Mas ele tinha se esquecido da morte.

— *Mamma*, você se lembra de quando eu nasci? — murmurou Ângelo de olhos fechados.

— Claro que *sí*...

— A senhora sabia que útero e túmulo têm a mesma grafia na língua dos judeus?

— Descanse, Ângelo. A viagem foi puxada, você precisa descansar...

— Fala da Itália, *mamma*. Fala da Itália quando vim ao mundo...

Sem saber se rezava ou pensava, Grazia apertou suas mãos.

— A gente morava em Caprioli...

— Conta do Rei soldado... — E Ângelo tentou se ajeitar na cama com esforço. — Aquela história que a senhora contava...

— Quando você nasceu, *Il Re soldato* já mandava no país... Manda até hoje. Eu era menina quando ele assumiu o trono. O pai dele, o Rei Umberto, foi morto por um anarquista...

Ângelo acenou com a cabeça, vasculhando suas memórias italianas. Soltou um gemido, a testa escorria em um suor febril. Grazia engoliu seco e continuou:

— Sabe o que o pai disse para ele, antes de morrer?

— O quê?

— Para ser um rei, tudo o que você precisa saber é como assinar seu nome, ler um jornal e montar um cavalo...

Ângelo a olhou com ternura, mal conseguia juntar as palavras. Esboçou um sorriso e, com um esforço insuportável para trazer o ar dos pulmões, balbuciou:

— Eu não serviria para ser um rei, *mamma*...

— Por que não, *mio figlio*?

— Porque não sei andar a cavalo...

Fechou os olhos para nunca mais abri-los, não antes de uma última lágrima escorrer por sua face. Grazia repousou suas mãos sobre as mãos do filho e debruçou-se sobre seu peito. Chorou como nunca havia chorado, soluçou até faltar-lhe as lágrimas. Lembrou-se do pai, Gaetano, que adorava recitar passagens para os filhos. Naquele momento onde a dor devorava sua alma, uma delas veio-lhe à cabeça:

“E chegou Jacó a um lugar onde passou a noite, porque já o sol era posto; e tomou uma das pedras daquele lugar, e a pôs por sua cabeceira, e deitou-se naquele lugar. E sonhou: e eis era posta na terra uma escada cujo topo tocava nos céus; e eis que os anjos de Deus subiam e desciam por ela.”.

Em menos de um mês, um anjo tinha descido. E outro tinha partido.

Naquele ano, Eurico Gaspar Dutra foi eleito presidente. Mesmo com o fim dos conflitos na Europa, depois da rendição da Alemanha em maio, a Segunda Guerra continuou no Pacífico. Os Aliados continuavam combatendo o Império Japonês, ameaçando-os com uma destruição em massa, caso não se rendessem também, o que custou a vida de quase 250 mil japoneses com os bombardeios atômicos de Hiroshima e Nagasaki. O anúncio do término da guerra em meados de setembro evitou que Osvaldo fosse convocado para o combate. E ele e Julia se casaram no fim do ano.

Com a morte de Ângelo, Raffaele transferiu a casa de pau a pique da Tenente Viotti para Mauro e Dulce e eles se mudaram pela segunda vez. Todos os móveis e pertences de Ângelo foram lacrados em caixas e colocados no porão, com exceção de dois quadros: o Sagrado Coração de Jesus e a Santa Ceia, esculpida em bronze e emoldurada. Enquanto isso, em Itanhandu, outros anjos trabalhavam.

Wara'ná

Itanhandu, 1945

Uma lenda dos *sateré-maués*, indígenas do norte do Amazonas, conta que uma cobra tocou a perna da índia *Onhiámuáçabê* e ela engravidou, dando à luz um menino. No entanto, a gravidez não havia sido consentida por seus irmãos. O curumim cresceu e se tornou forte e belo, causando a inveja dos tios e primos. Um dia, após alimentar-se de uma árvore sagrada, foi entocado e morto por eles. Inconsolável, sua mãe o enterrou e plantou seus olhos ao lado da árvore. E anunciou que dali nasceria uma planta que faria o bem a todos os homens e acabaria com as doenças. E surgiu uma trepadeira cujos galhos podiam atingir dez metros, quando se enroscavam nas árvores mais altas da floresta. Das pequenas flores brancas, brotavam frutos vermelhos, cujas cascas se quebravam ao ficarem maduros, deixando aparecer a polpa e as sementes, assemelhando-se a uma penca de olhos. Os índios o batizaram de Wara'ná, “grande cipó da floresta”. E os olhos do curumim eram doces.

No final do século XVIII, Joseph Priestley, um teólogo inglês com fortes inclinações científicas, descobriu que era possível gaseificar a água, injetando gás carbônico em água mineral. 100 anos depois, a descoberta resultou na criação do primeiro refrigerante, nos Estados Unidos. No Brasil, em 1905, o Doutor Luiz Pereira Barreto, um médico de Resende, no estado do Rio, desenvolveu um método para processar o fruto da Amazônia e transformá-lo em xarope. E a combinação desse xarope com água gaseificada começou a fazer sucesso no país, desde que a Companhia Antarctica Paulista lançara um refrigerante do fruto no início da década de 20.

—Guaraná? — questionou Francisco, coçando os cabelos bem escovados, diante de Antônio Esteves, em uma mesa do Bar do Zé Divino, na praça central de Itanhandu.

—Precisamos entrar nesse mercado, Francisco — respondeu o sócio.

Os donos da Destilaria Ita estudavam ampliar sua linha de produção, que além da groselha, conhaque e cachaça, também já produzia vermute. Antônio Esteves adorava a química e vivia testando misturas, além de experimentar as bebidas que lhe caíam em mãos. Mas Francisco não tinha tanta certeza assim.

— Não sei... — balbuciou, desconfiado.

— Negócio pequeno, um pé depois do outro... — continuou Esteves, apertando seus olhos castanhos profundos. — Para vender aqui na região. Já dei uma pesquisada no maquinário necessário e nos custos dos ingredientes. Podemos recuperar o investimento em ano e meio...

— De quanto estamos falando?

— 10 mil cruzeiros.

Francisco soltou um assovio, visivelmente desconfortável com a soma. Costumava encarar os planos mais com o bolso do que com o coração, ainda mais depois de ter desembolsado uma considerável quantia para fabricar as próprias garrafas de vidro.

— Esse guaraná champagne da Antarctica está nadando de braçada em São Paulo e na capital. Aqui na região, a Açoreana está vendendo muito do Guaraná Rádio. Fui a Caxambu e São Lourenço e os donos dos depósitos me disseram que estão encomendando um caminhão por mês — insistiu Antônio.

— Achei uma merda!

— O negócio?

— Esse guaraná...

— Eu também não gostei muito. Mas a gente também não bebe groselha...

Francisco ainda não estava convencido e continuou:

— O que o João acha disso?

— Ele topa! Já fez as contas e o negócio é promissor.

— E o que precisa?

— Um tonel pra misturar o xarope com água com gás e um pedal para engarrafar e tapar...

— E vasilhame?

— De 600 e 290 ml. Lava, enche, tapa, rotula, vende. Pega de novo e repete!

— E você acha que dá para tirar mais de quinhentos cruzeiros por mês com isso?

— Certamente mais...

Francisco já não precisava mais saber como funcionava uma fábrica de refrigerantes. Antônio Esteves deu a única resposta que ele realmente queria ouvir. Acenou com a cabeça positivamente quando ouviu o nome “Guaraná Ita”, juntando guaraná com o nome da cidade. Dois anos depois, a Destilaria Ita obteve o registro da marca e iniciou a produção do primeiro refrigerante de guaraná da cidade.

Enquanto isso, Mauro continuava suas idas e vindas pelo interior de São Paulo e norte do Paraná, vendendo fumo e trazendo quinquilharias para revender em Passa Quatro. A terceira filha já estava no mundo. O nome já estava na cabeça desde que soubera da nova gravidez da esposa:

— Ninfa Saullo!

Dulce gostou. A segunda menina dos Saullos herdou o nome da tia, concebida na Itália e que mal chegou a ver as cores do Brasil. Grazia também aprovou. Os netos eram um dos poucos alentos desde a morte do primogênito, uma dor persistente, que nunca mais cessaria enquanto estivesse viva. Naquele ano, Passa Quatro foi elevada à categoria de Estância Hidromineral. E Mauro fez amizade com um rapaz de Andrelândia, que arrumara emprego no laticínio dos Borges em Passa Quatro. Seu nome era Abílio.

Amarelos

Passa Quatro, 1947

O verão arremessava suas últimas cores no céu de março. O “Campo do Muro”, uma montanha que lembra um elefante esparramado na serra que cerca a cidade, reluzia em uma infinidade de verdes, coroado por uma nuvem desgarrada. O trem atravessou o pontilhão e, após um apito esganiçado, descarregou a fumaça de suas caldeiras diante dos muros do Patronato Campos Sales, pouco antes de parar na estação. Mauro vestiu o guarda-pó, apanhou sua valise, uma gaiola com dois frangos, uma caixa com doces de marmelo e desceu do vagão. Mesmo exausto, subiu a Antônio Cardoso com passos largos e dobrou na Tenente Viotti, ansioso para chegar em casa. Encontrou Zilda, sua cunhada, conversando com um homem bem vestido, de rosto comprido e sobrancelhas arqueadas em frente à porta do Banco da Lavoura.

— Oi, Mauro! Chegando de viagem? — perguntou Zilda com o sorriso estampando o rosto.

Mauro diminuiu o passo e colocou a valise, a gaiola e a caixa no chão.

— Este é o Abílio, meu namorado! — Ela continuou, apontando para o rapaz.

— Muito prazer! — exclamou Mauro, estendendo-lhe a mão.

— Abílio Gomes de Carvalho! — E retribuiu o gesto com a mesma intensidade.

— A gente viaja e as coisas mudam rápido, né, Zildinha? Saio com você solteira e volto com você enamorada.

O novo casal concordou com risinhos envergonhados.

— Ele veio de Andrelândia. Vai trabalhar no laticínio.

— Meus parabéns para vocês. Deus abençoe! Dulce deve estar contente! Agora, vocês me dão licença, pois estou louco para chegar em casa! — exclamou, pegando novamente suas coisas. — Venham comer uma macarronada com a gente amanhã no almoço!

Os pequenos, Rafael e Gracia, pularam no colo do pai tão logo ele pisou em casa, antes mesmo de tirar o guarda-pó todo amarelado pelos longos dias fora. Ele colocou as mãos no bolso e tirou dois pacotes prateados, mais finos e um pouco maiores do que um maço de cigarros. As crianças já sabiam do que se tratava e avançaram sobre os chocolates, logo após pedirem a bênção e cobrirem o pai de beijos. Cada um saiu para um lado, pulando de alegria, as bocas ávidas para devorar o presente. Dulce surgiu apressada da cozinha, pediu que Terezinha segurasse a pequena Ninfa, que estava em seu colo, e deu um demorado abraço no marido, seguido de um beijo e mais um abraço.

À noite, depois que as crianças dormiram, os lampiões foram apagados e todos foram para seus quartos. Dulce rezou e deitou-se ao lado do marido na cama.

— Estou cansado dessas viagens, Dulce.

— Imagino, meu amor.

— Quase vinte anos nestas idas e vindas...

— Desde que me contou sobre o ocorrido em Botucatu, há três anos, já não fico mais sossegada quando você parte. Morro de medo de você não voltar.

— O problema é que é isso que nos sustenta. Não posso arrefecer — Mauro comentou resignado, enquanto tirava os óculos e os colocava sobre o criado-mudo.

— Por que você não abre um comércio? — indagou a esposa, virando-se para ele.

Mauro arregalou os olhos, curioso com a ideia, e a encarou.

— Nós temos esse espaço aqui embaixo... — Dulce completou.

— Não é uma má ideia. — Ele rebateu. — Eu passei a vida batendo de porta em porta para vender coisas, posso ir para o outro lado do balcão.

Ela sorriu para ele e deitou-se em seus ombros. Mauro a abraçou com carinho e beijou o topo de sua cabeça.

— Dulce, por que você me escolheu?

— Foi você quem me escolheu, Mauro.

— A gente sabe que não é assim que funciona, apesar de dizerem o contrário. — Ele retrucou.

Ela olhou para o teto, observou o forro do quarto e aconchegou-se ainda mais nele. E respondeu:

— Eu te escolhi porque você se ama.

— Não seria por que você “me” ama?

— Também. Mas por sentir o amor que você tem aí dentro, sabia que nunca me faltaria amor, se o meu não desse conta.

Ele sorriu e deu-lhe um outro beijo, desta vez na testa.

— Eu tenho outra pergunta...

— Sim?... — Dulce murmurou, o sono já tomando conta de seus pensamentos.

— Por que quando eu saio para viajar, você se despede rapidamente, parecendo querer que eu vá logo? Mas quando chego, você pula no meu pescoço e me agarra, parecendo que nunca mais vai me largar?

Dulce recobrou as ideias, sentou-se na cama e voltou-se para ele:

— Quando você vai, nós dois ficamos sozinhos... Você, onde quer que vá, e eu aqui. Assim, é um jeito que encontrei de te dar mais força. Não vou fazer um drama e ficar choramingando, implorando para você não ir. Quero que você vá bem, sem achar que está deixando uma metade que vai ficar sofrendo. Não que eu não sinta, mas quando você vai, meu desejo é que vá feliz e não triste. Não quero que se culpe pela minha tristeza por ter que ir. Eu sei o quanto suas viagens são importantes para nós. — Ela acariciou seu rosto e completou: — Já quando você volta, a gente vai compartilhar de muitas coisas juntos. Vamos rir e aproveitar os momentos. Mesmo com as dificuldades que enfrentamos, você está do meu lado. E eu do seu. Fico feliz! É por isso que os abraços são muitos e muito mais apertados!

A explicação o deixou pensativo. E com a certeza de que seu próximo passo era parar de viajar de um lado para o outro. Desejava passar mais tempo com ela.

“A Especialista”

Passa Quatro, 1949

Da ponte sobre o Rio Passa Quatro até a esquina do Hotel Gonçalves, os agrupamentos de casas em seus quarteirões eram como pequenos pedaços do mundo, no qual famílias se entrelaçavam e compartilhavam suas vidas, muitas vezes até sem que assim quisessem. O Tenente Domingos Rodrigues Viotti foi um médico autodidata, não muito diferente dos curandeiros que existiram no mundo antigamente. Foi o homem que lutou para que Passa Quatro deixasse de ser um lugarejo e se transformasse em uma vila, em 1888. Nada mais justo que a principal via da cidade herdasse seu nome. Os dois últimos quarteirões antes do hotel e o primeiro quarteirão da Ângelo D’Alessandro eram o território dos Saullos. As lojas e casas de Pedro Saulle, a casa de pau-a-pique de Ângelo, que agora era de Mauro, o casarão de Francesco Saulle, os armazéns de fumo, e a casa de Raffaele, indicavam que aquele era um pedaço de Pisciotta em Minas Gerais. Ali também havia a loja do Paschoal e da Onésia, o Bar Castelo, do João Orlando, a sapataria do Batoque, o correio, o Banco da Lavoura, a tipografia do Seu Castorino Oliveira e outros estabelecimentos que compunham o mosaico comercial do quarteirão nos fins da década de 40.

A casa de pau-a-pique era muito maior do que as casas em que Mauro e Dulce tinham morado antes. O mais importante é que era capaz de aconchegar muito bem os filhos e agregados. Quartos espaçosos, uma cozinha não tão ampla, mas que satisfazia as investidas culinárias do casal, e um quintal que permitia às crianças brincarem por tardes a fio. Mauro logo fez questão de montar o galinheiro. Uma escada do lado direito levava ao segundo andar. E lá de cima, através de uma janela interna, dava para ver o espaço no térreo. Foi desta janela que o pequeno Rafael viu seu pai, Mauro, e seus tios, Lalau, Omar e Chico, carregarem uma placa que mudaria o rumo da vida deles nos próximos anos.

— Mais pra cima! — pediu Mauro, apontando para o vão sobre uma das quatro portas que davam para a rua no andar térreo.

Lalau e Omar, cada um no topo de uma escada, fixaram a placa com pregos e uma sequência de boas marteladas. Cada um pregou sua parte separadamente e Chico segurava a escada do batedor da vez. Às nove da manhã, a placa estava no lugar certo.

— Mauro, com tanta coisa aí dentro, você não acha que esse nome é uma enganação? — provocou Chico.

— Devia se chamar “A Variada”, e não “A Especialista”... — completou Geraldo.

Mauro soltou uma risada e uma baforada de cigarro juntas, ajudando-os a descerem das escadas.

Mesmo com dificuldades, a loja foi montada com capricho. Balcões de madeira maciça e mostradores de vidro, estantes bem posicionadas nas laterais e no fundo, os produtos mais diversos expostos para que ninguém que entrasse saísse sem comprar algo. Sobre o balcão, uma caixa registradora azul de ferro, modelo Argus, um baleiro com cinco divisões laterais e uma superior, todas com tampas prateadas, e uma balança com a base de madeira e dois pratos, acompanhada de um porta-pesos também de madeira. Cada peso era encaixado em cubículos de acordo com seu valor. Algumas das estantes possuíam protetores frontais de vidro nos compartimentos superiores e a parte de baixo tinha gavetas e armários fechados.

O primeiro empreendimento de Mauro atrás do balcão vendia de tudo. Sementes, cristais, louças, materiais de construção, vidros, tintas e até materiais elétricos. O sortimento e a variedade fizeram sucesso tão logo as portas foram abertas. E ele finalmente pode diminuir o ritmo de suas viagens. Tornaram-se mais curtas e objetivas, a fim de trazer produtos específicos. A maior parte chegava sem que ele precisasse se mexer, em caminhões ou trens, após um simples pedido tirado pelos vendedores e caixeiros-viajantes que ganharam mais um ponto de vendas na cidade.

O tino comercial do italiano não parava. Como passara duas décadas vendendo, sabia que o segredo era comprar barato para que pudesse ter uma boa margem. Negociava o quanto podia. E foi além. Poucos meses após a

inauguração, percebeu que muitos clientes compravam fumo, mas tinham que encomendar a palha de outros estabelecimentos. Investiu em uma prensa. Comprou milho, que debulhava e retirava a palha e deixava curtindo ao sol no quintal. Quando estava bem seca, cortava-a em pedaços retangulares de aproximadamente dez por cinco centímetros e a vendia junto com o fumo. O processo de produção o extasiava, a ponto de deixar que o cunhado, Lalau, para o qual pagava um ordenado de 90 cruzeiros, ficasse no balcão, enquanto ele mesmo cuidava do corte e da produção de palha.

Enquanto a loja era montada, Dulce ajudava Zilda com os preparativos do seu casamento. Mas o vento gelado do inverno trazia más notícias.

Madrugadores

Passa Quatro, 1948

A tradição dos almoços bem servidos, repleto de convidados, transformou os domingos em um dia de encontros na casa sobre a loja. Dulce e Mauro preparavam a massa no dia anterior e a cortavam com capricho usando uma máquina específica para isso. Era feita de duas manivelas presas nas pontas de uma mesa e um cilindro dentado no meio, por onde a massa entrava e saía em tiras simétricas do outro lado. Em um caldeirão bem largo, preparavam o molho com três ou quatro quilos de tomates maduros salpicados de manjerição. No domingo de manhã, a casa acordava com o almoço em foco. O molho era aquecido e quase na hora do almoço o macarrão era cozido com uma pitada de sal e servido em abundância, sempre com um bom corte de carne assada e batatas cozidas.

Abílio e Mauro se tornaram bons amigos. O namorado de Zilda, que alugava um quarto nos fundos da casa em que Dedé morava perto da Praça Julio Regnier, passou a ser um frequentador assíduo das macarronadas dominicais. Ele e Zilda estavam de casamento marcado. Mas um imprevisto aconteceu duas semanas antes da cerimônia.

— Houve um corte no laticínio ontem. E fui mandado embora... Eu e mais cinco pessoas... — balbuciou Abílio, atordoado.

Mauro coçou a cabeça e deu um longo gole no copo de cerveja, companhia constante em suas refeições. Observando o movimento da loja, ele sabia que a crise batia novamente à porta dos brasileiros. Os países desenvolvidos, recuperados da guerra, haviam retomado seus níveis de produção. E o Brasil passou a importar mais, reduzindo suas reservas cambiais. A indústria desacelerou e a dívida externa voltou a crescer.

— Não se aflija, meu amigo. As coisas logo se ajeitam... — Tentou consolá-lo, mesmo sem certeza.

— Está difícil, Mauro. E esse Plano Salte do Dutra está mais para “Pule!”. Com tantos cortes de gastos, vai acabar gerando mais desemprego...

— Você é trabalhador, Abílio. E competente! Não falta trabalho pra gente competente.

— Conhece alguém que pode me ajudar?

— O Walter... — sugeriu Dulce, olhando de soslaio para o marido, que não esboçou qualquer reação.

Abílio olhou para Mauro e depois para Dulce, e ficou esperando o desfecho.

— Ele e o irmão, o Cornélio, têm um laticínio na Estiva. — Ela continuou. — Talvez possam arrumar algo para você por lá.

— Sim! — exclamou Zilda, esboçando um sorriso.

— Onde fica essa tal de Estiva? — questionou Abílio.

— Perto de Pouso Alegre... — respondeu a noiva.

— Peça para seu pai falar com ele, Dulce — completou Mauro, retirando o guardanapo respingado de molho da gola da camisa.

Ela concordou com a cabeça e sorriu.

A resposta de Walter não foi positiva. Mas ele tinha um amigo em Oliveira, perto de Formiga, que estava precisando não de um funcionário, mas de um gerente para seu laticínio. A indicação caiu como uma luva, pois Abílio tinha boas referências e experiência no ramo. E ele ganhou o emprego. Mas havia um problema. O casamento estava marcado para o dia 31 de julho, dois sábados depois, porém os novos patrões queriam que ele começasse a trabalhar no dia 26, na segunda-feira anterior. Para que isso fosse possível, teriam que viajar uns três dias antes, o que também inviabilizava o fim de semana seguinte. Dulce foi conversar com o Padre Olavo.

— Que dia eles viajam?

— Dia 22, no trem das oito.

— Não costumo fazer isso, mas podemos antecipar a cerimônia. Mas só posso no dia 22, pois tenho outros compromissos inadiáveis.

— Mas como? — questionou Dulce, assustada.

— Mande-os irem à missa das seis da manhã que eu os caso! — respondeu o padre sem muitas delongas.

E assim, Abílio e Zilda se casaram às seis da manhã de uma quinta-feira, uma hora e meia antes de pegarem o trem para uma viagem de quase 300 quilômetros até Oliveira. A festa foi um café com bolo, que devoraram rapidamente na própria estação, junto com os parentes.

Enquanto uns iniciavam suas vidas profissionais, outros já estavam cansados dela. No ano seguinte, Raffaele encerrou um longo ciclo. Conseguiu se aposentar através do Instituto de Pensões dos Comerciários, o que lhe garantia uma soma suficiente para cuidar apenas do que lhe interessava. E Mauro ganhou mais um rebento para sustentar, que ele e Dulce batizaram de Mauro José Saullo. Como já era de se esperar, passou a ser chamado de Maurinho. Em Itanhandu, os aventureiros do guaraná sofriam uma baixa.

A Sociedade Guaranita

Itanhandu, 1949

Francisco sentou-se diante de Antônio Esteves e João no escritório da destilaria e foi logo abrindo o jogo:

— Vocês querem comprar a minha parte?

Os dois se entreolharam, surpresos com a decisão do sócio mais velho.

— O que há, Francisco? — questionou Esteves.

— Vou voltar a trabalhar com comércio, comprar a coisa pronta e passar adiante. Esse negócio de produção não é para mim.

— A gente pode conversar... — interrompeu João de Oliveira, ajeitando-se na cadeira e se entendendo com os olhos com Antônio, que acenou com a cabeça. — O que você tem em mente?

— Pois bem! Vou ser bem direto. Quero cinco mil cruzeiros pela minha parte. — Levantou-se de supetão, pegou seu chapéu e arrematou. — Vocês podem pensar aí e me falar depois.

Saiu sem esperar qualquer resposta. A soma assustou João, o homem das finanças. Ele sempre agia com tranquilidade, independente da situação. Mesmo sendo filho de um coronel, a responsabilidade sempre correu em suas veias. Quando criança fazia diversos bicos, inclusive o de engraxate, para conseguir um dinheirinho extra no mês. O engraçado é que, por ser filho do coronel, as pessoas lhe davam preferência na hora de engraxar seus sapatos, o que gerava raiva nos concorrentes. Sua facilidade com a matemática vinha desde a escola e se estendeu para os negócios. Sabia que não dispunham de tanto dinheiro, nem podiam tirar do caixa da empresa, mas também sabia que a decisão de Francisco não tinha volta. O jeito era buscar soluções — e nada melhor do que buscá-las em família.

Os irmãos de João e Antônio foram a salvação. Pedro de Oliveira e Silva e Afonso Esteves da Fonseca emprestaram dois mil cruzeiros cada. Eles fariam parte da sociedade, mas apenas como financiadores. Como ainda faltavam mil cruzeiros para completar o que Francisco pedira, o jeito foi disponibilizar uma cota para um novo sócio, Geraldo Moreira. E assim, no dia 2 de janeiro de 1949, nasceu a Sociedade Guaranita Ltda. No mesmo ano em que Carlos Lacerda fundou a Tribuna da Imprensa, os sócios itanhanduenses descobriam que do papel para a prática, as notícias nem sempre são fáceis de digerir.

Sobre Trilhos e Filhos

Itanhandu, 1951

Fabricar qualquer coisa até a metade do século XX ainda era um processo artesanal. Pouco mais de vinte anos após Henry Ford inventar a linha de produção, o mundo industrial ainda engatinhava no desenvolvimento de maquinários e processos para agilizar a fabricação dos produtos. E não era diferente com bebidas, fosse aguardente ou refrigerante. A Sociedade Guaranita, de Antônio, João e Geraldo, ficava em um galpão atrás da estação do trem de Itanhandu. Como fora utilizado muito tempo pela própria rede ferroviária, um trilho saía da estação e acabava bem no meio do pátio. De certa forma, aquilo era bastante útil, pois eles enchiam um carrinho com os engradados de bebidas e o empurravam até a beira da linha, onde podiam carregar o vagão do trem e despachar as encomendas para São Lourenço e Caxambu. Quando precisavam carregar um caminhão, deslizavam o carrinho sobre os trilhos até a porta.

O galpão tinha o pé direito alto, com vidros apenas na parte superior, o que tornava a iluminação bem variada ao longo do dia. De manhã, os raios penetravam pelo leste e aqueciam o interior da fábrica. Mas no fim da tarde era preciso ligar o gerador e uma dúzia de lâmpadas tremulava em fios que pendiam do forro até que o último engradado estivesse completo. A capacidade inicial era de algo em torno de mil garrafas por dia, o que dava para encher 40 ou 50 engradados.

O xarope do guaraná era misturado com essências de maçã, laranja, pera e com açúcar em um tonel até ficar com a cor de um caramelo. Um funcionário pegava o xarope e, com o auxílio de uma caneca e de um funil, enchia aproximadamente um quarto da garrafa. Cada garrafa então era levada até o pedal, onde era posicionada sobre uma pequena plataforma redonda. Um cano completava a mistura com água com gás. Uma alavanca era puxada para baixo e a garrafa era tampada com a rolha metálica. Na

ação, muitas garrafas não aguentavam a pressão do pedal e explodiam. Depois, outro funcionário segurava duas garrafas pelo bocal, uma em cada mão, e as girava para que a mistura de xarope e água se tornasse homogênea. Diante de uma lâmpada fluorescente, checavam se não havia cacos de vidros ou outras sujeiras no interior. As garrafas eram então levadas para uma mesa, onde recebiam os rótulos, colados manualmente com uma goma feita de polvilho, água e vinagre, que eles chamavam de “grude”. Em seguida, eram colocadas em engradados de madeira que eram empilhados sobre o carrinho, prontos para serem despachados.

Em Passa Quatro, Mauro subiu as escadas da casa do pai na Ângelo D’Alessandro, atravessou o alpendre e chegou ao quintal, onde Raffaele mantinha uma vida ativa, mesmo depois de aposentado do comércio. Ali, ele produzia vinho, fazia geleias, assava pizzas em um forno a lenha, criava galinhas, coelhos, cabritos e tinha até um apiário, de onde extraía um mel puro. Encontrou o pai e a mãe cortando massa para fazer macarrão. Pediu a bênção.

— *Dio* te abençoe! Como estão as crianças? — indagou Grazia, colocando uma porção de tiras já cortadas em uma travessa de metal.

— Bem, *mamma*. Não param! — respondeu, dando um beijo no rosto de cada um. Ouviu um latido.

— Venha conhecer o novo morador da casa! — disse Raffaele, largando a massa e limpando as mãos sujas de farinha no avental.

Um filhote de pastor alemão pulou em suas pernas e Mauro agachou-se para acariciá-lo.

— As crianças vão gostar! — exclamou Mauro enquanto o pequeno cão lambia sua mão.

— Esse é o Rex! — Apontou Raffaele. E depois perguntou: — Como vai minha nora favorita?

— Dulce é uma grande mulher, *papà*. Não poderia ter feito escolha melhor!

Voltaram para a área e Mauro sentou-se no canto da mesa. Encheu uma taça de vinho, acendeu um cigarro e ficou observando os pais lidarem

com a massa. Deu um gole no vinho e falou:

— Ela está grávida de novo...

Grazia colocou um pano de prato sobre a travessa e sentou-se ao lado dele, com o olhar longe e extasiado. Raffaele continuou a girar a manivela da cortadora.

— *Auguri!* — murmurou sem tirar os olhos da massa que entrava esticada de um lado e saía em firas tinas do outro.

— Ela está preocupada... As coisas estão mais difíceis hoje, não queremos ter tantos filhos...

— *Mio figlio*, não se preocupe com isso — disse a mãe, segurando suas mãos. E em seguida completou — Os *bambini* são dados e tirados por *Dio*. O que tiver que ser vai ser...

— Eu sei, *mamma*. Mas depois do que se passou com Dona Áurea, ela tem razão em se preocupar.

— Eu também ganhei mais uma *figlia!* — exclamou Grazia, levantando-se. Dirigiu-se para a porta da cozinha e entrou na casa, deixando Mauro sem entender nada.

— O que ela quer dizer com isso, *papà?*

— *Aspetta* e você vai ver...

Minutos depois, Grazia voltou com uma boneca de pano no colo, balbuciando palavras como se estivesse ninando uma criança. Era uma boneca de cabelos pretos com um laço preso por pequenas rosas, vestido branco de bolinhas azuis e um avental de renda preso à cintura com um laço. Nos pés, sandálias beges com fivelas douradas. O rosto rosado com a boca vermelha e os olhos bem azuis davam-lhe uma expressão viva. Mauro deu uma risada.

— Fala *ciao* para sua nova *sorella*, Mauro! — provocou o pai, também rindo.

— Vocês estão rindo do quê? — questionou Grazia, desapontada, ajeitando o laço do avental da boneca.

Mauro matou a taça de vinho, levantou-se apressado e beijou os pais novamente. Simulou um carinho na bochecha da boneca e disse, antes de

sair:

—Cuida bem da minha irmãzinha, *mamma*. Tenho que ir, pois vou receber um fornecedor na loja.

A fabricação de algo também contagiou o outro lado da família. Antônio, que passou uma boa parte da vida ensacando café ou engarrafando leite, descobriu um passatempo que se transformou na alegria dos netos. Aposentado pela prefeitura, seu hobby agora era virar as tardes em frente à casa de Dedé, sua filha mais velha, montando brinquedos de madeira. O mais procurado e adorado pelas crianças era o palhaço que girava em um barbante preso entre duas varetas. Na casa de Mauro, a madeira também proporcionaria outro tipo de diversão.

Esplendor

Passa Quatro, 1952

— Como é que a gente vai subir esse troço? — questionou Chico, sem saber se olhava para a escada ou para o irmão, tão perdido quanto ele na busca de uma solução para a tarefa.

— Pega uma corda... — Foi o que Mauro conseguiu sugerir.

Um dos instrumentos mais complexos de se produzir é um piano, a mistura perfeita de um móvel com aparelho musical. Ao contrário do refrigerante e por sua própria natureza, a fabricação de um piano sempre será artesanal. Cada unidade leva meses para ser produzida. Embora possua muitas partes metálicas e cordas, quase 90% de um piano é feito de madeiras especiais, de diversas espécies, de acordo com as funções que vão exercer no conjunto. Elas são acondicionadas em uma estufa seca por quase um ano, para evitar que entortem ou rachem. Primeiro é fabricada a armação, composta pelos pés, frente e braços. Cada parte é lixada, pintada e polida, para depois serem unidas. O compartimento mecânico é construído separadamente. As teclas, recortadas de uma tábua única, são encaixadas com precisão milimétrica no martelo, feito de madeira enrolada em feltro. Cada peça é moldada de maneira que o ponto de contato onde o martelo repousa sobre o rolamento se mova para trás quando a tecla é pressionada. Em um piano de qualidade, além de toda a acústica, as teclas precisam retornar rapidamente à posição inicial depois do toque. As cordas, três para cada nota, partem das cravelhas, passam por cima do cavalete, a estrutura que transmite energia de vibração das cordas para o tampo, e são precisamente presas nos pinos de fixação. O martelo bate nas cordas, produzindo o som de cada nota. Depois que cada seção de madeira é produzida, o suporte do teclado é encaixado com extrema precisão na armação. Em seguida, começa o processo de afinação e testes, o que inclui medir a profundidade adequada de cada toque. Tudo é feito para que as

vibrações sonoras fluam livremente em seu interior. Quanto maior a capacidade de mover o ar internamente, melhor é a amplificação e a projeção do som. Dizem que cada piano é único. Cada um tem seu esplendor, sua maturidade, vivacidade e contornos.

Mauro adorava música. Após o almoço, colocava um disco na eletrola, sentava-se em uma poltrona e se deliciava com “*La Traviata*”, “*Mamma mia*”, “*Caruso*” e outras canções italianas. Disposto a incentivar os talentos musicais de Gracia, Mauro comprou um piano M. Schwartzmann, com teclas brancas feitas de marfim e pretas de ébano. Complexo de produzir, complexo de movimentar, o “móvel” deu um trabalho danado para ser carregado até a sala, no segundo andar da casa. Precisou ser içado por cordas e por um batalhão de irmãos e cunhados com braços e pernas bem dispostos.

No início do inverno, nasceu Cesar, o quinto filho do casal, o terceiro menino. E ele logo se afeiçoou à tia Terezinha, que virou sua babá.

Em Itanhandu, os negócios da Sociedade Guaranita não iam lá muito bem. Cansados de dar murro em ponta de faca, Antônio e João buscavam soluções para a empresa. Para complicar, João fora indicado, ironicamente pelo próprio Antônio, e a pedido do deputado Manoel Costa, para conduzir as operações da primeira agência da Caixa Econômica Federal da cidade. Assim, decidiram passar a empresa adiante. Venderam a Sociedade Guaranita para José Araújo de Carvalho, um ex-químico da Indústria Açoreana de Bebidas, uma das mais promissoras indústrias que Passa Quatro já teve, e seus sócios, Aurélio da Cunha Sampaio, um contador itajubense, e Luciano de Oliveira, um sujeito parrudo de Virgínia, que mexia com transporte de leite. Os novos donos fundaram a Cibal, Comércio e Indústria de Bebidas “Araújo” Ltda. Mas Antônio Esteves não abandonou o negócio de bebidas. Com o dinheiro da venda, fundou a S-Bell e Itanhandu ganhou mais uma fábrica de guaraná. Como a promessa da Açoreana não se cumpriu, ele adquiriu os direitos do Guaraná Rádio, produzido até então pela falida indústria passaquatrense. Mas não eram apenas negócios que quebravam.

Xícaras

Passa Quatro, 1954

A cidade acabara de ganhar sua primeira empresa de comunicação. A Rádio Clube de Passa Quatro passou a levar as notícias e acontecimentos locais para os aparelhos de rádio das famílias passaquatenses. Fundada por Ary Coelho Neto e Carlúcio Marques da Silva, a ZYV-45 entretinha a população com programas como o “Coquetel de Notícias”, a resenha dos principais acontecimentos da região, a “Crônica do Dia”, escrita pelo próprio Ary, o “Rádio-Alegria”, que contava com a participação de todo o elenco da rádio, e o “Programa Popular”, que tocava as músicas mais famosas da época. Determinada, Gracia logo aprendeu a tocar algumas delas no piano que ganhara de presente do pai.

— O papai já disse que não quer que a gente mexa nessas caixas, Ninfa! — exclamou Gracia parada na porta do porão.

— Vamos ver só o que tem nessa aqui... — rebateu a irmã, já com as mãos puxando uma das abas do papelão que sempre prometia surpresas.

Ninfa retirou uma xícara com a borda trabalhada em arabescos dourados em todo o contorno da boca. Do lado da asa de contornos firmes e delicados, havia a figura de uma mulher de espartilho preto e saias esvoaçantes em um rosa profundo. Ela segurava um ramalhete de flores e uma flor do mesmo tom da saia enfeitava seus longos cabelos pretos. Uma penca de rosas cercadas de folhas verdes enfeitava a parte de dentro, na qual os chás eram servidos. Borrões azuis e verdes, que imitavam arbustos, compunham o cenário. Logo depois, sacou um pires com os mesmos detalhes.

— Que linda! Dá para imaginar a história dela — admirou-se Gracia, apontando para a figura feminina na xícara, enquanto puxava a outra aba da caixa. E continuou: — Parece uma cigana. Você sabia que as ciganas se vestem como se fossem a uma festa todos os dias?

Ninfa esboçou um sorriso, enfiou as mãos no fundo da caixa de papelão e retirou um papel amarelado, o recorte de alguma revista. Trazia a foto de uma mulher sofisticada, vestida em um imponente casaco de peles preto, com um chapéu coco da mesma cor enfiado até a altura das sobrancelhas.

— É aquela atriz! — afirmou Ninfa, encantada com o olhar fugidio da figura.

— Gracia! Ninfa! O almoço está na mesa! — A voz potente do pai ecoou e fez com que Gracia derrubasse a xícara, que se espatifou em incontáveis pedaços no chão do porão.

— Ele vai nos matar! — berrou Ninfa desesperada.

Gracia abaixou e juntou os cacos da xícara com cuidado para não cortar as mãos e os jogou dentro da caixa sem pensar nas consequências. Tomou Greta Garbo da mão da irmã e a enfiou entre as louças, fechando as abas da caixa com a rapidez de um gato assustado.

As duas saíram correndo em direção à escada que levava à parte de cima do quintal, entraram na copa e sentaram-se de um dos lados da mesa. Mauro as aguardava com um olhar desconfiado, mas resolveu não questionar o que estavam fazendo. Estava às voltas com uma ideia que não saía da sua cabeça nos últimos dias: derrubar a casa de pau-a-pique e construir uma nova, de tijolo e cimento. Do outro lado da mesa, Rafael e Maurinho aguavam com fome, após uma manhã intensa de estudos. Em uma cadeirinha com uma guarda de madeira maciça, o pequeno Cesar batia com a colher sobre o prato, quando Raffaele entrou esbaforido pela porta.

— *Figlio, mia nuora preferita, bambini!* — Saudou a todos na língua natal.

— Chegou na hora boa, Seu Raffaele! — exclamou Dulce, dispondo a travessa de barro repleta de bacalhau, batatas, cenouras e azeitonas pretas fumegantes sobre a mesa.

— Vocês ouviram a *notizie*?

— Que notícia? — indagou Mauro, empurrando os óculos para cima do nariz.

— Getúlio Vargas *si è suicidato!*

— Como assim, vovô? — perguntou Maurinho, assustado.

— O presidente... — Tentou explicar o avô, interrompido pelo olhar de “não é hora disso” de Dulce, enquanto se sentava na outra ponta da mesa, e se conteve. — Nada não... Vamos experimentar essa *delizia*!

Pressionado pela oposição no congresso, que pedia sua renúncia, rejeitado pelos empresários e acusado pelo assassinato do jornalista Carlos Lacerda, um de seus principais opositores, Vargas se encontrava em um beco sem saída desde o início do ano. Às 8h35 da manhã daquela terça-feira, 24 de agosto, o presidente do Brasil pôs fim à própria vida.

No Bico

Passa Quatro, 1955

“A Especialista” caiu nas graças dos passaquatrenses. E Mauro conseguiu o que queria: dar um prumo na vida sem viagens. Mas a casa de pau-a-pique o incomodava. Estava mesmo decidido a construir uma nova. O verão bafejava sobre a serra, o que fazia com que os homens suassem debaixo de seus chapéus e ternos elegantes. O italiano entrou no Bar do Ditinho pensando em tomar uma cerveja para refrescar e abrir o apetite para o almoço. Olhou curioso para uma garrafinha de vidro exposta em uma das prateleiras. Um rótulo branco mostrava a palavra “Guaranita” em letras pretas, rodeada pelo desenho do fruto vermelho, que mais pareciam olhos vidrados, com duas folhinhas verdes em uma das pontas. No topo, uma tarja vermelha trazia o nome da empresa: “Cibal”. Mauro pediu um Guaranita. Ditinho buscou uma garrafinha no refrigerador, pegou um abridor, que estava amarrado no balcão com um barbante, e abriu. O barulho do gás escapando após a retirada da tampinha fez com que Mauro levantasse as sobrancelhas.

— No copo ou no bico? — indagou o dono do bar, atrás do balcão.

— No bico — respondeu Mauro, tomando a garrafa gelada em suas mãos.

Ele a virou com vontade, sorvendo os 290 mililitros praticamente de uma vez. Sentiu o doce aroma correr por sua garganta junto com a água gaseificada e gostou. Colocou a garrafa vazia sobre o balcão e soltou um arrote discreto. Ditinho deu uma risadinha e perguntou:

— Você vai mesmo botar a casa abaixo?

— Mês que vem. Já estou me mudando de mala e cuia para o prédio do meu tio.

— Ali na Onésia do Paschoal?

— Isso, do lado do Banco da Lavoura. A loja vai funcionar na parte da frente e a gente vai morar na casa dos fundos.

— Eles vão mesmo embora?

— A Onésia e o Paschoal? — indagou Mauro, que recebeu um aceno de cabeça de Ditinho. — Vão! Estão se mudando para Marília.

O dono do bar deu de ombros e voltou ao que lhe interessava saber:

— Você é corajoso... Construir com essa crise não é para qualquer um... — grunhiu, passando um pano amarelado sobre o balcão. — Quanto tempo?

— A previsão é de dois anos, mas construção você sabe como funciona, né?

— Dobra! — exclamou e continuou com o interrogatório, que alimentava as fofocas da cidade. — Fiquei sabendo que vem mais um herdeiro aí. O sexto?

— Pois é...

— Compre uma televisão! — exclamou Ditinho, soltando uma gargalhada.

Mauro entrou em casa pouco antes do almoço, deu um beijo em Dulce, acariciou sua barriga e foi se lavar antes de se sentar à mesa.

— Cadê as crianças? — perguntou, esfregando as mãos na água morna que jorrava da torneira da pia.

— Rafael e Maurinho estão brincando no quarto. Cesar está dormindo. Acho que Gracia e Ninfa estão no quintal ou lá embaixo...

— Eu já falei para elas não brincarem no porão... — resmungou. E sussurrou em seguida: — Vão acabar fuçando nas coisas do Ângelo...

— Elas já sabem, Mauro. Terezinha, vá chamá-las...

Terezinha, sentada em uma das cadeiras da mesa da cozinha, apoiada sobre um exemplar da Revista do Rádio, não deu qualquer indício de que havia escutado o pedido. E ainda levantou uma questão nada discreta, sem se dar conta de que o cunhado estava por perto:

—Dulcinha, você já ouviu falar do *Modess*? — E apontou o anúncio do absorvente feminino que ocupava metade de uma das páginas da revista.

— Pode deixar que eu chamo! — exclamou Mauro, saindo pela porta que ligava a cozinha ao quintal, correndo para longe do assunto íntimo das mulheres.

Dulce elevou os olhos para o teto e continuou remexendo uma panela com doce de abóbora.

— Escuta só... — insistiu a irmã, lendo o anúncio. — *“Comece a viver! Goze uma nova liberdade. Aproveite as vantagens de Modess, a proteção higiênica da mulher moderna. É completamente invisível. Fantasticamente absorvente. Leve como uma pluma. Incrivelmente confortável. Absolutamente seguro. Nada para lavar, é usado uma só vez e...”*.

— Terezinha, depois a gente vê isso! Não é hora dessa conversa, Deus Pai! — ralhou Dulce, enquanto passava uma água na colher de pau. Terezinha soltou um “ih” chateado e voltou à leitura.

Mauro voltou com as meninas e Dulce o ouviu gritando:

— Eu já falei que não quero que vocês fucem nas coisas do porão! Agora vão lavar as mãos, que o almoço está quase pronto!

Gracia e Ninfa correram para dentro em direção ao banheiro. Ele parou em frente ao fogão e tirou a tampa do doce que borbulhava em um laranja vivo.

— A gente comeu doce de abóbora ontem, Dulce. Vai ser a sobremesa de novo?

— Vocês comem o doce de leite que está no armário. Esse tacho é pro Rafael. Ele me encheu um tanto ontem. Disse que queria comer uma travessa inteira...

Mauro soltou uma risada e tapou novamente a panela.

Depois do almoço, Rafael devorou sozinho a travessa com o doce que nem teve tempo de esfriar direito. Passou mal e nunca mais quis ver abóbora na sua frente.

Em agosto daquele ano, a sexta e última filha de Mauro e Dulce, Elídia, nasceu em um dos quartos na casa alugada do Pedro Saulle. O nome foi inspirado no de uma amiga de Dulce de Carmo de Minas, que ela gostava muito.

Doçuras em um tempo, amarguras em outro. O ano seguinte seria um dos mais tristes da história da cidade.

Um Natal Para Esquecer

Passa Quatro, 1956

A família tinha se mudado de mala e cuia para os fundos da loja provisória, aguardando a reforma da nova casa. Mauro colocou abaixo os dois andares de pau-a-pique para construir um novo prédio desde a fundação. Mas enquanto a força humana pode ser programada e controlada para demolir uma construção, a força da natureza é implacável e não respeita datas, por mais especiais que sejam.

A noite daquele sábado, 22 de dezembro, podia bem ser o prenúncio do fim do mundo, que se descortinava com as ameaças atômicas da Guerra Fria. Já se passavam das nove da noite e uma chuva insistente, que caía fininha o dia todo, transformou-se em uma tempestade voluptuosa. Raios e trovões, que mais lembravam lâminas azuis, riscavam monstruosas nuvens negras, anunciando a tragédia. Como era o fim de semana do Natal, “A Especialista” improvisada no quarteirão dos correios ainda estava aberta, mesmo que fosse improvável que alguma alma quisesse comprar um presente debaixo daquele aguaceiro. Rafael, sentado à porta e protegido pela marquise, ajustou os óculos no nariz cheio de espinhas, quando ouviu os sinos da igreja começarem a bater em ritmo desesperado. Logo em seguida, as badaladas ganharam a companhia de apitos estridentes do trem, o que era ainda mais estranho àquela hora. Viu um grupo de pessoas alarmadas passarem correndo por ele e levantou-se, buscando entender o que tinha acontecido. Viu outras figuras correndo pela calçada oposta e gritou sem saber se obteria alguma resposta:

— O que aconteceu?

Sem parar de correr, uma silhueta que ele não conseguiu distinguir exatamente de quem respondeu, ofegante:

— Caiu uma tromba d'água na Feira, Rafael! Está levando tudo! — E desapareceu encharcada no breu, na mesma direção do primeiro grupo.

Rafael zuniu para casa para avisar Mauro e os irmãos. As mortes de um maquinista e de um foguista da locomotiva, que desabou junto com um pontilhão durante uma enchente no carnaval daquele ano, ainda ressoavam em seus pensamentos. O corpo do foguista ainda não tinha sido encontrado.

Às vésperas do Natal, Passa Quatro foi novamente surpreendida por uma chuva torrencial, que começou às nove da noite e desabou por três horas furiosas sobre as casas que se preparavam para celebrar o nascimento do menino Jesus. As águas do ribeirão do Mato Dentro se multiplicaram antes que as pessoas se dessem conta do que estava acontecendo. Muitos dormiam naquele momento. O que antes era um pacato ribeirão transformou-se em um jorro enfurecido de mais de dois metros de altura e arrastou casas, pontes, animais, carros e tudo mais o que encontrou pela frente nos bairros da Boa Vista, Barrinha, São Francisco e Santa Terezinha.

Em uma época de sorrisos e festas, só o que se ouvia eram lamentos e gritos de dor. Destroços por toda a parte, lama, uma família inteira desaparecida, o horror impresso no rosto de cada cidadão. O mutirão de resgate se deparou com cenas dantescas, como a da doméstica Maria Madalena, encontrada morta abraçada ao cadáver de sua filha, Maria José, de um ano e meio, em meio à profusão de lama e destroços.

No dia seguinte, a cidade acordou desolada. O barro espalhado pelos rostos e casas de cada passaquatrense não era capaz de esconder as lágrimas. Equipes de resgate, repórteres, grupos de apoio, médicos, cidadãos, um batalhão de gente se uniu para socorrer as vítimas da maior tragédia da história da cidade. A voracidade das águas levou mais de quinze casas, destruiu outras cem, além do matadouro da cidade e do prédio da Rádio Clube de Passa Quatro, com suas torres e transmissores. Lavouras inteiras foram arrasadas. O furor caudaloso que escorreu do Mato Dentro deixou 32 mortos, nove desaparecidos e quase uma centena de feridos em estado grave, a maioria mulheres e crianças. Alguns corpos só foram encontrados na semana seguinte, submersos em lodaçais, cinco deles nos fundos do Ginásio São Miguel.

Na manhã de terça-feira, o dia de Natal, Mauro chegou em casa com as roupas repletas de lama, depois de mais uma noite de buscas e resgates.

— Uma desgraça só!

— Creio em Deus Pai! — exclamou Dulce cobrindo os olhos, sem acreditar nos detalhes macabros que acabara de ouvir.

— O enterro coletivo vai ser hoje às cinco da tarde...

— Que horror!

A notícia da desgraça correu o mundo e chegou ao New York Times, onde a matéria comparou o Natal de Passa Quatro com o Dia de Finados. Rafael não entendeu nada quando um repórter carioca da “Tribuna da Imprensa” parou na loja e lhe perguntou onde havia um telefone para que ele pudesse enviar as fotos e a matéria para o jornal. Não conseguia imaginar como fotos podiam ser enviadas por telefone para algum lugar, já que nunca tinha ouvido falar de fac-símile. O “Correio da Manhã” do dia 25 de dezembro estampou a manchete: “Violenta tromba d’água desabou sobre Passa Quatro”. A matéria de duas páginas contou em detalhes a tribulação dos sul-mineiros e terminou com o apoio presidencial:

“Ontem, o presidente Juscelino Kubitschek conferenciou demoradamente, pelo telefone, com o prefeito de Passa Quatro, Sr. Francisco Galvão Cesar, informando-se da situação e das medidas que estavam sendo adotadas em socorro da população. Nesse contato, o prefeito solicitou ao chefe do governo que determinasse à Fundação da Casa Popular a construção, em Passa Quatro, de novas habitações para as famílias desabrigadas. O chefe do governo não só autorizou imediatamente essas obras, como ainda declarou autorizar igualmente todas as outras providências necessárias, inclusive a remessa de gêneros alimentícios, que já começaram a seguir para a cidade assolada.”.

A Vida Muda

Passa Quatro, 1958

Cesar, com a eletricidade que só um menino de cinco anos é capaz de exibir, correu pelo longo corredor da nova casa, entrando e saindo de cada quarto. Com um largo sorriso no rosto, Mauro foi mostrando cada cômodo, prontos para recebê-los de volta. O imponente prédio de dois andares se destacava na Tenente Viotti. A escada, que antes era do lado direito da casa, agora figurava mais íngreme no lado esquerdo. Partindo de um pequeno portão, levava até um curto alpendre coberto onde havia duas portas de entrada, uma para cada parte de uma enorme sala de estar, dividida ao meio por uma porta dupla basculante, feita de madeira e vidro espelhado. Em uma parte, eles montaram a sala de estar. Na outra, mais reservada, o piano foi reinstalado e o Sagrado Coração de Jesus pendurado em uma das paredes. Uma sacada comprida percorria toda a fachada do segundo andar, projetando-se sobre a calçada da principal via passaquatrense. Logo depois de cruzar a sala, o corredor dava acesso aos cinco quartos de um lado e à copa do outro. Do lado esquerdo da copa, dois banheiros. Do direito, um pequeno escritório e a cozinha. No centro, uma porta dupla com vitrais desembocava em uma área aberta com ladrilhos. A partir dali, começava o profundo quintal. Na parte de baixo, Mauro construiu um novo espaço para a loja, com uma porta central e duas vitrines, uma de cada lado. Onde ficava a antiga escada, uma garagem comprida seguia a lateral da casa até os fundos, terminando em um galpão de pé direito alto que alcançava a parte de trás do terreno. As portas do galpão eram maciças. Ao lado, um espaço aberto sob a casa servia como depósito de algumas tralhas. Atravessando esta área, uma portinhola levava aos fundos da escada principal e, dali, outra escada subia até o quintal. “A Especialista” ganhou um espaço muito maior e Mauro ampliou o leque de produtos vendidos. Além das sementes e dos cristais, das louças e materiais de construção, a loja passou também a vender rádios, geladeiras e outros eletrodomésticos. A família de Mauro e

Dulce estava definitivamente instalada. A bela e sólida construção fez com que muitos passaquatreiros achassem que eles tinham ficado ricos. Mas a vida continuava difícil, com dívidas que só aumentaram após a obra.

— Você precisa rezar mais, Mauro — cutucou Dulce enquanto eles preparavam um suculento molho de tomate na nova cozinha. — Ir apenas à procissão da ressurreição na Páscoa e celebrar o Natal não faz de ninguém um cristão.

— Eu rezo comigo mesmo, Dulce. Não preciso de padre.

— Olha o sacrilégio!

— A missa me deixa impaciente. Você sabe como eu sou...

— Por isso mesmo, é bom sossegar o espírito de vez em quando!

— Me dá vontade de fumar!

— Mauro! — Dulce exclamou contrariada. — Pelo menos, dá o exemplo para as crianças...

— Mulher, a gente divide bem as coisas... — Ele a agarrou pela cintura. — Você cuida do exemplo da religião e eu cuido do exemplo do trabalho. Estamos combinados?

Ela riu e concordou, levando a colher de pau à boca do marido.

— É a própria Itália! — Mauro exclamou com as mãos unidas e os bigodes vermelhos, o que a fez gargalhar e o empurrar, quando ele tentou lhe dar um beijo.

Além das dívidas, Mauro tinha outro problema: não sabia dirigir. Ele conheceu um português que prestava serviços de mecânica nos caminhões do armazém de fumo dos Borges, conhecido na cidade como Mario Português. Mauro o contratou para ser seu motorista e eles se tornaram grandes amigos. E foi com ele que Mauro finalmente aprendeu a conduzir um veículo.

A família se acostumou à nova construção no número 515 da Rua Tenente Viotti. Terezinha e Edith tinham seus namoros sob estrita supervisão de Mauro e Dulce. Só podiam namorar na varanda, de onde era impossível escapar, e com a presença de um dos sobrinhos rondando de vez em quando, segurando vela. Terezinha conheceu José Henrique Schumann,

um funcionário do Banco Hipotecário e Agrícola de Minas Gerais. Edith começou a namorar João, advogado de Pouso Alegre, que volta e meia vinha à Passa Quatro para resolver algumas pendengas judiciais. Naquele mesmo ano, outras casas também brotaram na cidade. Bem ali ao lado, na esquina oposta à primeira casa em que eles moraram na subida da Romeu Espanha, os ilustres maçons passaquatrenses fundaram a “Loja Maçônica Estrela da Mantiqueira”. E as casas populares prometidas por Kubitscheck, construídas no São Geraldo, foram entregues às famílias que mais precisavam delas. A família Saullo também ganhou outro presente.

Luzes da Cidade

Passa Quatro, 1958

A vida é um fio de luz, que começa com uma explosão de energia, cruza uma infinidade de outros fios ao longo do tempo e vai perdendo a força à medida que envelhecemos. Aos poucos, os filhos de Raffaele e Grazia e os de Antônio e Áurea encontraram seus pares e geraram novos fios. Mauro e Dulce uniram italianos e mineiros. Do lado de Raffaele e Grazia, Pedro se casou com Filomena e foi exercer a medicina em Miguel Pereira, cidade fluminense. Tanina se casou com Renato. E Chico conheceu Lecy. Do lado de Antônio e Áurea, Dedé continuou solteira, não queria saber de marido, dedicando sua vida à costura. Zé Noronha casou-se com Luzia, Omar com Vera, Sebastião com Terezinha, Geraldo com Nilza, Júlia com Osvaldo, Paulo com Maria, Zilda com Abílio, Terezinha com José Henrique, Rita com José Cid, Celinho com Maria Aparecida, Alfredo com Ruth. Mas Edith não se casou com João. Ela conheceu Hélio, um promotor de Viçosa, escalado para atuar no fórum de Passa Quatro. E com ele uniu seu fio.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, descobriram que os índios iluminavam suas noites com fogueiras e com a luz da Lua. Trouxeram a lamparina, que funcionava a base de óleos. Como o óleo de oliva era importado da Europa, o que encarecia muito o processo, os brasileiros logo deram um jeito, adotando os óleos de coco e mamona. Em alguns lugares, usavam-se derivados da gordura animal, como o óleo de baleia, ou a cera de abelhas. No fim do século XVIII, algumas grandes cidades, como a capital e São Paulo, passaram a ser iluminadas com lampiões a gás. Era necessário que funcionários acendessem a iluminação pública diariamente. Em Passa Quatro, a energia elétrica chegou em 1911, depois da inauguração de uma usina hidrelétrica na Gomeira. No entanto, o novo convivía com o velho, as ruas não eram todas iluminadas de uma vez. Lampiões e lâmpadas elétricas compunham o cenário noturno dos

municípios brasileiros. Alguns estabelecimentos possuíam geradores elétricos, mas as casas ainda acendiam suas velas e lampiões quando a noite tomava conta. A coisa só mudou mesmo de figura depois que a Prefeitura Municipal inaugurou a Usina Hidrelétrica dos Lamins. As mesmas águas, que exatamente dois anos antes trouxeram escuridão para o Natal dos passaquatrenses, agora geravam mais luz. E perto do Natal daquele ano, a família Saullo ganhou um belo presente.

— Ele chegou! — gritou Maurinho, saindo correndo da varanda e cruzando o corredor da casa em direção à porta da rua. Rafael largou a revistinha do Pato Donald e o seguiu. Desceram as escadas escorregando pelo corrimão, como costumavam fazer, para desespero de Dulce e das tias.

Encontraram o pai descendo de sua mais nova companheira, uma Kombi 1958 branca zero quilômetro. O modelo, um dos primeiros a serem produzidos no Brasil, tinha o para-brisa dividido ao meio, vincos que cruzavam toda a lateral e terminavam em um V junto à placa dos para-choques dianteiros. O desenho alegre da dianteira, com seus faróis proeminentes, bem distribuídos entre o enorme logotipo da Volkswagen, e retrovisores redondos, que mais lembravam pirulitos plantados na base dos quebra-ventos, contrastava com a traseira, onde uma janela mínima pairava sobre a tampa do motor, ladeada por duas lanterninhas vermelhas, pouco maiores que um pires. Os olhos das crianças brilhavam mais do que a pintura, esmaecida pela luz do poste do outro lado da rua. Abraçaram o pai e entraram na parte da frente, checando cada detalhe do painel, da mesma cor da lataria, com um enorme volante preto montado sobre uma barra vertical, e do interior, impregnado pelo cheiro de couro dos bancos esverdeados e bem costurados, recém-saídos da fábrica. Virados um para o outro, aquela disposição dava um aspecto de sala de estar ao compartimento traseiro. Nos fundos, uma parte mais elevada escondia o motor de 36 cavalos.

— Vamos dar uma volta, pai! — gritou Ninfa, atravessando o portão, seguida por Gracia e Dulce com Elídia no colo. Atrás vinha Terezinha com Cesar pendurado em seu pescoço.

— Amanhã a gente anda! A viagem foi longa, estou cansado! — rebateu Mauro, apanhando uma pasta atrás do banco do motorista.

— Ah, vamos, pai! — insistiu Gracia. — Ela é linda!

A luz do poste piscou, o primeiro dos três sinais de que a iluminação pública seria desligada, como bem avisara o prefeito.

— Amanhã! — Recusou mais uma vez o pai. — A luz já vai apagar.

Um assovio potente ecoou na rua, vindo da direção do Hotel Gonçalves.

— É o vovôôô! — Apontou Maurinho sentado diante do volante.

Raffaele se aproximou carregando uma fôrma coberta com um pano de prato. Todos os dias, no fim da tarde ou no início da noite, ele passava na casa do filho para conversar um pouco, ver os netos e reafirmar para Dulce que ela era a melhor nora do mundo. Sempre levava algo que preparava durante suas tardes de aposentado.

— E trouxe pizza! — completou saltando do carro com a mesma euforia com que tinha entrado.

— *Ma che* bela, *figlio*! — disse Raffaele, orgulhoso com a aquisição de Mauro, com uma das mãos apoiadas sobre a janela do carona. — Cabe a *famiglia* inteira aí dentro!

— Essa é toda nacional, *papà*.

— É *vero*?

— Mais ou menos. Tem peças feitas aqui e outras na Alemanha. Mas é toda montada aqui.

— Dá para carregar bastante coisa! Esses bancos de trás dobram?

— Eles saem inteiro, *papà*. É só girar aquelas borboletas e tirar.

As lâmpadas do poste piscaram mais uma vez.

— Vamos subir pra comer! — comandou Dulce. — Já, já, vamos ficar no escuro!

— A gente quer andar na Kombi! — berrou Ninfa inconformada.

— Vocês podem guardá-la comigo — falou Mauro, o que foi seguido de vários “obas”.

Todos, inclusive o avô com a pizza nas mãos, embarcaram e se instalaram com conforto, pois espaço era o que não faltava. Rafael e Maurinho se empoleiraram no banco da frente ao lado do avô e do pai. As

mulheres se instalaram com Cesar e as meninas na “sala” de trás. A Kombi entrou de mansinho na garagem, até estacionar bem perto do galpão dos fundos. Rafael trancou o portão por dentro e eles subiram pela escada que levava ao quintal. Na mesa, saborearam uma das melhores pizzas de suas vidas, enquanto falavam sobre Pelé, o menino que ajudou o Brasil a se tornar campeão do mundo de futebol pela primeira vez na história. E nesse trançar de fios entre gerações, a luz piscou pela terceira vez e as ruas caíram no mais completo breu. No entanto, Mauro teve mais uma luz.

Quero Ser Industrial

Passa Quatro, 1959

Um programa de domingo era o almoço na casa de Raffaele e Grazia. Para o evento, talvez mais regrado do que a Santa Missa, Dulce obrigava todos a tomarem um bom banho e a vestirem roupas de festa. Depois, fazia questão de pentear o cabelo de cada um, começando com uma escova nas meninas, arrematada com laços, e um pente nos meninos. Os preparativos terminavam com um bom sermão sobre se comportar, não correr pela casa e obedecer a eles e aos avós. Mas os conselhos e o cerimonial eram ignorados tão logo as crianças pisavam no alpendre e eram recebidas pelo avô. Gracia e Rafael voavam para a cozinha e abriam os armários até encontrar os apetitosos bolinhos de queijo, que Grazia guardava sempre entre dois pratos. Depois, corriam para o quintal para brincar com Rex. A sala mantinha os mesmos móveis de quando chegaram ao Brasil. Mas os quartos eram um mistério, porque Grazia os trancava a chave. Não se sabe se todos os dias ou apenas para que as crianças não xeretassem nas visitas dominicais. Nas poucas vezes em que encontravam o quarto da avó aberto, não passavam da porta. Ficavam admirados com a elegante cama de imbuia-parda, muito bem arrumada. A mesa era farta e os filhos, cada um com seu par e prole, se confraternizavam ao sabor das massas e dos vinhos com aromas italianos feitos ali mesmo, das videiras que se espalhavam pelo quintal. Às vezes Raffaele servia um coelho assado, mas, para Elídia, dizia que era galinha.

No entanto, nem tudo eram sabores e flores. A inflação de 40% ao ano alargava o custo de vida e desesperava pais de família, que se desdobravam para fazer algum dinheiro chegar ao fim do mês. Greves gerais eclodiam por todos os cantos. Para quem trabalhava com o comércio, a tarefa era ainda mais árdua, pois os preços precisavam ser atualizados constantemente para que as margens pudessem, ao menos, pagar as contas. Durante a semana, Mauro se deitava às sete da noite praticamente todos os

dias, logo depois da sopa. Às duas da manhã já estava de pé, debruçado diante do livro-caixa e das contas a pagar. Na política, os ventos também não eram tranquilos com a proximidade das eleições presidenciais no ano seguinte. De um lado, a UDN de Jânio Quadros trocava farpas com a Frente Parlamentar Nacionalista de Henrique Lott e João Goulart. Mas nem a economia nem a política tiravam mais seu sono do que a saúde mental da mãe, que oscilava.

— Como ela está hoje, *papà*?

— Do mesmo jeito. Agora deu para carregar aquela boneca para cima e para baixo.

— Fiquei preocupado quando ela correu atrás das crianças no domingo.

— Ela estava brincando...

— Já marcou a consulta?

— Sim, no final do mês. Pedro está cuidando disso.

— Por que ela coloca aqueles jornais no peito?

— Vaidades de mulher, *figlio*. Não se preocupe, ela vai ficar *bene*. Mas mudando de assunto, como estão as coisas na loja?

— Difíceis... Vendendo o almoço para pagar a janta, como dizem os brasileiros.

— Imagino. Essa inflação derruba qualquer um.

— Tenho pensado em mudar de ramo...

Raffaele alisou o bigode e ficou calado por um tempo. Depois perguntou:

— No que você está pensando?

— Quero ser industrial!

A Vida é um Risco

Passa Quatro, 1960

Brasília acabara de ser inaugurada. Com a desculpa de evitar ataques a uma cidade litorânea e, portanto, mais vulnerável a uma invasão estrangeira, e de maior integração econômica de um país continental, Juscelino construiu uma nova sede para o governo brasileiro em pleno serrado. Erguida em tempo recorde, a nova capital dividia opiniões há muito tempo. Do século XVIII, quando o Marquês de Pombal sugeriu que a capital fosse levada para o sertão nordestino, passando pelos inconfidentes mineiros, que também defendiam uma cidade interiorana, até depois do grito de independência, quando os políticos chegaram a sugerir a mudança para Goiânia ou Paracatu do Príncipe, no noroeste mineiro, a ideia de mover o centro político da beira do mar para o meio do Brasil sempre rondou a política brasileira. Havia até a proposta de outro nome, “Petrópolis”, descartada com a Proclamação da República. A verdade é que a mudança já estava formalizada desde a Constituição de 1891 e foi ratificada na de 1934. A questão seguinte passou a ser o local, até que a Assembleia Constituinte de 1946 determinou que fosse transferida para o Planalto Central. Eleito presidente, Juscelino cumpriu a constituição, lançando as bases da Companhia Urbanizadora da Nova Capital, a chamada NOVACAP, sacramentando o nome “Brasília”, logo após ser empossado. A construção, tocada por candangos provenientes de todos os cantos do país, levou quatro anos. E o espírito de reconstrução de uma nova era para os brasileiros inspirava muitos empreendedores a perseguirem seus sonhos.

— Uma empresa falida? — perguntou Chico, enchendo o copo de cerveja do irmão, com uma interrogação de incredulidade estampada no rosto.

Desde que Ângelo partira, Mauro assumira a primogenitura e, com ela, o posto de conselheiro dos mais novos. Mas naquele dia, diante do

caçula em uma mesa do Bar do Vavá, era ele quem pedia uma opinião.

— Ainda estou analisando. O Araújo, que trabalhava na Açoreana, comprou uma fábrica em Itanhandu alguns anos atrás. Conversei com ele na semana passada e ele está querendo vender. Não vai lá muito bem das pernas, mas não está falida.

— Que diferença faz? — indagou Chico, sem esconder a impaciência. — Um negócio quebrado ou prestes a quebrar é a mesma coisa, é só uma questão de tempo. De pouco tempo!

— Mas não quer dizer que seja um mau negócio — rebateu Mauro. — Pode ser mal administrado... O Antônio Esteves pegou o guaraná Rádio da Açoreana e está indo bem...

— Meu caro irmão, a questão não é se o negócio é bom ou ruim, se os donos sabem ou não tocar. É sobre o risco. E pelo que me conta da loja, você não está em uma posição confortável para apostar tão alto...

Mauro coçou a cabeça, endireitou os óculos sobre o nariz e tragou profundamente o cigarro. Seus olhos estavam em Chico, mas sua cabeça estava no futuro.

— Como eu disse, estou analisando — retrucou, saindo do transe. E complementou: — Quer ir comigo lá na sexta dar uma olhada?

Chico deu um gole demorado na cerveja, sem saber se continuava a questionar as ideias malucas do irmão ou se o apoiava. Balançou os ombros e arrematou:

— Olhar não custa nada...

O Empréstimo

Passa Quatro, 1961

Depois de muitas conversas e análises, Chico desistiu do negócio e decidiu abrir uma vidraçaria. Mauro passou a cogitar outras opções de sócios. Podia investir apenas dois mil e quinhentos cruzeiros, mas Araújo pedia cinco mil. Precisava de alguém que completasse e que compartilhasse de seu sonho. E a visita de uma das cunhadas veio bem a calhar.

— Você está parecendo o Jânio. Teimoso... Mas admiro sua vontade — colocou Abílio, sentado diante da sua escrivaninha no escritório de casa.

— Jânio é um lunático. Esse negócio de varre vassourinha foi uma tremenda enganação populista. Espera para você ver no que vai dar.

— O povo é estúpido, Mauro. Você preferia o Lott?

— Votei no Adhemar. — Foi taxativo. — Mas vamos voltar ao assunto da nossa conversa...

— O que você vai fazer com a loja? — indagou Abílio.

— Ainda não sei, mas não dá para tocar dois negócios ao mesmo tempo.

— E por que não vende para levantar o que falta?

— Não vai chegar ao que preciso e vou ficar descoberto até engrenar com as bebidas.

— Então você vai tocar dois negócios ao mesmo tempo... — rebateu Abílio.

— Por pouco tempo! Dei uma olhada no livro caixa da empresa. A receita é boa e recorrente, os clientes pagam em dia. O problema é que são muitos sócios e eles têm os custos altos. Eu compro, enxugo e toco o barco devagarinho até poder investir mais.

Abílio ficou pensativo por um tempo, observando o amontoado de papéis sobre a escrivaninha. Mauro insistiu:

— Você não precisa estar no dia a dia. Pode voltar tranquilo para a Estiva, para o laticínio, para a política, que eu sei que você anda metido, e...

— Vamos fazer diferente... — Abílio o interrompeu. — Eu te empresto o que falta, entro de sócio com você, mas assim que o negócio engrenar, saio e você me paga do jeito que puder e achar melhor.

No dia seguinte, Mauro acordou cedo, pegou a Kombi e foi até Itanhandu para acertar os detalhes e fechar o negócio com Araújo e seus sócios. Voltou no fim do dia para Passa Quatro, com tudo acertado. Mas deixou um detalhe para resolver com Dulce.

— Quero manter a marca Cibal, pois já é conhecida, mas não com “Araújo” no nome.

— Repete para mim como é que é... — pediu Dulce, servindo uma bandeja com café e sequilhos recém-saídos do forno.

— Comércio e Indústria de Bebidas Araújo Limitada.

— Você já pensou em algo? — Ela indagou, levando uma das rosquinhas à boca.

— Pensei em um nome...

— Qual?

— Áurea...

Ela parou de comer e ficou olhando para ele com um misto de surpresa e ternura.

— Comércio e Indústria de Bebidas Áurea Limitada — Mauro completou.

Os olhos de Dulce marejaram e ela sorriu, sentindo um amor imenso pelo marido. Levantou-se e o abraçou. E ambos choraram juntos, presos em um abraço de saudades e felicidade.

A nova empresa foi registrada com sede na Rua Tenente Viotti, 515, fundos, o endereço do galpão da casa de Mauro, com filial em Itanhandu. Ao longo daquele ano, o trajeto de estrada de terra entre as duas cidades foi repetido todos os dias, sem carteira de motorista e, muitas vezes, em

primeira marcha, já que Mauro ainda dirigia mal e parcamente. Ele conseguiu reduzir os custos da empresa, que passou a lhe render mais do que a loja. Porém, as idas e vindas para a cidade vizinha, e muitas vezes para outras cidades da região, tomavam-lhe muito tempo, o que logo o fez reviver os cansativos dias em que vivia na estrada. Passava o dia todo fora de casa e retornava já perto de escurecer. Muitas vezes mal almoçava. Quando a cidade era um pouco mais distante, dormia em hotéis, ficando dois ou mais dias longe da empresa e, pior, da esposa e dos filhos. Dizem que a idade da vontade é dos vinte aos trinta, em seguida, dos trinta aos quarenta, vem a da sagacidade e, após os quarenta, chega o bom senso. Com 46 anos, já não tinha mais a mesma energia juvenil para correr atrás do rabo. Essa vida agora era para os filhos, como Rafael, que, desde o início do ano, cursava o ensino médio no Colégio Mackenzie em São Paulo. A sagacidade o levava a abrir, treze anos antes, “A Especialista” para enfim conseguir sossegar o facho em Passa Quatro. No entanto, recomeçar no vai e vem estava longe de ser uma questão de bom senso.

A primeira providência foi comprar um caminhão toco Chevrolet, de oito toneladas, para fazer as entregas. E Mario Português deixou de ser motorista particular para fazer as entregas dos produtos da Cibal nas cidades do Sul de Minas. A segunda providência já estava em sua cabeça, mas exigiria um esforço bem maior do que aprender a dirigir. Ele estava decidido a transferir a fábrica para Passa Quatro e precisava convencer os funcionários, ao menos os de funções mais estratégicas, a irem junto.

Portas e Portões

Passa Quatro, 1962

Causa e efeito, ações e reações, eis o mecanismo da vida. O ano de 62 começou com o Papa João XXIII excomungando Fidel Castro por conta das hostilidades ocorridas com padres em Cuba. Logo em seguida, o ditador cubano assinou um acordo comercial com a União Soviética, resultando em um embargo total dos americanos. No cotidiano dos ítalo-brasileiros, pequenos acordos também iam tecendo o fio dos acontecimentos.

— Itajubá? Fazer o quê? — indagou Mauro irritado, diante de um irrequieto Rafael, esparramado no sofá da sala.

— Vão inaugurar uma escola de química lá — respondeu o jovem, com o brilho dos dezoito anos vibrando nos olhos.

— Química? Você não disse que queria fazer medicina?

— O que eu quero mesmo é casar! — brincou Rafael.

— Deixa de molecagem! — ralhou Mauro. — Te enviei para São Paulo e você me repete o ano. Você acha que dinheiro cai do céu?

Rafael endireitou-se, engoliu o sorriso e mudou o tom:

— Acho que pode ser um caminho, papai. E tem a fábrica...

— Você pode até fazer química. — O pai o interrompeu antes que concluísse o raciocínio. — Mas vai cuidar da sua vida em outro lugar!

— Já me decidi, papai! Eu odeio São Paulo e descobri que também não quero ser médico.

— Você sabe o que não quer. E o que quer? Sabe dizer?

— Eu quero ser químico! — exclamou Rafael, certo de sua escolha.

Mauro passou a mão no rosto, levantou os óculos e desceu os dedos pelo nariz e o bigode, em um esforço para mudar de humor.

— Está bem! Você pode estudar química. Mas se você repetir o ano mais uma vez, eu te trago de volta e faço igual seu avô fez comigo. Vou colocar uma pasta debaixo do seu braço e te botar para vender bebida!

— Quando o senhor vai mudar a fábrica para cá? — desconversou Rafael, já satisfeito com a concordância do pai.

— Em julho!

O enorme portão de madeira do galpão na Rua Itamonte, uma das transversais da Avenida Coronel Ribeiro Pereira, que desembocavam na beira do rio, foi aberto sem muita pompa. A mudança foi feita em menos de quinze dias por ele, Mario Português e os cinco funcionários que aceitaram mudar de cidade para manterem seus empregos. Zé Ambrósio, Mandula, Geraldo, Pedro e Lucas levaram suas vidas e famílias, nascidas e criadas em Itanhandu, para um novo endereço e recomeço em Passa Quatro. Uniram-se a outros funcionários contratados na cidade. E eles se mudaram sob o manto de notícias felizes. A Cibal passaquatrense começou a funcionar um mês depois do Brasil sagrar-se bicampeão do mundo de futebol no Chile e apenas cinco dias depois de João Goulart sancionar a lei que instituía o 13º salário.

O galpão era mais espaçoso do que o anterior, com a vantagem de não ter um trilho no meio para atravancar o caminho. Bem iluminado pelo sol da Serra da Mantiqueira, que entrava pelas amplas aberturas contíguas junto ao telhado, tinha uma aparência rústica, com tijolos à vista e o chão de terra batida. Na parte dos fundos, as barricas que exalavam um cheiro doce de madeira curtida abrigavam a produção das bebidas alcoólicas. Eram organizadas de acordo com o tipo de produto, misturas de cana-de-açúcar destilada ou vinho com algum extrato para dar sabor, em algumas caramelo para dar cor e até mesmo álcool para dar mais calor. Para os compostos de vinho, havia as barricas de vermute, jurubeba e quinado. Do lado das aguardentes, as misturas eram com anis, canelinha, abutua, coco batido e alcatrão, mistura esta que resultava em um apurado conhaque. Na frente, produziam-se as bebidas não alcólicas, como o xarope de groselha e os refrigerantes de guaraná e laranja. Ali também ficava o tonel para a mistura do xarope de cada uma e o pedal, onde as garrafas de Guaranita e Laranja

Cibal eram cheias e tampadas em sequências e horários específicos. A primeira fábrica em Passa Quatro foi inaugurada com a mesma falta de cerimônia com que Mauro baixou as portas da loja na Tenente Viotti, com todos os móveis e estoque dentro, para nunca mais reabri-la.

Sabor Sem Igual

Passa Quatro, 1962

“Quando regressardes a casa, encontrareis os vossos meninos. Encontrareis algumas lágrimas por enxugar, fazei alguma coisa... dissei uma boa palavra: «O Papa está conosco, especialmente nas horas de tristeza e de amargura». E assim, todos juntos, animemo-nos, cantando, suspirando, chorando, mas sempre, sempre cheios de confiança em Cristo que nos ajuda e nos escuta, para avançarmos e retomarmos o nosso caminho.”.

Dulce terminou de ler o discurso do Papa para Cesar e Elídia e fechou o folheto da missa da semana, colocando-o sobre o sofá. As palavras a deixaram mais forte para encarar as agruras da vida. Além dos filhos e da casa, ela agora também precisava ajudar Raffaele a cuidar de Grazia, cada vez mais incapaz de lidar com a realidade.

— Como ela está hoje?

— Agora está *benne*, parece normal... — balbuciou o sogro. — De manhã, repetiu a mesma coisa um tanto de vezes. E não larga da maldita boneca. Perdi a paciência e fui cuidar dos coelhos e das abelhas.

Grazia entrou na sala.

— Tudo bem, Dona Grazia? — perguntou a nora, levantando-se do sofá.

— Tudo *benne*, Dulcinha. Como vai o Mauro? Faz alguns dias que ele não vem ver a irmãzinha. — disse, apontando para a boneca a tira colo.

— O Mauro está enfurnado na fábrica tentando melhorar as fórmulas dos produtos.

— Ele é um *bambino* muito trabalhador!

— Muito! Tanto que até sobra para os filhos. Coitada da Gracia Áurea, além de dar aula o dia todo, agora ainda tem que tirar um monte de notas fiscais para ele.

— Fala para ele vir aqui. Faz alguns dias que ele não vem ver a irmãzinha. — E apontou novamente para a boneca.

Dulce ia todos os dias até a casa da sogra, ajudava-a com os medicamentos, lavava e pendurava as roupas. Quando dava, varria a casa. Muitas vezes levava uma quentinha com o almoço. No fim do dia, ainda encontrava forças para acolher o marido com carinho, conselhos e uma boa sopa.

— Prova! — pediu Mauro após virar a metade de um líquido cor de caramelo de uma garrafinha de vidro e encher um copo americano.

— Eu provo se você for lá ver sua mãe hoje!

— Prometo que vou!

Dulce bebeu, sentiu o refrigerante descer pela garganta e fez uma careta:

— Nossa! Muito gás!

Nos dias seguintes, a cena se repetiu e Mauro ouvia atento seu veredito:

“Hummm, muito doce!”

“Tem laranja nessa fórmula? Acho que pode tirar!”

“Aquele de ontem estava melhor!”

Até que Dulce se deu por satisfeita:

— Perfeito! É o melhor guaraná que já tomei!

Mauro deu um breve sorriso, anotou algo em seu caderninho e tomou o restante da amostra que dera para a esposa provar. Sentiu o líquido adoçar sua língua e alegrar suas papilas por um instante. Engoliu bem devagar. O sorriso se alargou e ele enlaçou a esposa pela cintura, agradecendo-a com um beijo. Dulce tinha razão: aquele sabor era único. Ele finalmente tinha encontrado a fórmula ideal para o Guaranita.

Ferroadas

Passa Quatro, 1963

Raffaele subiu as escadas que levava aos fundos do quintal até alcançar o apiário, uma caixa de madeira com meia dúzia de gavetas, construído sobre um pequeno silo suspenso. Colher mel era uma de suas atividades preferidas. Encantava-se com a rapidez com que se multiplicavam e produziam. Bastava colocar uma abelha rainha e algumas abelhas na colmeia vazia e o milagre acontecia. Toda semana ele visitava o apiário para checar como andava a produção. Levava um fumegador que obrigava as abelhas a entrar nas colmeias e deixar os favos livres para serem colhidos. Nos dias ensolarados da primavera, quando sabia que as abelhas estavam fora trabalhando, nem se preocupava em colocar o chapéu e as luvas, ou com o fumegador. Estava tão acostumado àquela rotina que a falta de cuidado em se proteger podia ser colocada na conta do excesso de confiança. As mãos estavam dentro da colmeia, a cabeça em Grazia, quando sentiu uma picada no rosto.

O movimento brusco para se proteger levou-o a escorregar um dos pés da escada e perder o equilíbrio. O que era apenas um instinto defensivo teve o efeito de uma declaração de guerra. E ele descobriu na pele que o ser que costumeiramente nos remete à doçura do mel pode ser bem amargo. Milhares de abelhas se amontoaram sobre seu rosto e braços. Uma nuvem agitada carregada de pequenos raios, que perfuravam sua pele, o cobriu antes que pudesse pisar o chão. Cada movimento de defesa funcionava como mais um aceno para que mais e mais abelhas se agrupassem ao seu redor. Tropeçou e caiu. Sentia como se dez mil tomadas elétricas o atacassem sem piedade. Rolou pelo curto gramado ladeira abaixo, atravessou a mureta que separava o quintal da área de serviço e tombou no chão cimentado nos fundos da casa. Mesmo confuso, ouvia os latidos desesperados de Rex. Segundos depois, percebeu que as abelhas já não o atacavam mais. Seu rosto e braços ardiavam com o fogo da apitoxina se

espalhando pelo corpo. Tentou se reerguer, mas sentia-se anestesiado. Sob os latidos cada vez mais agudos de Rex, arrastou-se até a porta da cozinha. Conseguiu olhar para trás e soube por que as abelhas o tinham deixado em paz. Rex se tornara o alvo e se debatia sob um zunzunzum negro implacável. Raffaele conseguiu empurrar a porta com os pés e fechá-la. E logo um silêncio carregado de angústia se misturou à dor das ferroadas. Rex não latia mais. Deu sua vida para salvar o dono.

Um ferrão. Um pequeno fio rígido menor do que um alfinete é capaz de causar um inchaço do tamanho de uma bola de tênis. Quem olha para uma abelha não imagina que um ser tão singelo possa causar um estrago tão grande. Encarregadas pela natureza de proteger a colmeia, a abelha operária cumpre a tarefa em uma espécie de missão suicida. A ferroadada atravessa a pele com facilidade e descarrega toda a raiva e medo concentrados na forma de um veneno capaz de gerar reações alérgicas, falta de ar e até a perda da consciência, dependendo da quantidade de picadas. A ferroadada também atrai mais abelhas, pois o feromônio embutido no veneno funciona como um aviso de perigo para outras abelhas, que se multiplicam em alvoroço assassino.

Raffaele foi levado às pressas para a Santa Casa, onde passou mais de um mês internado. Se um ferrão é capaz de fazer um estrago, imagine mais de mil deles. Seu corpo estava furiosamente picado, dos pés à cabeça. Havia ferrões entre os dedos, nas axilas, em seus olhos. Com o auxílio de uma pinça, os netos se revezaram para retirar um a um. Uma pessoa alérgica às picadas de abelha pode morrer na hora, uma centena de abelhas é capaz de matar uma criança. Felizmente, Raffaele não era alérgico e sobreviveu. Mas o veneno continuou em seu sangue.

Gerações

Passa Quatro, 1963

A linhagem dos Saullos pode ser rastreada até o século XVII. A primeira referência que se tem é de um homem chamado Pietro Saullo, nascido por volta de 1650. Como nos trechos bíblicos que divisam as descendências, dez gerações o separam de Rafael. Pietro gerou Giacomo, que gerou Lorenzo, que gerou Aniello, que gerou Giuseppe, que gerou Fillipo, que gerou Raffaele, que gerou Pietro, que gerou Raffaele, que gerou Mauro, que gerou Rafael. Se herdássemos todos os nomes do lado matriarcal da parte dos pais, ele se chamaria Rafael Grasso Martuscello Di Cafaro Puglia Romano Del Senno Veneroso De Cusatis Tancredi Pereira Saullo. Porém, por conta do machismo dominante, os sobrenomes das mães eram apagados da história. O homem se esquece de que nasce neste mundo através de uma mulher. E não haveria Saullos se não houvesse Francesca, Anna, Elisabetta, Francesca, Sofia, Caterina, Antonia, Gaetana, Grazia e Dulce, esposas das gerações “Saullescas” desde tempos imemoriais. E essa é apenas a perna do lado paterno. Ao todo, de 1650 para cá, 512 casais precisaram se conhecer para que Rafael viesse ao mundo.

Raffaele nasceu em 1880, em Pisciotta. Casou-se em dezembro de 1909 com Grazia, quatro anos mais nova que ele. Com o pai, aprendeu a trabalhar como lenhador, uma atividade primitiva e perigosa, mas que lhe deu o sustento na juventude. A labuta podia se deparar com pisadas em cobras, quedas em buracos e ataques de insetos. Sem contar o cansaço, as câibras e os eventuais ferimentos causados pelos machados ou no transporte da madeira. Muitas vezes passava o dia inteiro em jejum, já que fazia uma refeição logo na primeira hora e só ia comer novamente quando voltava para casa no final do dia. Tentou trabalhar em uma mina de carvão nos Estados Unidos e descobriu que havia trabalhos mais difíceis do que derrubar e cortar madeira. Veio para o Brasil, onde começou transportando

e vendendo peixes para sobreviver, até entrar no comércio de fumo, ocupação que carregou até se aposentar, em 1948.

De certa forma, nós também carregamos os trabalhos de nossos ancestrais e nos transformamos. Mauro começou de onde Raffaele parou, com o fumo de rolo, depois montou um comércio até finalmente realizar o sonho de ser um industrial. Mesmo com as dificuldades na Cibal, ele não esmorecia. E ainda tinha tempo e vontade para ajudar quem precisava dele. Ajudou a pagar a faculdade do irmão, deu emprego a cunhados, volta e meia pedia para um dos filhos pegar um bacalhau no estoque da loja para mandar para Dedé, para Julia ou Ritinha. Rafael também seguiria por esse caminho. As muitas lenhas cortadas por Raffaele ajudaram a fortalecer o brio e a determinação de seus descendentes.

— O vovô morreu! — exclamou Gracia, as lágrimas escorrendo pelas bochechas.

Dulce a abraçou e elas choraram juntas. Logo os outros filhos se aninharam naquele triste abraço que prenunciava saudades eternas. Desde o ataque de abelhas, Raffaele não fora mais o mesmo. Definiu a olhos vistos, deixando de ser um homem que esbanjava saúde, terminando seus dias em pele e osso sobre uma das camas de sua casa. Nos meses que se seguiram às picadas, deixou de frequentar o quintal e de fazer o que mais gostava: alimentar e cuidar de seus animais e produzir vinhos, queijos de cabra e geleias. Ninguém jamais conseguiu assar uma pizza tão saborosa.

A morte do patriarca colocou os filhos em uma disputa por sua herança. Uma briga que deixou cicatrizes que só foram superadas nas gerações seguintes.

Em Itajubá, Rafael precisava contar com a sorte, ou proteção divina, para que sua vida não sofresse um grande dissabor.

A Hora Perdida

Itajubá, 1964

A inflação galopava e o cruzeiro acabara de perder seus centavos. Rafael caminhava para se formar no curso técnico de química em Itajubá. Morava em um quarto alugado na casa de uma senhora, Dona Lucia, à beira da recém-asfaltada BR-459, que liga Poços de Caldas a Lorena, em São Paulo. A morte do avô ainda lhe doía. Como também doía saber que o pai penava para tocar a fábrica de bebidas sem a ajuda de ninguém. E que ainda se desdobrava para bancá-lo fora e pagar suas despesas estudantis. As dores ganharam contornos mais suaves quando soube que o pai havia quitado uma parte do empréstimo do Tio Abílio, transferindo parte de suas quotas para a mãe. E desapareceram completamente por conta do amor. Durante um passeio em uma tarde de domingo na praça, ao entrar na sorveteria do Nelson, se apaixonou à primeira vista por Lourdes, filha de um funcionário da Rede Ferroviária Sul Mineira. Mas, por pouco, suas vidas não tomaram rumos diferentes.

No terceiro ano na escola de química, foi alçado à condição de presidente do grêmio estudantil. E em pleno ano de 1964, apenas sete meses depois do golpe militar, toda função ligada a movimentos estudantis podia ser considerada mais perigosa do que trabalhar em uma mina de carvão ou cortar lenha. Ele acabara de ser convidado para participar do 30º Congresso Estudantil da UNE e aceitou o convite, mesmo sabendo que as reuniões de estudantes estavam proibidas pelo regime.

— Amanhã o ônibus sai às seis horas em ponto, ouviu, Rafael? — confirmou Nérís, seu colega de turma e secretário no grêmio.

Rafael pensava em Lourdes e balbuciou um “ahn?”.

— Seis da manhã! — repetiu o amigo com veemência, tirando-o do transe.

— Eu sei. Ibiúna fica muito longe?

— Dez horas de ônibus — respondeu Nérís. — Vai desistir?

— Que nada! Estou louco para ir nesse congresso. Não é sempre que a gente pode viajar de graça.

— Você sabe que esse encontro é clandestino, né? — tentou reconfirmar Nérís.

— Eu não sei é como uma reunião de mais de 500 pessoas pode ser clandestina, mas vamos lá! Quando a gente volta?

— Domingo à tarde, se Deus quiser!

Naquela tarde, foi se despedir de Lourdes. Namoraram no portão da casa dela, que ficava no mesmo bairro, e, mesmo com seus pedidos para não ir, disse que não tinha como não participar devido à sua função no grêmio estudantil. A ela só restou rezar. Chegou em casa com a noite já adiantada, bateu um prato de arroz, feijão e almôndegas e, antes de se deitar, pediu à Dona Lúcia que o acordasse às cinco da manhã. A rodoviária ficava a dez minutos a pé, a mala já estava pronta, só precisaria mesmo do tempo para jogar uma água no rosto, vestir-se e tomar um café. Mas Dona Lúcia não o chamou. Rafael acordou às nove da manhã sem saber se ficava com raiva por ter perdido o ônibus, por ter confiado a função de despertador à locatária, ou se ficava feliz, por não precisar passar o fim de semana longe de namorada. Sorriu ao se dar conta de que ela ficaria contente dele passar o sábado, logo o dia de Nossa Senhora Aparecida, ao lado dela. “Melhor do que ao lado de uma multidão de estudantes acampados e sem banho em um sítio”, pensou em uma das tentativas para justificar a si mesmo a perda do ônibus. Porém, ele ficou aliviado mesmo quando soube, no domingo, que os 739 participantes do Congresso haviam sido presos pela Força Pública do Estado de São Paulo. Dona Lúcia o salvara de uma bela enrascada. No entanto, por ser presidente do grêmio, a polícia foi atrás dele. Rafael explicou que não fora ao congresso, mas foi obrigado a entregar as atas de todas as reuniões. Os livros não retornaram jamais à escola. Nérís não teve a mesma sorte. Mesmo depois de ser solto e conseguir voltar, não o deixaram mais em paz. Mudou-se de Itajubá e Rafael nunca mais ouviu falar dele. E uma segunda despedida estava prestes a acontecer.

Ilusões

Passa Quatro, 1965

— Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo! — O padre Domingos iniciou o rito diante do caixão aberto à sua frente e os presentes responderam “amém”. — A graça e a paz de Deus, nosso pai, e do Senhor Jesus Cristo estejam convosco.

Um segundo “amém” embargado de lágrimas ecoou pela igreja. Dulce, de braços dados com Dedé e Julia, chorava copiosamente na primeira fileira de bancos. Mauro estava com os filhos cabisbaixos no banco logo atrás. E o padre continuou:

— Meus irmãos, estamos aqui reunidos para rezar por este irmão, que terminou sua caminhada na terra. Queremos professar nossa fé na ressurreição e elevar nossas preces ao Deus da vida, para que Antônio Ribeiro Pereira seja acolhido na festa da eternidade.

Na terra, Antônio viveu as festas da riqueza e as agruras da pobreza. Herdou uma fazenda do pai, assim como cada um de seus irmãos. A infância e a juventude foram abastadas. O pequeno Nico recebeu uma boa educação e posses, graças ao pai, Alfredo, e à mãe, Rita, que todos chamavam de “*mãeotra*”. Conheceu Áurea, que também vinha de uma família rica, quando ela ainda tinha 15 anos. Casaram-se um ano depois e os filhos vieram. Ao se tornar fiador de um primo, selou seu destino rumo às dificuldades financeiras. Para honrar o compromisso, precisou vender tudo. A saída de Cristina para Passa Quatro em busca de uma vida melhor para eles deu certo. Mas apenas para os filhos. Antônio tentou se reerguer dos infortúnios na terra natal de todas as maneiras. Teve que se desfazer das vacas leiteiras, o único patrimônio que sobrou depois que foi obrigado a vender o que herdara. O emprego na prefeitura lhe deu o suficiente para se manter até se aposentar, mas apenas isso. O salário mal dava para o próprio sustento e ele terminou seus dias morando com Julia e Osvaldo. A morte de

Áurea arrefeceu a alegria que vivia estampada em seu rosto. Envolveu-se com outras mulheres, mas sabia em seu íntimo que não tinha condições de se casar novamente. Não podia, nem queria ter mais filhos. Não queria mais sustentar ninguém. Estava cansado.

Nossa relação com o dinheiro nos mostra onde estamos no mercado da vida. Independente dos juízos de valores — se é bom ou ruim —, nossa experiência neste sentido é marcada por correções que vão sendo apresentadas, definidas por escolhas e com seus consequentes resultados. O dinheiro se coloca diante de nós em situações cotidianas, alimentando ou destruindo ilusões. Transformou Raffaele, um simples lenhador, em um homem de posses e colocou Antonio, herdeiro da fortuna do pai, em dificuldades. Existir é arcar com suas responsabilidades, mesmo que ilusórias. E Antônio arcou com as suas com muito esforço. Era um homem forte e manteve-se assim até quando sua constituição física permitiu. Na semana seguinte ao réveillon de 65, sentiu uma das pernas bambearem e uma fraqueza que nunca sentira tomou conta de seu corpo. E ele caiu diante da porta de casa, quando voltava da padaria. O genro Osvaldo o socorreu e o levou para a Santa Casa. Como os recursos eram escassos, foi transferido para um hospital em São Paulo, onde faleceu no dia 25 de janeiro. Um derrame pôs fim à sua caminhada pela Terra.

O padre aspergiu água benta sobre o caixão, antes de pedir que o fechassem:

— Que Antônio e todas as pessoas falecidas, pela misericórdia de Deus, descansem em paz.

— Amém!

A Vida é Curva

Alumínio, 1968

Itagiba era um desses tipos ciumentos. Esguio, cabelos ralos em torno de uma careca pontuda, ostentava um bigode liso, cujas pontas se curvavam para cima e com as quais costumava brincar enquanto conversava. Exalava sempre uma loção barata. Ocupava, há mais de duas décadas, o cargo de auxiliar de produção da área de lingotes da CBA, Companhia Brasileira de Alumínio, a maior produtora do minério no país. Era uma espécie de funcionário público dentro de uma empresa privada. Carregava um rotineiro mau-humor ao longo do expediente, não permitia que ninguém se metesse nos seus assuntos e agia como um cofre ambulante sobre as operações da empresa. Quando saía de férias, trancava a porta do seu escritório e a produção praticamente parava durante os dias em que ficava fora. Rafael, recém-casado com Lourdes e contratado como químico pela indústria e mineradora, não entendia como uma empresa daquele tamanho era capaz de depositar tudo nas mãos de um único funcionário. “*Muito tempo de empresa*”, respondeu para si mesmo, só isso explicava tamanho poder. Porém, longe da CBA, Itagiba era outro, chegava até a ser simpático. E ele foi com a cara de Rafael. Eram vizinhos, moravam na mesma rua na cidade de Alumínio, em São Paulo. Lourdes conheceu sua esposa e elas combinaram um jantar.

— Te deixaram na sala com outros cinco químicos sem nada para fazer? — Itagiba riu da própria pergunta.

— Sim. Ficamos um mês um olhando para a cara do outro. Depois me transferiram para a metalurgia. E eu não sabia nada da área. Disseram que era ideal para o cargo justamente por causa disto — explicou Rafael, do outro lado da mesa de jantar.

— Essa empresa é uma piada!

— Pois bem, Itagiba. — Rafael engoliu seco. — Agora me mandaram fazer um inventário na produção.

— Inventário? — Ele indagou desconfiado, girando a ponta do bigode com uma das mãos.

— Sim, querem saber tudo o que entra e o que sai... Quantidades... E eu vou ter que fazer uma planilha de tudo.

— Essa é boa. Quero só ver! — debochou Itagiba.

— Tudo bem para você?

— Fazer o que, né? Mas não me pergunte nada. Vire-se com o que encontrar por lá! E no mês que vem eu saio de férias!

Rafael passou a frequentar a área tocada por ele e a tomar nota de tudo o que acontecia, a matéria-prima que entrava, os produtos que saíam, não deixava passar nada. Durante um mês inteiro, aprendeu como funcionava a fundição e produção de lingotes de alumínio. O que ele não sabia é que fazia parte de uma estratégia da direção para desconcentrar informações dentro da empresa. Itagiba mal voltou de férias e, vendo que Rafael tinha conseguido passar adiante o conhecimento que ele relutava em compartilhar, parabenizou-o pelo feito. No fundo, sentiu-se aliviado por não ter mais que controlar tudo.

Em Passa Quatro, o vento do progresso soprava mais forte e tremulava o pavilhão municipal, criado pela pintora Maria José Borges Guedes, a pedido do secretário municipal, Pedro Mossri. Mauro quitou a dívida que tinha com Abílio e suas cotas restantes da fábrica foram transferidas para Dulce. Com seu apoio e de outros cidadãos ilustres, a iluminação pública ganhou uma força a mais e passou a ser responsabilidade da CEMIG, acabando com os apagões e desligamentos com hora marcada e melhorando a distribuição de energia elétrica na cidade. A MG-158, que liga o alto da serra a São Lourenço, foi asfaltada e uniu-se à SP-52, que desce até Cruzeiro, facilitando o acesso e o transporte entre as cidades do Sul de Minas e o Vale do Paraíba. Se antes era comum levar de quatro a cinco horas até a mais famosa estância hidromineral mineira ou à primeira cidade paulista do outro lado da serra, agora era possível cumprir ambos os trajetos em menos de uma hora. Mas a velocidade também trouxe problemas.

Mauro deu partida na Kombi e cruzou o trevo, entrando na novíssima estrada, que reluzia como um veludo betumoso sob o sol de inverno. Precisava ir a Pouso Alto receber o pagamento de uma entrega. Já tinha mais traquejo no volante e não usava apenas a primeira marcha, como costumava fazer pelas estradas de terra. Passou pelo primeiro trevo de Itanhandu e seguiu observando a cidade, que crescia esparramada ao longo do percurso. Chegou ao segundo trevo e tomou a estrada em direção a São Lourenço. A experiência também pode descambar para o excesso de confiança. O ponteiro do velocímetro já alcançava os oitenta quilômetros por hora quando, logo depois do Viramundo, perdeu o controle do volante e passou direto em uma curva, indo se estabacar contra uma cerca de arame farpado no fim da colina. Por sorte, ela não era tão alta, nem tão íngreme. Mauro saiu ileso, apenas com algumas escoriações. A frente da Kombi foi destruída e a curva batizada de “curva do italiano”. Ele ganhou mais uma vida. Mas a de Dona Grazia, sua mãe, estava por um fio.

Saudades

Passa Quatro, 1970

A taça do mundo era nossa. E não havia quem pudesse com os brasileiros em campo. O milagre econômico estava a pleno vapor, mas a um custo pesado. O crescimento do país na década anterior tinha piorado a distribuição de renda e o poder de compra do salário mínimo, cortado pela metade. A inflação galopava e o cruzeiro novo, instituído por Castelo Branco três anos antes, voltava a se chamar cruzeiro, perdendo os centavos. O mundo também descobriu que o petróleo não era um recurso natural renovável. As estimativas eram de que o “ouro negro” se esgotasse em menos de uma década, causando uma explosão no preço do barril. Em Passa Quatro, o padre Domingos, que ensinava em suas aulas de religião que o mundo tinha “quaquilhões” de anos, fundava o CTI, o Colégio Técnico Industrial. E Gracia Áurea se casava com Nelson, mineiro de Machado, que tinha chegado à cidade para ser gerente de banco.

— Papai, você não pode dirigir assim! — disse Rafael, sentado na mesa da cozinha de frente para Mauro. Ele e Lourdes tinham acabado de chegar de Alumínio, vinham apresentar o primeiro filho, neto e bisneto aos avôs e à bisavó.

— Já fui ao oculista... Catarata. Mas enxergo bem de longe. — O pai respondeu após um longo trago no cigarro.

— Tem que cuidar disso. Ou vai cair em barranco de novo.

— Deus me livre! — exclamou Dulce, que ouvia a conversa, cortando o doce de leite recém-saído do forno em cubinhos simétricos.

— A Gracia me contou que você está pensando em trocar a casa com a do Banco Hipotecário — mencionou Rafael ao pai.

— Agora se chama Bemge. O Nelson me propôs isso. A casa é bonita, mas não sei se vale a pena.

— Por que você não tira as coisas da loja e não aluga o espaço para o banco? Está fechada há anos... Daqui a pouco apodrece tudo!

— Vou pensar nisso...

— Como vão as coisas na fábrica?

— *Male*. Paga as contas, mas está cada vez mais difícil.

— Se você quiser, quando acabar a faculdade, volto para cá para te ajudar.

— De jeito nenhum! — Mauro foi taxativo. — Largar um negócio certo por um duvidoso, só se você for doido. Não quero!

Mais tarde, Rafael e Lourdes foram visitar Dona Grazia.

— Como ele *si chiama*? — indagou Grazia, segurando o primeiro bisneto no colo. O bebê, com apenas dois meses, sorriu.

— Eldes Mauro! — respondeu Rafael.

— Eldes? — perguntou com um fio de voz.

— É o final do nome do Rafael com o meu — explicou Lourdes, ao seu lado.

Grazia fez que entendeu, acariciou o rosto da criança e esboçou debilmente o sinal da cruz em sua fronte. Aos 86 anos, mesmo caducando, ainda era capaz de um gesto de carinho. Desde a morte de Raffaele, morava com Chico e a esposa, Lecy, na mesma casa onde abarcara quando chegou da Itália. As saudades da terra natal e dos irmãos e parentes, que nunca mais viu desde que pisara no Brasil, às vezes relampejavam em sua cabeça sem memórias. Mas as perdas de Ângelo, seu primogênito, e da breve Ninfa irrogavam um vazio perene em seu ventre. A morte aliviou sua dor.

A Vida Se Repete

São Paulo, 1971

Dulce abriu os olhos e a luz azul difusa irritou seus olhos. Fechou-os. Ouviu a voz da enfermeira em um inconfundível sotaque paulista:

— Que bom que acordou, Dona Dulce! Como se sente?

Não respondeu. Recobrou, aos poucos, as memórias de como fora parar naquele quarto de hospital. Quatro meses antes, tinha acompanhado Edith em uma mamografia. O médico insistiu para que ela também fizesse o exame. Os resultados apontaram um nódulo suspeito no seio esquerdo e, após a extração e biópsia, veio o diagnóstico do câncer, um tumor maligno que já se alastrava. Nos meses seguintes, foi a São Paulo algumas vezes para sessões de quimioterapia. Pegava o ônibus sozinha na rodoviária de Passa Quatro, descia no Tietê e ia até a casa do irmão, Paulo, de circular. Ele a levava até a clínica. Depois de se recuperar das sessões, o que geralmente levava um par de dias, fazia o trajeto inverso. O esforço não adiantou e a solução foi a mastectomia. Para garantir que não houvesse mais problemas, ambas as mamas foram retiradas totalmente – mamilos, auréolas e peles. Lembrou-se da mãe, levada precocemente em uma mesa de cirurgia, também por conta de um câncer. Agradeceu a Nossa Senhora por continuar viva. Desejava viver ainda muitos anos. “*Para você dou o Sol*”, a imagem vívida da mulher de trapos, que visitara a fazenda da sua infância, veio à mente em seguida. E lembrou-se que ela também não tinha seios. E que se chamava Maria.

*“Non ho l'età, non ho l'età
per amarti non ho l'età
per uscire sola con te.”*

A voz melodiosa de Gigliola Cinquetti fluía da vitrola para a sala de estar, quando Dulce chegou em casa e Mauro a enlaçou com um abraço aliviado. Choraram juntos.

— Como você está?

— Curada! — Ela exclamou, soltando seus braços. Olhou para cima, apertou seu rosto com uma das mãos, e completou: — Mas agora você tem uma mulher sem peitos!

— O que importa é que está viva!

— E vou continuar por muito tempo! — Ela sorriu e ele a abraçou de novo.

Os seios, admirados em versos e prosas desde que Deus retirou uma costela de Adão e lhe deu uma companheira, talvez sejam a expressão mais carnal do feminino. Os seios amamentam, ato substancial para a perpetuação da vida. Gracia, Rafael, Ninfa, Maurinho, Cesar e Elídia se tornaram o que são graças ao leite que Dulce espremeu em suas boquinhas famintas. Perder ambos os seios é uma ameaça não apenas funcional, mas também psicológica para qualquer mulher, mesmo beirando seus sessenta anos. Mas para Dulce, o simples fato de estar viva bastava, era motivo de gratidão e não de lamentação. E o amor incondicional do marido, mesmo trinta anos depois do casamento, foi fundamental para que ela seguisse em frente com feminilidade e fé.

Rafael acabara de se formar em Administração de Empresas e sua carreira decolava na CBA. Da mesma maneira que Eldes, seu segundo filho, Fabrício, nasceu em São Roque, já que não havia uma maternidade em Alumínio. O jeito era ir voando de ambulância para a cidade vizinha quando a bolsa estourava. Enquanto isso, a catarata de Mauro se aprofundava, tornando sua vida de industrial ainda mais difícil. Seus filhos sabiam disso e se preocupavam cada vez mais com sua saúde.

Naquele mesmo ano, um telefonema abalou um lar passaquatreense. Justamente o de Lucas, um dos primeiros vendedores de Guaranita, que mancava com sua pastinha debaixo do braço, tirando pedidos pela região. Lucas de Souza Dias foi um dos cinco funcionários que vieram com Mauro de Itanhandu para Passa Quatro. A ligação anônima avisou que seu filho, Ivan Mota Dias, havia sido preso por agentes do Centro de Informações da Aeronáutica no Rio de Janeiro. Seu nome integrava uma lista do DOI-CODI do Primeiro Exército. Lucas e sua esposa, Nair, passaram o resto de suas vidas atrás de informações, muitas delas desconstruídas ou contradizentes, sobre seu paradeiro. Chegaram a enviar cartas para

Garrastazu Médici, para que ele os ajudasse a encontrar o filho desaparecido nos porões da ditadura. Ivan nunca foi encontrado. Nem mesmo seus restos mortais. Além, de Ivan, outro passaquatrense se foi com os ventos turbulentos da ditadura militar. Era sobrinho do João Orlando, do Bar Castelo, e era chamado de Osvaldão.

*“Se tu vorrai
Se tu vorrai aspettarmi
Quel giorno avrai
Tutto il mio amore
Per te”.*

Santa Terezinha

Passa Quatro, 1971

Tereza Martin nasceu com uma doença rara. Sua mãe morreu quando ela tinha apenas quatro anos. Ela, então, se apegou à Paulina, a irmã mais velha. No entanto, Paulina decidiu seguir a vocação e se tornou uma carmelita. Com a distância, a doença da menina se agravou. Certo dia, ao olhar para uma imagem da Imaculada Conceição de Maria, de quem seus pais eram devotos, percebeu um sorriso da Virgem e foi curada. Depois disso, decidiu também se tornar uma carmelita. Santa Terezinha levou a sério o caminho da perfeição e revelou ao mundo que a perfeição está nos gestos mais simples, nas pequenas coisas, nas obrigações que fazemos com e por amor.

— Nós não vamos te demitir! — O diretor foi taxativo.

— Olha, Chefe. Sei da grande oportunidade que a CBA me deu e o quanto vocês estimam meu trabalho, mas meu pai precisa muito de mim. E não posso abandoná-lo. Não vou abandoná-lo. — Rafael tentou sensibilizá-lo com sua realidade.

— Não vamos te demitir, Rafael! — repetiu o chefe, intransigente.

— Bom, nesse caso... Eu me demito!

Rafael assinou sua rescisão, ele e Lourdes empacotaram a mudança e, em menos de uma semana, já estavam instalados, com os dois filhos, em um sobrado na Rua Ângelo D'Alessandro, quase em frente à casa onde Raffaele e Grazia viveram desde que chegaram da Itália. A contragosto dos ex-chefes na CBA e do próprio pai, Rafael voltou para Passa Quatro para colocar em prática a química e a administração aprendidas a serviço da Cibal. Encontrou um negócio estagnado, mas com algumas economias em caixa. A primeira coisa que percebeu foi que, para crescer, era preciso ter mais espaço. Após algumas infundáveis discussões com Mauro, decidiram

comprar um terreno no bairro com o mesmo nome da santa, que pregava que a perfeição estava no cotidiano levado com amor. Ficava também próximo à chácara onde Antônio e Áurea aportaram na cidade, depois de deixarem Cristina para trás. Em pouco tempo, ergueram um galpão com pé direito alto e um telhado em curva e mudaram a fábrica da Rua Itamonte para a Rua Pedro Lemes. E levaram junto o cheiro das barricas e tonéis de madeira, uma mistura adocicada de xaropes, vinhos e caninhas.

No entanto, a produção continuava artesanal. Cada garrafa de 600 ml e de 290 ml era cheia, tampada, misturada, rotulada e colocada no engradado usando as mãos. Uma a uma. No fim do dia, uns setenta caixotes estavam empilhados nos fundos, onde uma plataforma mais alta permitia que um caminhão fosse carregado com mais facilidade. Um funcionário empilhava cinco caixotes em um carrinho de mão vertical e o empurrava da plataforma para cima da carroceria, onde outro descarregava e organizava a carga, enquanto o primeiro voltava para recarregar o carrinho. Depois disso, a carroceria repleta era coberta por uma lona e amarrada bem firme com cordas parrudas, cruas ou azuis. Na maior parte das vezes, exceto quando algum distribuidor enviava seu próprio fretado, o caminhão estacionado ali era vermelho, modelo L-1313, referência às treze toneladas que podia levar, da Mercedes Benz. E sempre partia dali, rumo aos bares, restaurantes e distribuidores da região, com o Mario Português no volante e carregado além do teto.

Alguns anos depois, outros dois filhos juntaram suas forças para que a Cibál desse certo. Maurinho e Cesar entraram na sociedade. Junto com Rafael e o pai, decidiram que era preciso focar, e o carro-chefe da empresa era o Guaranita. Primeiro, encerraram a produção e comercialização de bebidas alcoólicas. Depois, pararam com a groselha e os refrigerantes de outros sabores. No início da década de oitenta, Mauro transferiu suas cotas para Elídia, mas continuou trabalhando. Com esforço, adquiriram uma lavadora rotativa automática, uma máquina de quase dez toneladas, que levou mais de um mês para ser montada. Passa Quatro e Itanhandu chegaram a ter sete fábricas de refrigerante nas décadas de sessenta e setenta. Entre trancos e barrancos, a Cibál chegou ilesa ao final do século XX. A fábrica do Seu Mauro, Dona Dulce e filhos foi a única, das duas cidades, que resistiu ao tempo e à economia.

O século XXI trouxe ampliações e reformas no galpão, novas máquinas — enchedoras, misturadoras, rotuladoras, — adequações e readequações para atender às normas e regulamentações da indústria de bebidas e ganhou uma estação de tratamento de rejeitos. O número de funcionários com seus uniformes azuis e o logotipo Cibal em vermelho se multiplicou. A empresa ganhou a energia de alguns dos netos, como Rafinha e Patrícia, Elisa e Daniel. E ampliou seu leque de produtos. Além do Guaranita, lançou o Cibal Laranja, Cibal Uva, Cibal Citrus e Cibal Cola. Também lançou a água Sul de Minas. Todos eles engarrafados com a mais pura água mineral, que jorra da Fonte Mauro Saullo. Quando começou, Mauro engarrafava mil litros de refrigerantes por dia. Hoje são 10 mil litros por hora.

Em 2017, em um congresso promovido pela Afrebras, Associação dos Fabricantes de Refrigerante do Brasil, os visitantes provaram amostras dos produtos, das quais avaliavam sabor, gaseificação e aroma. As amostras eram bebidas sem nome, apenas com códigos. O Guaranita levou o ouro e foi eleito o guaraná com “O Melhor Sabor do Brasil”.

Arrivederci

Passa Quatro, 1984

— Não quero que aconteça com vocês o que aconteceu com meus irmãos. Por isso, antes de partir, vou deixar tudo decidido. E, Maurinho e Cesar, parem de fumar!

A nicotina percorre o corpo em menos de dez segundos. É inalada e absorvida pelo pulmão, entra na corrente sanguínea e libera neurotransmissores que geram uma sensação de imenso prazer. O vício é imediato. E ela é apenas uma das mais de quatro mil substâncias nocivas, dentre elas partículas, gases e agrotóxicos, usados no plantio do tabaco, incluídas em cada cigarro. Dizer que o cigarro faz mal à saúde é muito raso se comparado ao tamanho do estrago que causa. O tabagismo lesa as vias respiratórias, destrói alvéolos e brônquios, esgota o pulmão. E gera doenças vasculares, cardíacas, gástricas, cerebrais e atinge praticamente todas as células do corpo. O resultado, na maior parte das vezes, é um câncer. Mauro fumou a vida inteira. Durante muito tempo, foram quatro ou cinco maços de Pulmann por dia, ou seja, quase uma centena de cigarros por dia. Se descontarmos as horas de sono, praticamente um a cada dez minutos. A Cabala encara o cigarro como uma tentativa do homem de dominar o fogo, o elemento terreno que mais se aproxima da chama divina. Nesse ato, o homem animal luta com o ser espiritual que há dentro dele, em uma busca desesperada para compreender o sentido da existência. Mas existem maneiras mais equilibradas dessa conversa interna evoluir sem que o animal seja destruído. Mas para Mauro, já era tarde demais.

No final da década de 70, descobriu um tumor maligno no reto. Passou por uma cirurgia e, desde então, foi obrigado a usar uma bolsa de colostomia. Ainda que lhe causasse desconforto, seguiu em frente com seus afazeres na fábrica e em casa. Seu Fiat Panorama não parava, vivia de um lado para o outro, para cima e para baixo pelas ruas de Passa Quatro.

Orgulhava-se de dirigir um carro italiano feito no Brasil. Adorava pegar a estrada e ir vender seu guaraná, principalmente nas cidades do Sul de Minas. Sempre retornava com queijos, goiabadas e outras guloseimas para os netos. Mauro adorava celebrar a Páscoa e o Natal, as duas datas católicas capazes de aproximá-lo de Deus. Os almoços de domingo continuaram animados, reunindo cada vez mais gente. Mesmo debilitado, fazia planos de levar toda a família para visitar a terra natal. Quando falava de Pisciotta, seus olhos, cobertos por lentes profundas, reluziam saudosos e viajavam para bem longe, para além de um vasto oceano.

Mauro não se fez de rogado com a doença. Nos últimos meses antes de sua morte, transferiu os bens para os filhos e cuidou pessoalmente da construção de seu jazigo no cemitério municipal. Era um homem que colocava as mãos e os pés na frente da cabeça e até mesmo do coração. Não tinha medo de colocar em prática uma ideia, mesmo que o mundo inteiro dissesse para ele que não daria certo. Coisa de um taurino teimoso, os astrólogos poderiam dizer. Mas era mais determinação do que teimosia. Não estudou, aprendeu a ler lendo o jornal. Não sabia dirigir, contratou um motorista e foi aprendendo com a observação. Não tinha a menor ideia, nem qualquer experiência do que era ser um industrial, e, não apenas correu atrás, como insistiu na concretização do seu sonho. Em 1983, foi agraciado com o título de “Cidadão de Passa Quatro” pela Câmara Municipal.

Lembro-me de estar nos pés da cama de hospital montada em um dos quartos da casa que construiu. Ao seu lado, meu pai, Rafael, e minha mãe, Lourdes, conversavam com ele, enquanto eu e meus irmãos, Fabrício, Rafinha e Patrícia, observávamos nosso avô se despedir aos poucos do mundo. Eu ainda não tinha a compreensão do que era a vida ou do que seria a morte. Muito menos do que aquele homem frágil, cercado por aparelhos, tubos e soro, foi capaz de enfrentar nos 69 anos que viveu, 11 deles na Itália, 58 no Brasil. Terminando a oitava série, eu estava prestes a me mudar para Itajubá, onde faria o colegial. E minha mãe contou para ele dos meus planos e da sua preocupação. Ele respondeu:

— Deixa o “Érdes” ir. Ele é um menino responsável!

Mauro Saullo partiu tranquilo, sabendo que havia cumprido sua missão. O italiano mais mineiro que já conheci enfrentou muitos percalços na vida. Apesar das agruras, viveu com uma intensidade fulgurante, com muito amor pelos seus. Ao lado de Dulce, dos filhos e das boas pessoas que

cruzaram seu caminho, pode-se dizer que a vida de Mauro foi doce. Com um sabor sem igual.

A Vida é Doce

Passa Quatro, 2013

Dizem que o amor tem três componentes: compromisso, amizade e paixão. Que se faltar uma das três no casamento, a coisa desanda. Dizem também que se você somar a isso a gratidão, nada é capaz de abalar a vida a dois. E foi assim que Mauro e Dulce viveram desde que se conheceram. Com a mesma paixão do dia em que seus olhares se cruzaram pela primeira vez, com uma amizade que se fortaleceu a cada obstáculo e com um compromisso selado, que se estendeu além da morte. Dulce ainda viveu quase 30 anos após a partida do marido. E sua consciência espiritual a manteve sempre com uma atitude de gratidão. Ele entendeu que sua missão de fazer o bem ainda continuaria. Muitos casais se desfazem com a morte de um dos cônjuges e o par que fica entra em uma lamentação sem fim, de que a vida acabou. Sua maturidade não permitia isso. Ela ainda tinha uma missão com os filhos, com os netos, com a igreja. Enquanto foi capaz, fazia questão de continuar reunindo a família para a macarronada dominical, nos almoços de Páscoa e de Natal. Sua energia não esgotava. Com 100 anos, ia à missa todas as semanas. E ainda ajudava lavando as toalhas usadas nas celebrações com a mesma presteza de quando tinha mais vitalidade. Levantava-se da cama com a flexibilidade de uma ginasta — alçava os pés quase à testa para calçar os sapatos — a mesma que esbanjava ao lidar com as pessoas e com os acontecimentos. À medida que a vida lhe apresentava os desafios, Dulce os contornava com tranquilidade, aceitava, confiava, agradecia e entregava a Deus. Seu aniversário de 101 anos foi uma festa onde Noronhas, Pereiras e Saullos se reuniram para celebrar e agradecer por seu jeito, pela sua dedicação, por cada dia de sua bem vivida existência.

— A gente precisa escrever a história da nossa família! — dizia para a irmã, Terezinha, sempre que a encontrava.

Pois é, vó. Aqui vai um pedaço dela, uma ínfima parte do que realmente foi a vida de um italiano e uma mineira que se apaixonaram, se tornaram melhores amigos e se amaram todos os dias de suas vidas. E além deles. Quando as pessoas se derem conta de que o verbo amar é inexistente, que o que existe é apenas o Amor, e que basta amar a tudo e a todos para ser amado, agindo o melhor que puderem para que o outro sinta conforto diante delas, neste dia o Amor se fará. Ela compreendia isso como ninguém. Juntos, Mauro e Dulce tiveram seis filhos: Gracia, Rafael, Ninfa, Maurinho, Cesar e Elídia. E os seis filhos geraram 15 netos, 34 bisnetos e uma trineta, até o presente momento. Uma família onde o amor se faz presente em cada encontro, em cada conversa, em cada abraço e beijo. Juntos, Mauro e Dulce passaram juntos por muitos negócios. Tentaram, caíram, se reergueram, trabalharam. E deixaram um legado onde gratidão rima com dedicação e amor rima com sabor. A Cibali tem a dedicação de Mauro e a doçura de Dulce.

Dona Dulce se foi com 101 anos e meio. Com o amor que Mauro lhe deixou, poderia ter vivido mais cem. Afinal, ela era a dona do Sol. Quem olhava para aquela senhora magrinha, de aparente fragilidade, tinha a certeza de que cada uma de suas rugas — a falência do pai, a perda precoce da mãe, o suor para criar irmãos caçulas e filhos, o câncer de mama, a morte de Mauro — não eram pares para a sua felicidade constante. Seus olhos transpiravam realização.

Lembro-me de que, toda vez que ia visitá-la, ela me contava histórias da infância, da juventude ou de Mauro. Recitava trovas, cantava músicas. E sempre fazia uma pergunta para qual não havia uma resposta simples. Segurava minhas mãos e, com uma voz gostosa, que até hoje ouço com a nitidez de como se ela estivesse aqui ao meu lado, indagava com um sorriso tão doce quanto seu nome:

— Você está feliz?

Sobre o Autor

Eldes Mauro Saullo é Escritor. Nasceu em São Roque e cresceu em Passa-Quatro. Formou-se em Marketing. Editor, autor de 22 livros e Professor de Escrita Criativa e Marketing Literário, é o neto mais velho de Mauro e Dulce. Tem quatro filhos e mora em Itanhandu.

eldessaullo.com

Bibliografia

- “Memórias de Passa Quatro”, de Helena Carneiro, organizado por Zilda Carneiro, 1988, Ed. Raízes.
- “A Família Pereira – Descendentes de Domingos Antônio Pereira”, de Américo Arantes Pereira.
- “A Família Noronha” – Genealogia datilografada por Tereza Pereira Schumann.
- “A tromba-d’água de 1956 em Passa Quatro”, de José Roberto Sales.
- Genealogia da Família Saullo no “Geneanet”, organizada por Maxime Emery.
- Museu da Imigração da Ilha das Flores.
- Correio da Manhã
- Revista do Rádio
- Wikipédia

Outros livros do Autor disponíveis na Amazon:

- [O Hábito da Escrita em 21 Dias – Como Desenvolver Foco e Determinação para ser um Escritor Bem-Sucedido](#)
- [365 Coisas Para Escrever Sobre - Ideias para Se Inspirar, Desenvolver o Hábito da Escrita e Se Transformar](#)
- [Escrevendo Romances – Como Escrever Histórias de Amor Que Apaixonam](#)
- [Escrevendo Terror – Como Escrever Histórias Sobrenaturais de Arrepiar](#)
- [Escrevendo Ficção Científica e Fantasia – Como Contar Histórias de Outros Mundos](#)
- [E-book Marketing - 50 Maneiras de Promover Seu Livro e Vender Mais](#)
- [Vendendo Poesia - Como lançar livros poéticos, divulgar poemas e se promover como poeta.](#)
- [E-book em 48 Horas – Como Escrever um Best-Seller de Negócios ou Autoajuda](#)
- [E-book Expert – Como Planejar, Pesquisar o Mercado e Escrever Um Livro de Não Ficção Extraordinário](#)
- [Seu Livro no Kindle - Como Escrever e Publicar um E-book na Amazon](#)
- [Seu Livro Impresso na Amazon - Como Publicar um Livro em Papel no KDP e Vender Sob Demanda](#)
- [Seu Livro Infantil no Kindle – O Guia Ilustrado de Como Criar e Publicar um E-book Infantil na Amazon](#)
- [Capas Que Vendem - Os Segredos das Capas de Livros Que Atraem](#)
- [Planejando Livros de Sucesso - O Que Especialistas Precisam Saber Antes de Escrever um Livro](#)
- [150 Nichos Quentes – Como Identificar Segmentos de Mercado Poderosos e Lucrar com Eles](#)
- [Um Passeio pelo Bosque da Criação – A Gênese do Escritor nos Versos do Princípio](#)
- [Marketing de Aplicativos - Uma Fórmula Infalível Para Planejar e Lançar Apps Mobile de Sucesso](#)
- [e-Commerce de Sucesso - Como Criar e Desenvolver Lojas Virtuais Que Vendem](#)
- [A Cabala da Consciência - Como ir direto para o céu](#)
- [Como Transcender no Metrô Lotado - O manual para ser feliz em um mundo conturbado](#)
- [Com Quantos Contos Se Faz Um Mundo?](#)

Sobre a Casa do Escritor

A Casa do Escritor é uma consultoria que presta serviços e auxilia escritores no processo de produção, publicação e lançamento de seus livros.

Conheça os livros publicados e saiba mais em casadoescritor.com.br



casadoescritor.com.br